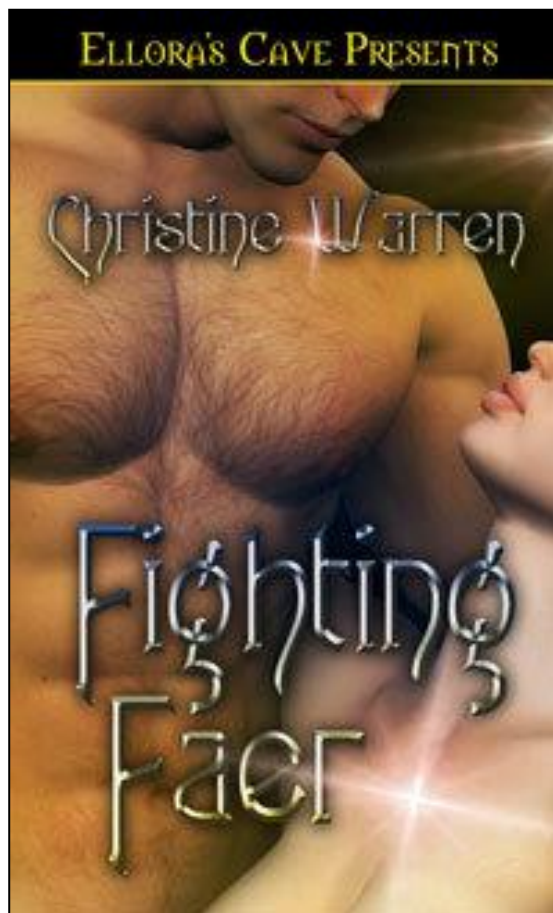




Christine Warren

Fixed 04

Lutando contra Fae



PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Revisão Inicial: Conceição

Revisão Final: Silvia Helena

Visto Final: Fidalga



Depois de ver duas de suas melhores amigas se casarem, uma com um vampiro sugador de sangue e outra com um lobisomem de cara peluda, Corinne jurou que não haveria namoro “interespecies” em seu futuro.

Enquanto investiga o aparecimento de um selvagem duende em Manhattan, ela conhece um homem que faz com que manter esse voto se torne uma promessa complicada. Afinal, quando ela jurou não ficar na horizontal com qualquer pessoa não humana, ainda desconhecia a existência deste Fae.

Ela certamente nunca foi seduzida por um pedaço sexy e sobrenatural como Luc. E ela não tinha ideia de que quando se tratava de assuntos do coração, Luc não acreditava numa luta justa...

Capítulo Um

Servia como um testemunho de seu poder majestoso, Lúcifer McAnu refletia, que ninguém no reino Fae poderia se comparar à Rainha de Faerie quando ela se esforçava para ser uma enorme dor, em seu peludo traseiro.

Claro, se alguém dissesse tal coisa em sua presença, ele como soldado da Guarda de elite teria que cortar a garganta do bastardo traidor. Mas sentia uma pontada de culpa hipócrita enquanto guardava sua espada de prata.

A única coisa que ele sentia nesse momento, enquanto guardava a espada no que os mortais chamavam de “mochila”, era uma necessidade urgente de beber uma garrafa de vinho Fae e desmaiar sob uma árvore em algum lugar. Acrescentou uma muda de roupas, uma faca de entalhar madeira, um arsenal de armamento Fae e seu par de sapatos favorito. Talvez se bebesse o suficiente, e ficasse inconsciente, a Rainha esqueceria a missão para qual o enviou. Claro, isso parecia tão provável quanto ele abandonar a vida Faerie para sempre e ir viver entre os humanos. Ugh!

Um golpe registrou-se em sua mente, mas não se incomodou além de grunhir e prosseguir, ignorando a interrupção. Infelizmente, esta interrupção não podia ser ignorada e escolheu atendê-la com a destreza do Fae que era.

— Luc, Luc, Luc. — O intruso repreendeu, andando relaxadamente no quarto para permanecer ao lado da cama grande, com os braços cruzados acima do peito musculoso e o rosto mostrando uma expressão zombeteiramente lamentável. — Eu disse a você que seria inútil, esta

propensão sua de fazer seu trabalho bem e com eficiência. Isto é muito mais parecido a uma característica humana que com a de um Fae realmente, e parece que eu estava certo, não é?

— Vá à merda Fergus. — Luc deu a seu amigo e companheiro de armas um olhar fulminante com os olhos verdes estreitados e continuou enchendo a mochila com seus pertences. Ele colocou dentro vários pares extras de meias e os usou para acolchoar o frasco de vinho que adicionou ao equipamento. — A última coisa que preciso agora é sua tentativa sangrenta de consolação.

— Oh, eu não vim para consolar você. — Fergus se moveu para inclinar-se no fim da cama e automaticamente balançou a cabeça para alongar as costas, com sua trança ruiva presa atrás. — Não vim por nenhuma outra razão além de zombar de você.

Levantando-se em seus completos 1,96m de musculosa altura, Luc deixou seu rosto em uma expressão tão neutra e suave quanto granito e cruzou os braços acima do peito para refletir a postura do outro homem. — Eu poderia ordenar que levasse seu rabo de deusa esquecida de merda para fora do meu quarto, Tenente.

— Verdade, mas você sabe que eu simplesmente o ignoraria. O Poderoso Capitão da Guarda não tem nenhum poder sobre a pessoa que o viu se atrapalhar em seu primeiro encontro com uma dríade muitos anos atrás.

O sorriso de Fergus era arrogante, o que fez com que Luc sentisse uma enorme vontade de esmurrá-lo. Em vez de atacar, suspirou.

— O que você não consegue entender. — Disse, enquanto agarrava a mochila e se dirigia à porta. — É que eu *sou* o Capitão da Guarda. Você deve seguir minhas ordens. Sem comentários.

— E o que há de divertido nisto? — Fergus seguiu Luc pela porta.

O par percorreu silenciosamente os corredores de pedra, as botas de couro não fazendo nenhum barulho contra as suas sombras projetadas na pedra polida. Como membros da Guarda da Rainha, ambos guerreiros fora treinados desde o início a se movimentarem tão silenciosamente quanto as estrelas e atacar mais rápido que uma serpente. As conversas se espalhavam por todo o lugar quando alguns que viviam no reino da Rainha testemunharam o que um de seus guardas irritado podia fazer.

— Poderia convencer-me de que perdoasse sua vida.

— Eu não estou preocupado. — Fergus respondeu alegremente. — Você sabe como ela odeia quando seus guerreiros lutam entre si. Ela só daria a você uma repreensão.

Considerando que Mab era a razão da falta de humor de Luc, a lembrança de seu amigo não melhorou exatamente seu humor.

— Você não tem diabinhos para perseguir? Pântanos do palácio que precisam ser drenados? Outra pessoa que você poderia incomodar?

— Nem uma alma. Além disso, estou em uma missão de grande importância. — Fergus continuou seguindo Luc até um canto e abaixo em outro corredor longo até umas portas pesadas esculpidas. — Os Sete e eu

queremos saber a verdade. Você foi enviado para recuperar o sobrinho da Rainha? Novamente?

— Sim. — Luc rosnou, sem se aborrecer em olhar de volta. Sua mente ocupada de novo com a causa de sua raiva e inventando modos novos e criativos de amaldiçoar Seoc ni Flidais, filho único da irmã morta da Rainha, e outra dor real no traseiro. — Eu saio imediatamente para Ithir.

— O mundo mortal? — Fergus se dobrou e quase teve a porta fechada em seu rosto pela forma como Luc a puxou e abriu, andando a passos largos além da câmara. — Eu pensei que fosse apenas um rumor.

— Um baseado em fatos. A Rainha me informou através de fontes confiáveis que Seoc, ou “Jack Green”, como ele aparentemente está chamando a si mesmo, está na cidade de Nova Iorque.

— Senhora! — Fergus disse, seguindo rapidamente os calcanhares e seu amigo. — Não pensei que Seoc fosse tão estúpido, deixar Faerie para o mundo humano. Ele conhece nossas leis como qualquer Fae vivo. Ninguém pode ficar na terra dos mortais sem permissão, e caminhar entre eles... sem ter bolas. Como poderia justo ele desobedecer a lei?

— Eu não pedi sua opinião, Fergus Eithdne, ou sua ajuda. Não deve julgar o filho da minha irmã. Não é sua função.

A voz vinda das sombras o fez parar. Luc não se surpreendeu por estar sendo ouvido, mas fez Fergus ficar num tom interessante de verde.

A atenção deles mudou para o lado distante da grande Câmara de Portas e para o estrado no final da sala. Sobre a plataforma cintilante de

mármore, em um trono de prata esculpida na forma de ondas, estava sentava Mab dos Sinos de Prata, Senhora de Muitas Bênçãos, Caçadora de Espíritos e Rainha de Faerie e Elfhame.

Ela usava um diadema de prata luminosa na forma de uma grinalda de flores de maçã colocada em seu brilhante cabelo ruivo dourado. Uma túnica vermelha aveludada cobria seu vestido de seda âmbar, costurado com fio de prata, e os ricos tecidos pareciam faiscar quando ela se movia. Os pálidos e bonitos pés se revelavam debaixo de sua bainha, os dedos dos pés estavam adornados com sinos de prata, e com sua graciosidade, os dedos das mãos batiam inquietamente contra os braços de seu trono. Luc notou a impaciência e se preparou.

— Você foi lento para responder a sua Rainha, meu Lúcifer. — A voz de Mab, baixa e musical, tinha um tom de petulância que deixou Luc cauteloso. Ele tinha sentimentos cálidos por ela agora e outra repreensão não iria ajudar. — Nós poderíamos ser tentados a interpretar tal coisa como uma relutância em nos servir.

Ao lado dele, Fergus se endureceu, mas Luc manteve firme seu olhar nos olhos verdes mutáveis de sua soberana. Eles mudavam tão calmamente quanto o mar e podiam ser da mesma maneira mortal.

— Nunca pense isto, minha Rainha. — Ele disse, curvando-se ante ela. — Estou a seu comando, pronto para completar a tarefa que me encomendou. Estou sempre à sua disposição, como está toda a Guarda. Nós respondemos sempre aos caprichos de sua majestade.

A linguagem formal da corte não fez com que suas palavras floridas fossem mais fáceis de sair. De fato, ele se sentia mais sufocando com elas, mas apenas um bobo diria à Rainha Mab que ela era uma cadela. Não importando o quão verdadeiro pudesse ser.

Mab moveu-se, suas sobrancelhas subindo.

— É assim? — Ela girou olhando para Fergus de maneira afiada. — O capitão da minha Guarda fala a verdade, meu Fergus? Todos dos Sete são tão leais a nós como ele faz soar?

Fergus também se curvou, claramente ansioso para recuperar sua atenção depois de insultar Seoc.

— Sem dúvidas, minha senhora. Servir na Guarda da Rainha é uma honra da qual nós Sete estamos cientes. — Ele se endireitou e colocou a mão acima de seu coração em uma saudação de fidelidade. — Sua segurança e a obediência à sua palavra são nossas únicas preocupações.

Luc lutou contra a vontade de gemer. Conversar com a Rainha exigia andar numa linha tênue, e ele esperava que Fergus se desse bem com sua bajulação. Se Mab percebesse qualquer insulto como mais grave do que a bajulação, seria lisonjeira sua sinceridade. Quando ela levantou as sobrancelhas e apertou os lábios, ele ocultou um estremecimento.

— É assim, meu Fergus? Nós apreciamos essa segurança agora mais que nunca, neste tempo em que notícias perturbadoras alcançam nossos ouvidos. Nós temos ouvido rumores de que os serviços de nossa Guarda poderiam logo ter um desafio maior do que alguma vez enfrentaram.

Lúcifer manteve uma expressão suave enquanto amaldiçoava silenciosamente. Se a Rainha tinha notícias para ele, não podiam ser boas. O fato de Seoc ter viajado espontaneamente para Ithir já era ruim o suficiente. Ele realmente não queria ouvir mais notícias ‘perturbadoras’.

— Qualquer tipo de serviço para nossa Rainha nos honra. — Ele disse, chamando a atenção dela para longe de seu tenente. — Nós aguardamos suas ordens e as veremos executadas com toda velocidade e diligência.

Os lábios reais se franziram novamente, acompanhados pelo levantar do queixo e um alívio da tensão ao redor dos olhos. Por agora, a Rainha estava satisfeita. Abruptamente, ela permaneceu, empurrando a barra do vestido para trás quando começou a levantar-se de seu trono de mármore.

— Meu conselheiro trouxe a notícia de que a pequena viagem de Seoc ao reino mortal pode ter nos posto em uma situação mais delicada do que havíamos inicialmente acreditado. — Com todos cientes de seu lugar na hierarquia das fadas, Mab dispensou o real ‘nós’ e continuou com uma leveza em sua formalidade. — Parece que ele não apenas limitou suas associações ao outro povo em Ithir, mas permitiu que sua presença fosse notada pelos mortais também.

Escondendo sua surpresa, Luc reconheceu a revelação com um olhar fixo impassível e outro juramento interno. Ele tinha ainda alguma esperança de que Seoc pudesse ter usado um pequeno poder mental para manter-se confinado na sociedade de Ithir. Enquanto os Fae tinham abandonado aquele mundo séculos antes, algumas raças ficaram para trás

para viver secretamente entre os humanos. Imortais como os vampiros e não humanos como os metamorfos ainda continuavam vagando pelo mundo humano, mantendo em segredo suas identidades. O governo, o Conselho dos Outros, ainda mantinham contato com a corte Fae e poderiam ter relatado algum pequeno problema com a visita do sobrinho da Rainha. Mas se Seoc estivesse caminhando entre os humanos também, isso significava problema.

Luc sabia melhor que ninguém como expressar descrença ou condenação às ações do sobrinho real. Somente a Rainha tinha permissão para falar mal do besouro de esterco desprezível, ainda que fosse trabalho de Luc arrastá-lo de volta para casa com seu rabo entre as pernas. Tal era a vida na corte.

— Seoc não tem má intenção, estou certa, mas ele deve aprender que suas travessuras refletem mais do que nele mesmo. Até minha indulgência não o pode proteger para sempre das consequências de suas ações.

Luc sentiu suas sobrancelhas subirem em direção à linha de sua testa, mas ele manteve a boca fechada.

— Em Faerie eu posso evitar seu dano. — A Rainha continuou. — Mas não tenho tal controle em Ithir. O mundo humano não se curva à minha autoridade, e, além disso, é um lugar muito traiçoeiro para lhe permitir rédea solta. Então eu pedi ao Capitão da minha Guarda para seguir meu sobrinho e trazê-lo de volta à corte. Sua presença começa a

perturbar o fluxo da realidade humana, e os Outros mandaram dizer que estão ansiosos para que ele volte.

Muito ruim que ninguém exceto a Rainha estivesse ansiosa para tê-lo de volta, Luc pensou.

— Eles não podem devolvê-lo eles mesmos? — Fergus expressou a questão que Luc já tinha se feito.

— Os Outros podem ser superiores aos mortais com os quais convivem, mas dificilmente podem ser considerados nossos semelhantes, meu Fergus. — A Rainha cheirava, apontando seu pequeno nariz real no teto. — Seoc poderia iludi-los para sempre se ele assim escolhesse. Não, um Fae deve ser enviado para pegar outro Fae. Além do que, os Outros abrigam um grande medo de que seu segredo seja revelado e eles tenham que tomar alguma atitude a respeito. Eles acreditam que os humanos não estão prontos para a verdade de sua existência, e devo dizer que concordo com este ponto. A inabilidade de mortais em aceitar a magia ante eles é a razão por nós termos abandonado seu reino há tantos anos atrás. Eu não acho que eles tenham progredido até agora desde aquela época.

Lúcifer rolou seus ombros, sentindo a impaciência crescer.

— Eu entendo Sua Majestade. Encontrarei Seoc e o trarei de volta com toda a velocidade e ninguém descobrirá. — Ele apertou a mochila mais firme e descansou a mão livre no cabo de seu pequeno, afiado, sgian dubh, uma pequena faca de caça.

— Certifique-se de que não, meu Lúcifer. — A Rainha pegou suas saias longas e as ergueu ao redor de seus pés quando desceu os degraus

do estrado para caminhar em direção aos soldados. — Esta tarefa eu dei a você por ser importante por muitas razões. Mais que a segurança do meu sobrinho está em jogo aqui. Se a existência dos Outros forem de conhecimento comum para os mortais, não demoraria muito até que eles achassem seu caminho até nosso reino. Você não deve permitir que isto aconteça.

Luc levantou a mandíbula e movimentou a cabeça uma vez, secamente.

— Eu entendo. — Ele repetiu. — Farei tudo em meu poder e usarei todos os recursos à mão, minha senhora.

Mab estendeu a mão, os dedos pálidos, colocando seu rosto áspero em concha, e o sorriso que ela deu a ele lembrou-lhe por que humanos e Fae igualmente ainda escreviam odes à sua beleza, mesmo depois de uma vida de séculos.

— Se você fizer tudo em seu poder, meu Lúcifer, então saberei que não pode falhar comigo. — Inclinando-se para cima, ela roçou um beijo contra sua bochecha e andou de volta, levantando suas mãos ante ela ondulando-as em um padrão complicado que gotejaram traços leves das pontas de seus dedos. Enquanto os soldados assistiam, a luz foi tecida propriamente junto a uma entrada, expandindo-se até ficar grande o suficiente para acomodar a altura de Luc. Soltando uma respiração profunda, Luc avançou para o portal de Faerie e sentiu o calor da magia da

Rainha o cercar. Com a realidade dobrada, sua voz o alcançou em um sussurro de prata.

— Vá com segurança, meu Lúcifer, e se encontrar o que lhe agrada, que seja seu.

Capítulo Dois

Uma mulher podia aguentar apenas até um certo ponto. Corinne D'Alessandro decidiu quando olhou abaixo para a folha de tarefa que seu editor acabou de dar a ela. Nos últimos cinco meses, ela teve muito: descobriu a existência de vampiros, viu sua melhor amiga tornar-se uma vampira, descobriu a existência de homens lobo, viu sua outra melhor amiga casar-se com um. Definitivamente, um mês cheio de acontecimentos se passou. Corinne pensava que era uma prova de sua força interior e a capacidade de recuperação com que havia encarado essas notícias sem terminar em um quarto acolchoado em Bellevue, contemplando seu umbigo e conversando com os dedos dos pés.

Mas isso, pensou, olhando para a impressão em preto na página ante ela. Isso poderia ser a última gota.

— Duendes? — Ela perguntou.

— Bem, talvez elfos. — Os relatos variam.

Corinne não podia decidir se queria sair correndo gritando do escritório, passando por seus colegas curiosos e para fora nas ruas de

Manhattan, ou se queria bater sua cabeça contra a parede algumas vezes antes de enterrá-la nas mãos e choramingar. Ao invés, empurrou sua cadeira de volta espalhando o jornal pela escrivaninha e lançou a seu editor um olhar maligno.

— De qualquer modo, posso dizer a você de imediato que não preciso fazer uma investigação, Hank. Duendes, elfos e gnomos não existem. Agora, que tal nós armazenamos isto no arquivo circular e partimos para uma história real, hmm?

Hunk Buckley trocou o palito que estava mastigando de um lado de sua boca para o outro e balançou a cabeça.

— Nada disso, olhe. Este aqui é quente. Até as estações de TV estão começando a levantar isto. Não querem que transforme-se em pó.

— Por que não? — Corinne perguntou, seu tom seco e cansado. — Não é como se nós fôssemos escavar da mesma maneira regular que o *Times* aqui.

— Talvez não, mas nós precisamos dar um tiro, certo? Demonstrarmos que não somos uma espécie de tabloide fraco.

Ela levantou uma sobrancelha.

— E uma história desse tipo impressa poderia impulsionar nosso fator de credibilidade? O que eles colocaram em seu café esta manhã? Porque você está seriamente alto.

— Só a excitação de realmente conversar com você, em vez de te enviar outro e-mail para você ignorar, doçura. É o tipo de coisa que sobe à minha cabeça.

— Seu sarcasmo falha em me fazer rir. Como faz esta estúpida história. O que você está pensando? — Ela agitou a nota sobre seu nariz bulboso e ergueu o olhar. — Eu deveria fazer uma história sobre um duende visitando Manhattan? No dia de São Patricio, eu poderia apenas descer suficiente para tocar uma Guinness, mas é em agosto, Hank! Você não tem bagels verdes ou trevos de três folhas. Você é uma monstruosidade.

— Na verdade, eu sou o chefe, mas posso ver onde as semelhanças poderiam ter confundido você. — Hank balançou-se para trás em seus saltos de sapatos e tamborilou as mãos nos bolsos, fazendo soar um tinido de mudança. — Talvez possa escrever sobre o aumento da loucura entre os editores de jornais urbanos pequenos. Logo depois de terminar a história do duende .

Corinne passou uma mão por seu cabelo escuro e soltou um suspiro aflito.

— Olhe, Hank, se nós somos lentos para notícias, e você realmente quer correr com esta aqui, por que não dá isto para Shawn? Ele está sempre discorrendo sobre o quão irlandês é. Provavelmente devoraria isto. E eu voltaria para o meu recurso sobre as prisões de estudantes que protestam na Colômbia.

Hank balançou a cabeça.

— Nada disso. Shawn já está no programa sobre Javits. Tem que ser você, criança. Além disso. — Sorriu, seu palito indo para cima e para baixo.

— Você é a pessoa que foi em todos aqueles clubes góticos alguns meses atrás. Achei que essa porcaria sobrenatural iria te interessar.

— Bem, você achou errado. Eu não acredito em fadas ou contos de fadas, então dê a história para outra pessoa.

— Eu dei para você. — Hank apontou o olhar para a folha. — Irônico o suficiente; isso significa que eu quero que você faça. Agora quer que eu te informe dos pormenores, ou quer ir sozinha e ter que refazer quando voltar com um artigo ruim?

Fechando os olhos em um suspiro, Corinne colocou a folha sob uma pilha de pastas suspensas, abriu sua gaveta quase arrancando-a da mesa e puxou um vidro de aspirina extra forte. Colocando três pequenos tablets brancos sobre sua palma, ela os enviou para a garganta e engoliu com uns goles de café frio. Então voltou-se para o homem de pé ao lado de sua mesa e levantou um lápis.

— Certo. Ótimo. Dê-me mais detalhes. Mas eu não fingirei ter muito prazer nisto.

— Eu não preciso de você para ser feliz. Além disso, eles dizem que sofrimento constrói o caráter. — Levantando sua calça cáqui comprida surrada, Hank encostou um quadril na extremidade da mesa e dobrou seus braços no peito. — Certo, primeiro de tudo, você precisa olhar em maio. Típico incidente isolado, aquele. Fácil anular. Entretanto depois da segunda semana de junho, você começa a ouvir histórias de diferentes fontes por toda parte em Manhattan que quase confirmam uma a outra.

Todas as testemunhas viram a mesma coisa, e nenhum deles se conheciam antes de seus relatos.

Corinne olhou para as notas que tomou rapidamente. — O que eles viram? Um pequeno homem verde com um chapéu alto e um pote de ouro?

Hank a ignorou. — As testemunhas reportadas viram um homem-fada extremamente loiro, de mais ou menos 1,83m, com cabelo quase até seu traseiro e orelhas pontiagudas.

Ela rolou seus olhos. — Oh, pelo amor de Deus, Hank. Isto não é a visão de um duende. Isto é um foragido de uma convenção do Senhor dos Anéis. Um nerd adolescente com tempo demais para se vestir como o personagem de Orlando Bloom e desfilas na Quinta Avenida pensando que ele era o tal. Caso resolvido. Eu posso ir para casa agora?

Hank balançou a cabeça. — Não tão rápido, criança. Eu não terminei ainda. — Ele moveu os seus ombros e continuou.

— Agora o homem em si e por si mesmo não teria levantando uma sobancelha em circunstâncias normais. Isto é Manhattan, afinal. — Corinne murmurou sob a respiração, mas ela não o interrompeu.

— Então quase universalmente, as testemunhas inicialmente despediram o sujeito misterioso como apenas isso, um sujeito misterioso. Mas isso foi antes dele começar a fazer mágica.

Corinne suspirou.

— Teve jogo de dados e frases como, “meu assistente pede a Casa de Ilusão para invocar a sétima luz da Distorção Temporal de nível três?”

— Pelo que ouvi ele apenas invocou uma distorção temporal. De nível três seria mais impressionante?

Seu lápis porou acima do bloco de notas, e Corinne olhou acima.

— O que você disse?

— A coisa do nível três.

— Isso não. — Ela rosnou. Estreitando os olhos. — Antes disto. A parte onde disse que envolveu uma distorção temporal.

— Isso foi o que as testemunhas disseram.

Corinne olhou longamente para a aspirina e debateu em fingir que não leu a bula dizendo que causava danos permanentes ao fígado.

— Você está me dizendo que Orlando agitou sua varinha mágica e abriu uma fenda no tempo-espço?

— Caia na real. — Ele zombou. — Você está misturando as metáforas. As varinhas mágicas e a fenda de tempo-espço são duas coisas completamente diferentes. Além disso, ninguém mencionou qualquer coisa sobre uma varinha.

Sua mão avançou em direção à aspirina. Quem realmente precisava de um fígado de qualquer maneira?

— Esqueça a varinha, ela rosnou. — Acredito que a fenda é a pergunta aqui, não?

Hank encolheu os ombros.

— Tanto faz. É sua história.

— Você está *tentando* me matar?

Hank a ignorou, ou talvez apenas não ouviu a pergunta, desde que seu rosto estava enterrado em seus braços e afundado contra a superfície de sua mesa. O que amortizou o gemido.

— As testemunhas afirmam que viram o homem em questão subindo pela parede de um edifício abandonado, e os tijolos se separaram deslizando para deixá-lo para passar por entre eles.

Corinne girou a cabeça o suficiente para ver o brilho intenso em seu chefe e estreitou um olho.

— Significa que Orlando Bloom viajou pela Rua Diagon. Ele bateu um distintivo estranho em seu ombro e conversou com o ar como se alguém pudesse ouvi-lo?

— Eles disseram que o ar ao redor da parede pareceu brilhar, mas depois que ele subiu, pareceu totalmente normal, como se nada tivesse acontecido. O mesmo tipo de história foi reportado em um bairro residencial, o centro da cidade e arredores, e é por isso que eu quero que você vá lá e verifique se é verdade.

— Eu posso responder isto para você agora mesmo. — Ela disse, erguendo sua cabeça e agarrando a folha amassando-a em uma bola. — Não é verdade. Agora nós podemos conversar sobre aquela proposta que eu mandei a você sobre os alunos da Colômbia serem presos durante o protestos sobre o direito dos animais?

— Parece bom. Esperarei ansiosamente para ler isto. Logo depois do artigo do duende.

— Um dia você pagará por isto, Hank. Espero que saiba disto.

Ele encolheu os ombros e pareceu notavelmente desinteressado.

— Eu viverei com medo. — Seu expressivo rosto enrugou em um sorriso, e ele prendeu o palito entre os seus molares, rindo. — Olhe para isto deste modo. Eu não fiz com que você verificasse a principal fonte quando aquele motorista de táxi disse que levou dois homens lobos para fora do Central Parque. Eu sei quando uma história é completa porcaria. — Então ele girou e andou relaxadamente de volta a seu escritório, rindo para si mesmo a distância toda.

Corinne acalmou seu temperamento fazendo um gesto obsceno a suas costas com uma das mãos, enquanto usava a outra para esfregar o cotovelo que bateu na mesa quando ele fez o comentário sobre o homem lobo. Pelo amor de Deus, aqueles homens lobos eram seus amigos. Bem, sua amiga e o noivo peludo dela.

Lançando a precaução e o potencial dano irreversível de seu fígado ao vento, Corinne tomou outras duas aspirinas e o último gole de seu café frio. Olhando fixamente para os sedimentos deixados para trás em sua xícara, percebeu sua necessidade excedida de cafeína ao começar sua pesquisa sobre a história do duende. Sem uma nova dose de sua droga preferida, não estaria apta a erguer um lápis, muito menos ir para a rua rastrear possíveis testemunhas.

Pegou a parte inferior de sua bolsa, levantou e dirigiu-se à porta. Passando entre as mesas de seus colegas, ignorou suas saudações ausentes tão facilmente quanto ignorou o toque dos telefones e a batida nos teclados do computador. Toda sua atenção permaneceu focada nas

portas da frente para o escritório do Crônica da Cidade e justamente além dos elevadores. Aqueles elevadores eram seu ingresso para o andar de baixo do edifício e as máquinas de vendas automáticas que estavam lá, pacientemente esperando dispensar o doce, escuro néctar dos deuses.

Ela bateu seu pé impacientemente enquanto esperava pelo elevador, esmurrou o botão marcando “B” uma dúzia de vezes numa rápida sucessão; entrou e olhou fixamente para o indicador digital do andar enquanto contava para baixo. Assim que as portas de metal espesso se abriram, sua bolsa começou a vibrar com a *Tocata em Fuga*. Suspirando, tirou o telefone celular e abriu.

— Sim?

— Eu desisto. Eu me rendo. Esta é a bandeira branca oficial que estou acenando em sua orelha agora.

Corinne alimentou a máquina com quatro moedas de vinte e cinco centavos e fez uma careta.

— Ava, que diabos você está murmurando?

— Eu não estou murmurando. — A outra mulher retrucou, seu crepitar na voz sobre a linha e mesmo o sinal de celular era claro como o vidro. — Eu estou informando em termos perfeitamente racionais e razoáveis que estou jogando a toalha e lavo as mãos para toda a bagunça. Eu posso decidir ser uma religiosa.

O botão da máquina protestou contra a quantidade de força com que Corinne costumava esmurrá-la, mas lhe rendeu uma garrafa de refrigerante com um baque relutante.

— Sim, certo. Irmã Ava Immaculata. Eu posso ver isto agora. — Ela prendeu o telefone entre a orelha e o ombro para assim poder abrir a tampa da garrafa. — Importa-se de me dizer por que você está em tal estado de confusão?

— Isto não é nenhum estado de confusão, Corinne Magdalena. Isto é esgotamento e desespero absoluto. Eu desisto. Só precisava te ligar e desejar a você uma vida boa antes de ir para o convento de freiras.

Corinne levantou a garrafa para seus lábios e voltou em direção aos elevadores, dando ao botão um empurrão muito mais civilizado desta vez.

— O mesmo para você. Deixe um endereço, entretanto, ou você não ganhará um cartão de Natal.

A maldição que Ava murmurou conseguiu reter um ar inesperado de graça e elegância somente devido a sua maneira de falar. Certamente nunca soou assim nos lábios dos estivadores que normalmente faziam isto.

— Você falha em me divertir, Corinne, querida. Entretanto, a maioria das coisas falham em me divertir quando tantas pessoas, as quais eu tentei cuidar, viraram suas costas para mim dentro do espaço de seis meses.

Corinne engoliu rapidamente para evitar sufocar com sua bebida.

— Viraram as costas para você? Está indo para o melodrama agora?

— Como você chamaria isto quando as pessoas ignoram tudo que você tenta fazer por elas, e acabam tomando decisões horríveis sozinhas?

— Realidade?

Ava nunca levantou a voz, mas Corinne ainda teve que lutar com o desejo de puxar o telefone longe de sua orelha e estremeceu.

— Posso ver que eu não conseguirei nenhum apoio de você. E por que eu pensei que poderia estar além de mim. Afinal, não foi você o primeiro rato a desertar o meu navio?

— Certo, em primeiro lugar, controle as metáforas Av. — Corinne apunhalou o botão do elevador novamente, desde que não podia apunhalar sua amiga. — Segundo, eu não 'desertei' nenhum navio. Não é como se os acertos estivessem funcionando de qualquer maneira. Eu quero dizer, olhe para o que aconteceu com Reggie e Missy.

— Desgraça, verdade. Mas isso não era...

— Desgraça? Ava, eles se casaram fora de sua espécie! Pelo amor de Deus, eu ainda não me acostumei com isso. Shh, quem pensaria que nós estaríamos conversando sobre personagens dos filmes de tarde da noite como se eles fossem reais? É muito bizarro.

— Bem, eu odeio te decepcionar, mas eles são reais. Dmitri é um vampiro e Graham é um metamorfo. E agora Regina é uma vampira, também, e Melissa está grávida de um homem lobo. Isto é realidade. Compreenda e siga em frente.

— Como você pode suportar isso tão casualmente? — Corinne exigiu, desistindo do elevador e indo rumo à escadaria no fim do corredor.

— Você não se sente assustada por ter sua vida, o universo e tudo de

repente sacudido de seu eixo? Isso não dá a você o menor sinal de loucura?

Ela ouviu Ava suspirar e imaginou a outra mulher encolhendo os ombros vagamente.

— É um mundo em constante mudança. Tem que encontrar uma maneira de se adaptar.

Corinne se debateu seriamente entre fazer um gesto extremamente obsceno ou não, mas percebeu que o esforço seria perdido desde que Ava não estava ali para ver isto realmente. Então simplesmente imaginou.

— Sim, certo. Você não é a mesma mulher que me ligou para reclamar que suas amigas “desertaram” e estragaram sua fantasia sexual?

— De jeito nenhum. Honestamente, Rinne, o que quer que faça? Eu não posso desejar que as coisas voltem ao modo que elas eram, nem iria. Regina e Missy estão bem com seus homens impossíveis. Fico feliz por elas também, ou posso me sentar ao redor e gemer sobre como o mundo não é o que eu imaginei que fosse. — Houve uma breve, significativa pausa. — Eu escolho a primeira.

Colocando deste modo, Corinne se sentiu estúpida, o que não melhorou seu humor. Ela sabia que Ava falava a verdade, sabia que suas próprias reações aos desenvolvimentos surrealistas recentes eram provavelmente juvenis e definitivamente improdutivas, mas tente dizer aquilo ao seu intestino. Intestinos, como regra, não gostam de ser contrariados.

— Eu sei, eu sei. — Ela murmurou. — Golpes diferentes, amor faz o mundo continuar redondo, cada uma tem o seu próprio par, Corinne é uma cadela, blá blá blá. Eu entendo, mas não entendo, sabe?

— Ah, querida. Isso tudo se tornará claro algum dia, eu estou certa.

— Nossa, obrigada. — Corinne foi em frente e deixou seu refrigerante de lado assim teria uma mão livre para fazer aquele gesto obsceno afinal. Ela segurava a garrafa novamente quando um pensamento passou por sua cabeça. — Por que foi tão rápida em defender Reg e Missy quando esta ligando para mim e reclamando que elas a abandonaram com seu projeto de fantasia sexual? Isto é sobre um cara, não é?

— Eu acabei de dizer a você que eu não liguei sobre as fantasias. Eu estou muito acima disto.

Corinne forçou a porta no corredor central com uma careta.

— Pare. Rebobinando. Devagar com o playback. Digo, huh? Se você não me ligou sobre as fantasias, por que estava me acusando de desertar?

— Você não é a mulher que ajudou um jovem modelo, obrigando-o a achar um substituto apropriado apenas quinze minutos antes da sessão começar?

A boca de Corinne se abriu.

— Ava, isso foi há sete anos!

— Não há nenhum estatuto de limitações em traição, agora há?

— Certo, desligando agora.

— Espere. Não tão rápido. Eu liguei por uma razão.

— Oh, você quer dizer uma razão diferente de brigar comigo?

— Claramente. — Ava disse e seu tom mudou de melodramática para negócios em uma batida do coração. — Eu queria perguntar a você sobre uma coisa.

— Não, Ava, eu não pedirei ao editor para fazer uma cor cheia para se estender na Agência de Markham. Adeus.

— Você pode parar de tirar conclusões? Isto é completamente outro assunto. Um assunto que eu pensei que minha amiga, a talentosa repórter investigativa, poderia me ajudar.

Corinne abaixou a garrafa de refrigerante agora meio vazia e fez uma careta.

— Não, eu não vou escrever todos seus comunicados de imprensa esse mês, também.

— Então você me dirá se existe algum tipo de assassino misterioso correndo ao redor Manhattan parecendo com um sonho molhado e fingindo ser o sujeito da caixa de Lucky Charms?

Corinne congelou ali mesmo na entrada da Crônica.

— O que você me perguntou?

— Você me ouviu. Quatro dos meus modelos se meteram em apuros nas últimas seis semanas, porque disseram que estavam sendo perseguidos por um duende. Então, ou eles são loucos, ou o coquetel derreteu seus cérebros, ou há alguma aberração que pensa que São Patrício é um disfarce perfeito para uma onda de crimes. Você que é do meio sabe alguma coisa sobre isso?

A resposta de Corinne foi muito expressiva e, ela pensou, totalmente apropriada. Amaldiçoou como um estivador, tentando evitar a queda de seu refrigerante voltou para sua mesa e o vidro de pequenas pílulas brancas estavam esperando do lado de dentro. Ao inferno com seu fígado.

Capítulo Três

— Merda. Eu preciso de uma bebida.

Luc levantou uma sobrancelha e tentou não parecer muito satisfeito consigo mesmo, mas estava contente por ver outra pessoa reagir à sua missão do mesmo modo que ele.

— Eu trouxe um frasco de vinho de Fae, se você quiser um pouco.

O outro homem fez uma careta para ele e abriu a porta de um gabinete para recuperar uma garrafa graciosa de vidro com fluido âmbar.

— Obrigado, meu amigo, mas tanto quanto gostaria de desmaiar e esquecer o que me disse, eu não penso que ajudaria você em sua causa. — Ele despejou duas doses de conhaque, o ouro vermelho menos exótico que o vermelho do vinho de Fae, mas também era menos provável derrubar um homem adulto.

O anfitrião de Luc, de sua primeira parada em sua viagem por Ithir, era um dos poucos habitantes do mundo mortal que não atacaria, nem ficaria particularmente surpreso com um portal Fae aberto em sua sala de

estar. Como o cabeça do Conselho de Outros, Rafael Santos cresceu acostumado a ocorrências incomuns.

— Eu não sei. — Luc disse, aceitando a taça que Rafe lhe entregava.
— Estou começando a pensar que poderia ser a única coisa que pode ajudar. Pelo menos se formos sugado por esta merda, não perceberemos quanto isto é uma merda.

Rafe olhou para ele por cima da borda de seu copo.

— Até morto, isto seria uma merda meu amigo.

— Verdade. Falando de mortos e sugar, no entanto, como está Dmitri? Ouvi que ele se casou. Acho que alguém disse que sua noiva era mortal.

Rafe sorriu e movimentou a cabeça.

— Ele realmente se casou, no começo da primavera. E “era” é a palavra chave. Ele se casou com uma mulher jovem encantadora, que pode agora descartar quaisquer preocupações sobre envelhecer. Tiveram uma adorável cerimônia. Grande jantar. A paisagem muito melhor.

— Paisagem?

O sorriso se alargou.

— A noiva tem algumas amigas notavelmente atraentes. Uma delas atualmente está esperando o primeiro filhote do Alfa de Silverback.

— Graham também? Com outra mortal? — Luc balançou a cabeça e bebeu seu conhaque. — O que o mundo está virando?

— Estação de acasalamento, aparentemente.

— Isso significa que você está sentindo o chamado selvagem também?

Rafe encolheu os ombros.

— Nós gatos somos mais solitários que os Lupinos. O lado selvagem só nos chama por curtas estadias, não permanentemente.

Luc abafou uma risada.

— Sim, eu já notei. Mas admito que isto é um alívio para mim. Preciso de toda a ajuda que puder conseguir para achar Seoc. A última coisa que preciso é você sair atrás de alguma coisa peluda pequena e atraente e me deixar para fazer isto sozinho. Ou pior ainda, alguma coisa mortal pequena e atraente.

— Seja cuidadoso, meu amigo. Sua arrogância e Fae-centrismo estão se mostrando.

Luc moveu-se em sua cadeira. Não era que não gostasse dos humanos, precisamente, mas não podia entender como um Outro como Dmitri ou Graham poderiam ter uma relação duradoura com uma criatura tão mundana como um humano. O que eles tinham em comum?

— Mas você não precisa se preocupar. — Rafe continuou, girando seu copo. — Não deve ser difícil achar um homem tão determinado a ser visto como o sobrinho da Rainha.

— Você obviamente não conhece o sobrinho da Rainha.

— Eu não tive este prazer, não. Mas se ele continuar como está, eu dificilmente posso evitar o assunto.

— Certo. Então se vocês todos estão tão ansiosos para devolvê-lo a nossas mãos, por que não fizeram algo sobre isto?

Os ombros de Rafe se ergueram e encolheram em um preguiçoso movimento.

— Nós conversamos sobre isto, mas concordamos que estas coisas seriam muito mais suaves se não tentássemos lidar com isto nós mesmos. A última coisa que queremos é ter um incidente interdimensional em nossas mãos.

Luc fez uma careta.

— Se isso acontecesse eu teria que reportar a Mab que seu sobrinho seria devolvido em um balde. — Rafe explicou com um olhar duro. — Alguns de nosso povo têm dificuldade de lembrar seus modos durante um bom jogo de perseguição Luc. Até um príncipe Fae pode parecer uma presa se ele estiver correndo rápido o suficiente.

— Grande. — Luc tomou todo seu conhaque e deixou o copo. — Então não terei nenhuma ajuda de seu povo porque vocês não conseguem manter suas presas para vocês?

— Eu nunca disse que nós não ajudaríamos, apenas que não queríamos fazer isso sozinhos. Dmitri, com sua palidez condenada e frieza escondida, já se voluntariou. O que é o mínimo que ele poderia fazer, considerando que deixou sua posição como cabeça do Conselho para mim quando se casou. — Rafe se levantou, foi até uma escrivaninha de mogno pesado, e vasculhou uma gaveta. — É claro, sua ideia de “assistência” e a

minha podem não corresponder exatamente. Ele parece sentir que está fazendo o seu dever, deixando-lhe isso.

Luc pegou o pedaço de jornal que Rafe lhe deu e fez uma careta.

— O que é isto?

— É o nome e contato para informações de uma repórter de um jornal local pequeno. Ela é uma amiga da companheira de Dmitri.

— Você quer que eu vá para a imprensa? Este é o plano?

— Deixe-me recordar “Dmitri” nessa parte da declaração. Dmitri pediu que fosse você, não eu. — Rafe sentou-se na cadeira e esticou suas pernas antes de elegantemente espreguiçar.

— Mas a ideia não é deixá-la entrevistá-lo para a primeira página amigo. Nós pensamos que alguém como Corinne teria recursos a informações que poderiam ser úteis na procura. Se as pessoas têm reportado coisas estranhas nesta cidade, eles vão provavelmente aumentar a crônica, o que significa que Corinne tem mais probabilidade de saber sobre eles.

Agora soou quase útil, ainda que a ideia de envolver uma humana o deixasse cauteloso.

— Você disse que esta mulher é uma amiga da companheira de Dmitri. Então ela sabe sobre os Outros?

— Bem, sim, mas...

— Mas o quê? — Luc sentiu seus olhos estreitos em um clarão.

— Corinne está perfeitamente ciente da existência de mais que humanos neste mundo, mas de todas as formas, a ideia não a excita

exatamente. Em minha experiência, ela mantém certa cautela em volta daqueles que sabe que não são humanos.

— Não me diga que ela é algum tipo de racista.

Rafe balançou a cabeça, sua boca se curvando em um canto.

— Eu não iria tão longe. Ela não dá nenhuma evidência de ódio, somente cautela. É perfeitamente cortês e amigável com Dmitri e Graham e os outros membros que ela encontra, como eu mesmo. Apenas acho que ela não confia em nós. — Ele sorriu. — Vocês dois devem ter muito em comum.

Luc bufou.

— Certo. Esta Corinne pensa que você vai fazer um lanche com ela?

— Algo assim. — Rafe movimentou a cabeça para o jornal que Luc ainda segurava. — É por isso que demos a você suas informações, em lugar de dizer a ela que o ajude. Nós pensamos que as coisas poderiam ir um pouco mais suaves se você praticar um pouco de discrição quando pedir sua ajuda.

Isso não soou tão útil.

— O que você quer dizer por “discrição”?

O sorriso de Rafe relampejou rápido, afiado e cheio de humor.

— Minta.

— Oh, isso facilitará as coisas para o lado bom. Ela vai ajudar-me a levar Seoc de volta à Faerie pela bondade de seu coração?

— Se eu fosse você, não mencionaria a palavra “Faerie”.

Ele suspirou.

— Eu não tenho tempo para mudar a história e elaborar um plano para acalmar uma humana que tem medo de sua própria sombra. Minha meta é achar Seoc tão depressa quanto possível e o levar de Ithir tão silenciosamente quanto possível. Isso não me deixa com muito tempo para andar furtivamente em volta.

— Eu não estou sugerindo que você faça isso. — Rafe levantou o copo até os lábios. — Eu também não estou sugerindo que você pense em Corinne com medo de qualquer coisa.

* * * * *

— Ava, você me apavora.

— Você é uma medrosa.

Corinne esvaziou sua taça de vinho e revirou os olhos.

— Ainda assim, se esta é a vingança que você planejou para os seus modelos, tenho certeza que eu não quero nunca mais ver seu lado mau.

— Você já viu meu lado mau antes. Sobreviveu. Entretanto me reservo o direito de infligir vingança adicional como julgar necessária. — Ava cruzou suas elegantes pernas cobertas com seda e inclinou-se em sua poltrona branca imaculada. — Realmente, Leena e Marlie faltaram em duas sessões de fotos, que não só as colocam em minha lista de merda, mas também as qualifica um degrau abaixo em minha balança de pagamento. Eu não facilito quando são negócios.

Dobrando as pernas sob o sofá branco, Corinne tinha uma esperança fugaz que suas meias pretas não manchariam o estofado. Não importava quantas vezes visitasse o apartamento de Ava, o perfeitamente decorado ambiente, impecavelmente branco, sempre conseguiam fazê-la se sentir como se tivesse acabado de ter rolando em uma poça de lama. E isso fazia com que ela quisesse realmente rolar na lama e andar por todo o apartamento, mas isso só porque ela era maldosa.

— Você acha que alguém poderia saber algo. — Disse ela, deixando de lado o copo vazio e reequilibrando seu notebook no colo. — São essas as mesmas meninas que relataram estar sendo perseguidas por... pelo...

— Pelo sujeito de Lucky Charms? Sim, embora elas o descrevessem como algo um pouco mais perto do sujeito dos filmes de Tolkien.

Corinne fez uma careta.

— Assim eu ouvi. Elas deram queixa na polícia ou qualquer coisa?

— Dificilmente. Isso teria exigido poder de cérebro e pensamento claro, para os quais nenhuma destas meninas tem a capacidade.

— Isso não explica por que a primeira pessoa que você decidiu chamar seja eu.

Ava balançou a cabeça.

— Não era um assunto de escolher entre você e a polícia querida. A polícia não pode fazer qualquer coisa, desde que as meninas não tiveram nenhuma evidência de qualquer crime. Eu chamei você porque pensei que se a situação se estendesse para fora das cabeças vazias dos meus clientes, alguém com sua linha de trabalho teria ouvido falar disto. — Ela

nivelou um olhar significante em sua amiga. — Claramente, eu estava certa.

— Infelizmente.

— Então, o que está acontecendo?

— Eu não tenho nenhuma ideia sangrenta. — Colocando seu caderno de lado, Corinne deixou a cabeça cair sobre as almofadas do sofá até que olhou diretamente para o teto de gesso branco detalhado. — Primeiro, é apenas a maldita coisa mais misteriosa que já ouvi falar. Quero dizer, pessoas por toda parte de Manhattan tem reportado visões de um duende quando não estamos nem perto de março e até agora pelo que sei a cidade não foi invadida por água. Todas estas testemunhas estavam sóbrias quando foram questionadas.

— Pela polícia? — Ava arqueou uma esbelta sobrancelha escura.

Corinne bufou.

— Dificilmente. Oh, alguns tentaram prestar queixa à polícia, mas não viram quaisquer crimes sendo cometidos, e estavam falando de fadas, pelo amor de Deus! Então os policiais quase riram e os expulsaram. Não, as declarações registradas que nós temos são de tabloides e duas publicações bastante respeitáveis.

— Mas não há evidência de que alguns destes relatórios têm qualquer tipo de credibilidade, há?

— Não. — Corinne girou para olhar para sua amiga. — Eu mencionei que quero ver meu chefe ser devorado por uma matilha radical de gerbils?

— Ainda não. Gerbils?

— Eles têm dentes pequenos. Levaria mais tempo que lobos ou hienas.

— Ah. Todavia, eu tenho uma sensação de que esta história não acabou. — Desdobrando sua alta, elegante armação da cadeira, Ava subiu, pegou os copos de vinho vazios e os levou em direção a cozinha. — Eu vi Mindy Daniels, da estação de TV, nas Quatro Estações esta tarde. Ela disse que até seu diretor de programa está pensando em colocar alguém nisto.

Corinne gemeu, alto o suficiente para Ava estar certa que a ouviria no outro quarto.

— Atire em mim. Apenas atire em mim agora.

— Ha! Não se você vai sangrar por toda parte em meu tapete.

— Lembre-me novamente por que nós somos amigas?

Ava reapareceu na sala de estar segurando o telefone sem fio.

— Porque eu acabei de chamar um táxi para te levar para casa assim você não precisa ficar do lado de fora esperando neste calor, e isto é por minha conta.

— Como isto é uma razão? Sim, o táxi é bom, mas isso não significa que você está me mandando embora?

— Você disse que queria partir às dez, assim poderia conseguir começar de manhã bem cedo com aquelas, abre aspas, entrevistas repugnantes. Fecha aspas.

Corinne suspirou.

— Certo. Então suponho que posso deixar isto escapar. Mas eu ainda não sei o que isto diz sobre mim que eu continuo a rondar você depois da coisa da Fantasia Sexual.

— Não vamos começar com isto novamente. — Ava levantou a mochila de sua amiga e segurou as alças enquanto Corinne deslizava-a em seus ombros. — Eu ainda digo que não há nada errado em aproveitar o momento quando uma fantasia sexual propriamente dita cai em seu colo.

— A única coisa que caiu em meu colo recentemente. — Corinne disse. — Foi esta história maldita. E olhe quão longe isto está me levando.

Enquanto se encaminhava para a porta, Ava olhou de volta acima de seu ombro e arqueou sua sobrancelha.

— Você nunca teve qualquer paciência, Corinne querida, mas estou certa que você conseguirá a sua um dia.

Corinne bufou.

— Sabendo minha sorte, a minha é o maldito duende.

Capítulo Quatro

Luc esperou fora do prédio de apartamentos da humana por uma hora antes de sua impaciência levar a melhor sobre ele. Quando falou com Dmitri e Regina, depois de deixar a casa de Rafe, Ihe tinham dado o endereço da mulher e informaram que sua agenda variava, mas que ela geralmente chegava em casa por volta das nove ou mais tarde durante a

semana. De acordo com Regina, os finais de semana eram um desafio à parte.

— Corinne gosta de... ser ativa. — A noiva de Dmitri havia relatado. — E a ela certamente não falta uma vida social. Apenas não é o tipo de mulher de ficar em casa e esperar pelo Sr. Certo ligar. Ela está muito ocupada saindo e matando o tempo com o Sr. Você verá.

Regina parecia encantadoramente diplomática quando disse isso, e Luc não teve coragem de dizer a ela que uma mulher que gostava de sexo era pouco provável chocar um Fae. Os seres humanos eram as únicas criaturas que ele poderia pensar que realmente ficavam pendurados com o sexo. Regina, por exemplo, corou quando falou sobre a amiga. Apenas o olhar repressivo no rosto de Dmitri fez Luc não rir. O vampiro claramente adorava sua nova esposa e não seria gentil com qualquer um que a embaraçasse rindo de sua modéstia. Luc ficou feliz em deixá-los à sua felicidade conjugal.

Encontrou o prédio de Corinne facilmente, mas depois de uma hora no tempo úmido de agosto, sua paciência acabou. Escorregou pela porta da frente atrás de outro inquilino com um encanto mascarado, passou despercebido, então, ele foi pelas escadas até o quarto andar e encontrou o apartamento 405. Verificou para ter certeza de que ninguém estava por perto, segurou a maçaneta em uma das mãos e colocou a outra sobre a trava, tentando decidir se queria ter a chance de espiar antes da proprietária retornar.

— Sabe, antes de forçar a entrada, eu ouvi dizer que é comum se assegurar de que não há ninguém a sua volta antes de começar.

Ele virou-se ao som da voz para ver uma mulher humana de cabelos e olhos escuros caminhando pelo corredor a alguns metros de distância dele. A julgar pela foto que Regina lhe mostrou, a proprietária do apartamento retornou, mas ele obviamente não olhou para a foto perto o suficiente. A mulher que estava na frente dele agora fazia coisas à sua libido que a foto não havia sequer sonhado. Maldição, ela o pegou desprevenido.

Ele sabia que Rafe disse que todas as amigas de Regina pareciam ser extremamente atraentes para os humanos, mas, pelo amor da Senhora, Luc era Fae. Ele vivia entre as fêmeas mais belas da criação e servia como guarda de elite para uma que provavelmente reinava como a mais bonita, então certamente não deveria estar sentindo essa onda de luxúria por uma humana.

Além do que, humanos eram tão... humanos. Eles não tinham nada de especial, não em relação a um Outro, ou a um Fae ou qualquer uma das outras legiões de criaturas que viviam nos mundos. Sem poderes, sem dons, nem mesmo qualquer talento para falar. Como um monte de outros em Faerie, Luc sempre pensava neles como sendo um pouco primitivos e pouco desenvolvidos. Então, por que diabos a visão de Corinne D'Alessandro ia diretamente à sua virilha?

Ela não apenas superava suas noções normais de beleza feminina humana como as excedia. Ela tinha a pele oliva e cabelo espesso e escuro

da cor do ônix que Mab usava em sua coroa a cada Samhain. Ela era mais alta do que a média humana também, embora ainda fosse cerca de uma cabeça menor do que ele, e tinha o tipo de figura humana que muitos Fae pensavam como grosseiro e comum. Luc achou isto tentador. Suas curvas fizeram suas mãos coçarem para encontrá-las, e sua substancialidade parecia chamá-lo, o fazia sentir imaginando-a contra ele, pesada, quente e real. Ele queria abraçá-la, saborear suas curvas e os ângulos de suas feições clássicas, para descobrir a verdade do seu cheiro de terra e a riqueza de seu sabor.

O que em nome da Senhora estava errado com ele?

— Eu verifiquei. — Ele disse, agindo com um pouco de bom senso, andando para longe da porta. — Você não estava aí a um segundo atrás.

— Bem, eu estou aqui agora. Então, se você está pensando em roubar alguém, sugiro que não seja eu, já que posso dar à polícia uma descrição muito boa neste momento. Seu olhar percorreu-o, talvez um pouco mais lento do que o necessário o que lhe agradou, e levantou seu queixo enquanto cruzava os braços sobre o peito. — E se você estava aqui realmente para tentar me vender alguma coisa, eu não estou interessada.

— Nenhuma coisa, nem outra. Eu só estava procurando pela mulher que vive no 405. — Ele fingiu ignorância e esperou por sua resposta.

— Você a conhece?

— Não, mas eu conheço amigos seus que me deram seu endereço e sugeriram que eu a procurasse.

Ele esperou que ela se identificasse, mas só levantou as sobrancelhas.

— Realmente. Que amigos? E qual o seu nome, já que estamos nisso?

Ele sorriu.

— Os amigos são Dmitri e Regina Vidame, e se eu admitir ser Luc Macanaw, isso fará de você Corinne D 'Alessandro?

— Isso depende de como você conhece Reggie e Misha e se você pode me mostrar uma forma de identificação.

Ah, Nova iorquinos. Luc não passava tanto tempo em Ithir, mas não demorou muito para reconhecer um nativo desta ilha mortal. Ele alcançou seu bolso de trás e retirou uma carteira cheia de pequenos detalhes humanos tão valorizados. Ele manteve isto na casa de Rafe para suas visitas ocasionais.

— Licença de motorista?

— É um começo.

Ela não se aproximou, então ele lançou a carteira para ela e viu como a pegava e a abria, examinando o pequeno cartão de plástico que tinha sua fotografia. Suas sobrancelhas se levantaram rapidamente.

— Lúifer? — Ela leu. — Não me espanta que tenha se apresentado como Luc.

Ela passou um minuto olhando da foto para Luc e o fez novamente antes de fechar a carteira com um piscar de olhos e jogou-a de volta para ele. Ele assumiu que passou pela inspeção, porque desta vez, quando ela

encontrou seu olhar, estava quente, brincalhão e avaliador. Ele observou seus quadris balançarem suavemente quando ela cruzou a curta distância entre eles e encaixou a chave na porta.

— É muito ruim Regina mandar você aqui. — Ela disse por cima do ombro enquanto abria a fechadura. — Eu estava esperando que você fosse um presente de Ava. Você é justamente o tipo de fantasia que eu apreciaria.

* * * * *

Corinne realmente esperava que Luc não pudesse ver o quanto suas mãos tremiam quando abriu a porta e entrou em seu apartamento. Não era apenas porque achava isto embaraçoso, mas porque não queria que ele se assustasse por seu intenso desejo em derrubá-lo no meio do corredor. Ela nunca quis um homem tão rápido ou tanto antes, mas Luc era uma exceção à sua regra.

Quando ela se virou para o corredor de seu apartamento, seus pensamentos ainda estavam centrados na história dos pesadelos que teve e nas entrevistas ridículas que teria que realizar no dia seguinte e esperava tirar de sua mesa este assunto de Hank. Assim, a última coisa que esperava ver na frente de sua porta era um homem totalmente engajado em entrar em seu apartamento. O fato dele estar esperando por ela era tão inesperado quanto emocionante, porque esse cara estava avaliado como fora das cartas em sua própria baba. Talvez tivesse sido uma menina

tão boa que o Papai Noel estava enviando seu presente antecipado. Ou isso, ou ela estava tendo alucinações.

Certo, então um ladrão não era a ideia da maioria das pessoas de um adequado presente de Natal ou uma recompensa celestial, mas Corinne teve um dia difícil e passaram-se semanas desde seu último encontro. Ela poderia ser perdoada por um pouco de baba sobre um homem tão lindo, mesmo que fosse ladrão. Então se aliviou quando esclareceram quem ele era e o que queria se transformou em algo muito profundo. Isso a fez se sentir melhor sabendo que não tinha cobiçado um bandido.

Pelo menos 1,96m ou 1,98m, o homem se elevava não apenas sobre ela, mas sobre todos os outros homens com quem ela já ficou, incluindo o trabalhador da construção de 1,88m por quem ela babou a maior parte do verão passado. Esse cara não era apenas alto, ele tinha músculos para fortalecer sua altura, com o tipo de definição muscular que a maioria dos homens mataria para ter.

Sua pele tinha um tom bronze acobreado, e os cílios eram mais grossos e mais escuros do que qualquer homem tinha o direito de ter. Eles faziam os olhos verde-cristal se destacarem e enfatizar a escura cor café de seu cabelo, que era longo o suficiente para estar preso em um rabo de cavalo. Ela não sabia quanto longo era, mas seus dedos já coçavam para correr por todo ele.

Cabelo comprido num homem apertava todos os seus botões, especialmente quando tinha aquele tom em particular, um marrom tão escuro que parecia preto até que a luz o atingiu diretamente e mostrou os

ricos tons de chocolate. Ela queria sentir o cabelo enrolado em volta dela enquanto ela o escalava e o montava de frente até o amanhecer.

Querido Deus!

Lutando arduamente para ganhar o controle de seus hormônios e de sua baba, ela acionou o interruptor de luz e levou sua inesperada visita à sala de estar.

Gostava de seu apartamento, o que era provavelmente a razão pela qual pretendia renovar seu contrato quando viesse a ser negociado no próximo mês. Depois de alguns anos no local, achava ter conseguido deixá-lo acolhedor, com grandes móveis estofados em tons quentes de terra e pisos de madeira coberto por tapetes coloridos. Ela tinha visado o conforto e a durabilidade, mas agora as almofadas eram as últimas coisas em sua mente. Tudo o que podia pensar era em como as almofadas do sofá se afundariam sob seus joelhos, se ela o empurrasse para baixo, desabotoasse a calça jeans preta e se empalasse sobre o que suspeitava ser um pau realmente impressionante. A julgar pelo ajuste dos jeans, parecia uma boa aposta.

Limpando a garganta, Corinne fechou a porta atrás deles e colocou as mãos nos bolsos, em vez de descer a calça dele. O que havia com ela?

— Então. — Disse ela, principalmente para distrair-se do assunto da calça, e o que esperava que houvesse lá dentro. — Você estava à espreita do lado de fora do meu apartamento por um motivo, não é?

Ele sorriu, comedido, que a fez desesperada para roer algo, como o lóbulo de sua orelha. Ou seu pênis.

Ela amaldiçoou silenciosamente. Tinha que controlar esses pensamentos!

— Eu ia passar por seu escritório. — Ele explicou. — Mas no momento que liguei, eles me disseram que você saiu. Então decidi ver se poderia pegá-la em casa.

Ele poderia pegá-la a qualquer momento, e ela provavelmente lhe agradeceria por isso. Talvez até mesmo pedisse mais. Nossa, refletiu, caminhando para o sofá e sentando-se para que pudesse cruzar as pernas e pressionar as coxas sem o movimento ser tão evidente. Se alguém merecia ter o nome do anjo caído mais famoso da história, era este Lúcifer. Ela podia imaginá-lo discutindo com uma divindade irada. Ela quase podia imaginá-lo ganhar. Mas não podia imaginá-lo abrigar qualquer ciúme dos mortais. Por que a perfeição ficaria com ciúmes? Além do que, se ele tivesse o mesmo efeito em todas as mulheres que tinha nela, o homem claramente não tinha necessidade de ver ninguém como concorrência. Ela se forçou a responder casualmente.

— Agora por quê Reggie deu a você meu nome? Você é um amigo dela? Porque ela nunca mencionou você. Confie em mim, eu me lembraria se tivesse.

— Bem, eu preciso de um favor. — Ele se sentou na outra ponta do sofá e a observou através dos olhos ridiculamente verdes. — Mas eu sou mais um amigo de Dmitri, na verdade. Eu só conheci Regina na noite passada. Estive... fora da cidade.

Corinne sentiu um impasse no grito da libido. Ela levou seu olhar longe de sua virilha, onde tinha estado completamente sem seu conhecimento. Honesta.

— Droga. — Ela murmurou sob sua respiração. — Todos os bons estão casados, são gays ou de outra espécie. Merda.

— O que foi isso?

Suas bochechas coraram, e ela balançou a cabeça rapidamente, tentando esconder seu desapontamento quando descruzou as pernas.

— Uh, eu só estava me perguntando há quanto tempo você conhece Dmitri.

— Não como você está pensando, eu garanto. — Sua boca permaneceu sem sorrir, mas ele estava claramente se divertindo. Ela se perguntou como ele conseguia fazer isso, expressar as coisas de forma tão clara quando sua expressão raramente alterava. — Estou mais distante das coisas de um vampiro que você possa pensar. Este bronzeado é real. Induzido pelo sol. — Ele fez uma pausa e inclinou-se mais perto, conspirador. — Eu não sofro de TPM na forma peluda também. Eu prometo.

Seus olhos se estreitaram em suspeita, mesmo que ela se sentisse começando a relaxar. Sua libido certamente não perdeu tempo em reviver. Ela cruzou as pernas, com o movimento avançando um pouquinho mais perto dele.

— Você está lendo a minha mente ou algo assim?

Os olhos de Lúcifer brilharam.

— Não. Apenas seu rosto. Você seria uma jogadora muito ruim. Além disso, Dmitri avisou-me sobre você com pessoas como ele e Graham.

Quando colocado dessa forma, soava como se ela fosse uma racista. Ou o que fosse.

— Eu gosto de Dmitri e Graham. Eles são grandes caras. — E, não, ela não parecia defensiva, obrigada. — É apenas um pouco novo para mim. Há quanto tempo o conhece? — Se recusou a contemplar o surrealismo dessa conversa, ou o fato de que ela, aparentemente, moveu-se alguns centímetros ao longo das almofadas do sofá. Ouviu falar de homens magnéticos, mas isto era ridículo.

— Anos. Eu os conheci em um clube há cerca de dez anos atrás. Admito que foi estranho no começo, mas você se acostuma. Então. — Ele disse, voltando-se contra as almofadas do sofá para ficar um pouco mais perto dela. — Quando eu mencionei que estava procurando alguém para me ajudar, Misha mencionou você. Está disponível?

Ah, em todos os sentidos. Como você me quer?

Ela mordeu o interior de seu lábio até que pudesse chegar a uma mais razoável e menos desesperada resposta sonora.

— Suponho que isso depende. Para o quê precisa de ajuda?

Ele olhou para ela, os olhos brilhando maliciosamente.

— O mesmo que você, na verdade.

De alguma forma, ela duvidava que ele precisasse de ajuda para manter sua calcinha.

— Sim, certo.

— É verdade. Estou à procura de informações, e se você é uma repórter investigativa, provavelmente está procurando também. Estou errado?

Ela levantou uma sobrancelha e se aproximou mais. Isso soava adequadamente vago.

— Que tipo de informação?

— É uma história meio longa.

Corinne abafou a vontade de sugerir que lhe contasse tudo sobre ele, enquanto ela o deixava nu. Era sua imaginação, ou ele estava olhando para seus seios antes de dar a resposta anterior? E, oh querida, ela estava perto o suficiente para tocá-lo agora, não estava?

— Eu não tenho tanta certeza de quanta ajuda eu vou ser se eu não sei o que você quer.

Corinne se perguntou se Luc podia vê-la com os olhos vidrados e sua língua de fora. O que foi que este homem fez para que ela estivesse a ponto de se despir, abrir-se e fazer todas as acrobacias com ele com força em uns meros 10 minutos? Ela nunca foi tímida sobre sexo, mas isso lhe pareceu um pouquinho excessivo. Era uma coisa danada de boa ele não ser um vampiro ou qualquer coisa, ou ela estaria em pânico com o pensamento de que ele soubesse o que estava acontecendo em sua mente suja. Ele tinha que ser capaz de adivinhar, porém, considerando o fato de que durante a sua breve conversa ela conseguiu dançar de um lado de seu sofá para o outro, até que tinha praticamente subido em seu colo.

Corando, e mortalmente envergonhada, ela descruzou as pernas e fez um movimento para empurrar-se para fora do assento completamente, mas ele a deteve com uma mão em sua perna. Em sua coxa, na verdade. Sua coxa. Tão alto que a borda de sua mão roçou de leve contra sua calcinha e ela respirou fundo.

Qual a probabilidade dele dar queixa se ela apenas o atacasse agora? Ele a salvou de descobrir.

— Neste momento. — Ele murmurou, inclinando-se perto o suficiente para que ela pudesse sentir seu hálito, picante de menta, quando falou. — O que eu quero é um pouco diferente do que disse a Dmitri e Regina.

Corinne ouviu coros de anjos, mas que poderia ter sido apenas o alívio enorme do eco que sentiu quando ela finalmente cedeu e enterrou os dedos em seu cabelo escuro pecaminosamente.

— Ah, bom. — Ela murmurou, alcançando a boca dele com a sua. — Porque eles sabem malditamente muito sobre como é a minha vida sexual.

Capítulo Cinco

O primeiro toque de seus lábios e se sentia em casa e tinha gosto marcado de creme.

Luc rosnou seu prazer contra sua boca e pegou-a no colo, obcecado em ficar mais perto dela. Para o inferno com seus escrúpulos, com suas diferenças de espécies, com o fato de que ela provavelmente só o queria por causa da magia que ele exalava. A essa altura, ele não se importava. Tudo o que importava era que a queria de uma maneira que nunca quis outra mulher, e ela estava disposta a dar o que ele precisava. Todo o resto poderia se resolver depois.

Seus lábios se separaram ansiosamente por sua língua e ele mergulhou profundamente, buscando o gosto não poluído dela, o sabor que pairava no macio, convidando-o aos recantos de sua boca. Ele podia sentir nela o mesmo desejo que ameaçava mandá-lo sobre a borda, o que não estava ajudando sua luta pelo controle. Era uma estranha reviravolta do destino que os seres humanos encontrassem os Fae tão irresistíveis que seu povo escolheu viver tão longe, mas lá estava ele. Nem mesmo o glamour poderia esconder o fato de que os Fae eram mágicos, nem evitar alguns humanos de sentir isso. A luxúria de Corinne era sua reação a esse sentido, e estava levando-o para fora de sua mente. Não que ele se importasse, mas ainda não sabia como tratá-la. Ele sabia que os seres humanos e Fae eram fisicamente compatíveis, mas tinha se acostumado a tomar as mulheres que queria, sem os rituais de acasalamento elaborados observados nos humanos, e ele não se retrataria com uma mulher humana valorizando a sexualidade ousada que era tão comum entre o seu povo. Além disso, em algum lugar no fundo de sua mente, ele tinha a sensação de que deveria se preocupar por não ser ele realmente quem ela havia

desejado, mas a magia que ele não conseguia esconder, nem mesmo atrás do mais forte glamour.

Todo Fae possuía glamour antes de todas as outras magias, o poder mais simples e ainda mais potente que exercia. Lançando um glamour em si mesmo, um Fae poderia alterar sua aparência aos olhos de qualquer ser vivo, mesmo Fae, se ele tivesse talentos particularmente fortes. Era responsável por todas as histórias da beleza sedutora de sua raça. Tam Lin foi realmente cativado pela beleza da Rainha das Fadas, mas pelo menos um pouco da beleza era do glamour particularmente forte de Sua Majestade. Esses truques, geralmente provocavam a dissolução de todas as relações entre os Fae e os mortais. Por alguma razão, os seres humanos tendiam a reagir de forma dobrada quando descobriam que a percepção de seus amantes era baseada em uma teia de belas mentiras, e Luc adivinhou que Corinne não seria uma exceção a isso.

Ele não usou um glamour para melhorar sua aparência, apenas para disfarçá-la. Depois da advertência de Rafe que Corinne era cautelosa sobre qualquer um de uma espécie diferente, eles tinham decidido que Luc deveria usar sua magia para parecer humano para a amiga de Regina. Ele nem mesmo usou um grande feitiço, apenas alguns poucos encantamentos simples que reformularam sua orelhas para uma forma mais humana, ou seja, audição menos aguçada, suavizando alguns dos ângulos mais nítidos em suas características, e disfarçou o brilho de encantamento que todos os Fae tinham como uma aura visível. Mas um glamour era um glamour e os sentidos humanos ocasionalmente tinham

apenas o suficiente de um gosto da magia que os impulsionava a encontrá-la muito sedutora, de fato. Ele estava disposto a apostar que Corinne não iria apreciar a diferença entre uma grande mentira e uma pequena.

Ainda assim, com o sabor dela persistindo em sua língua, ele não tinha certeza se importava. Tudo o que importava para ele agora era o gosto dela, a sensação dela sob suas mãos e o cheiro almiscarado quente, de sua excitação enchendo seus sentidos.

— Mm. — Seus gemidos guturais o deixavam louco. Esta humana que ele tinha medo de chocar, aparentemente não sabia que deveria ser significativamente menos agressiva do que uma mulher Fae. Suas mãos soltaram o aperto em seu cabelo e mergulharam entre seus corpos. Ela mudou de posição, jogando uma perna sobre a dele e se virou até montar em seu colo, mas ela nunca interrompeu o beijo. Suas bocas alimentavam uma a outra quando ela deslizou as mãos entre eles e atacou os botões de seu agora muito apertado jeans.

Luc mal lembrava como impedir a si mesmo de abri-los com magia. Em vez de deixá-los nus com um toque de seus dedos, ele teve de suportar o deslizar alucinante de seus dedos sobre o pênis inchado, o roçar de dedos contra seu eixo, quando ela lutou com o zíper. Quando finalmente conseguiu abrir o último dos botões, ela gemeu seu alívio contra boca dele e deslizou as mãos dentro da calça de brim aberta para fechar a mão com reverência ao seu redor. Suaves dedos femininos enrolados em seu pênis, medindo a largura e avaliando a sua dureza. A Senhora sabia, não havia

nenhuma maneira em Ithir que pudesse ficar mais duro, perto de se transformar completamente em pedra. E mesmo assim, estava por um triz.

A outra mão se enterrou mais abaixo até que ela pode colocar as bolas na palma. O ronronar satisfeito que deu quando fez quase o fez terminar em suas mãos, e ele estaria condenado se deixasse sair só uma gota de sua semente antes que chegasse em seu interior.

Ele soltou sua boca da dela apenas o tempo suficiente para tirar a camisa dela sobre a cabeça e jogá-la longe. Antes que tivesse tempo de agarrar a barra da sua, ela mergulhou de cabeça para seu peito nu e colocou sua língua quente, inteligente contra o oco de sua garganta. Merda. Entre as mãos acariciando e a língua correndo, ele não tinha a menor chance. Tanto para tentar não assustá-la. Neste ponto, seria assustá-la ou desapontá-la. Aliviando as mãos em seu pênis e outras partes mais sensíveis, ele foi para o medo.

Em uma corrida vertiginosa de movimento, ele tirou a camiseta sobre a cabeça e caiu de costas no sofá. Antes que ela pudesse fazer mais do que piscar para ele, tirou sua calcinha, sapatos e meias e estava chutando a calça jeans para se juntar a pilha de roupas abandonadas no chão. Nu, forçou as pernas dela a se afastarem e acomodou-se em seus quadris, seu pau colocado à entrada da vagina já molhada.

Apoiando o peso do tronco de lado, ele se curvou, passou o polegar sobre o mamilo ereto e sorriu para ela.

— Hey. — Ela protestou mesmo quando separou mais as coxas e envolveu suas suaves pernas douradas ao redor dos quadris. — Você não está jogando limpo. Eu estava me divertindo.

Luc abaixou a cabeça até que pudesse raspar os dentes sobre o tendão delicado ao longo de seu ombro. — Eu não estou jogando limpo. — Ele respirou profundamente para capturar seu aroma. Era uma mistura inebriante de madressilva, cravo e mulher quente e disposta. — E eu prefiro nos divertirmos juntos. O que você acha?

Balançou os quadris contra os dela, saboreando a música de seu suspiro, um quase gemido. A entrada da vagina banhou-o com umidade quente, facilitando o caminho, atraindo-o para dentro de sua passagem de espera. Deusa, ele mal podia esperar para estar dentro dela.

Com os dentes cerrados, se levantou sobre ela, observando o arco de sua garganta quando ela jogou a cabeça para trás, a vibração de seus cílios quando gentilmente apertou os seios. Ele enviou seus quadris para frente até que a cabeça do pênis esteve fortemente pressionada contra sua entrada, não dentro dela, mas prestes a entrar.

— Bem. — Ele exigiu entre os dentes. — Você me quer, Corinne?

Os olhos se abriram e ela olhou para ele, estalando com calor e necessidade. Soltou as almofadas do sofá e afundou as unhas profundamente em seus ombros, quando fechou os tornozelos com mais firmeza nas costas.

— O que você acha? — Ela sussurrou e se impulsionou usando a força de suas pernas para bater os quadris com força contra os dele.

Seu pênis colocado profundamente dentro dela, parecia um aríete, mas ela estava lisa e quente. Ele podia sentir seus saltos altos em suas costas, mas não se importou. Tudo que importava era a sensação desta mulher debaixo dele, ao redor dele, levantando os quadris para encontrar seus golpes, quando ele começou a foder com um ritmo rápido e brutal.

Corinne gritou, com a cabeça caindo para as almofadas, mesmo quando as mãos agarravam freneticamente seus ombros. Ela puxava como se para trazê-lo mais perto, e Luc obedeceu, pressionando seus corpos lisos e suados juntos do pescoço à virilha, enquanto continuava a martelar sua boceta. Ele nunca sentiu nada tão surpreendente como o corpo desta mulher e as sensações que ela criava nele. Transou com ela, como se quisesse rastejar dentro de sua pele, para ficar tão perto dela que nem mesmo o ar pudesse separá-los.

A sensação dos seios amortecendo seu peito o deixava louco, quase tão louco quanto os gemidos suplicantes saindo de seus lábios entreabertos a cada vez que ele empurrava dentro dela. Ele esmagou sua boca, engolindo seu gemido, capturando-o de sua língua e devolvendo-o na forma de seus próprios profundos e surdos gemidos.

Durante horas ele transou com ela, ou o que pareceram horas ao seu cérebro febril; mas no final, ela foi a que culminou com um grito ecoado, deixando-o para segui-la quando pudesse. Com a força de seus músculos internos ordenhando o eixo, não demorou muito. Três duros golpes intermináveis, mais tarde, explodiu, esvaziando-se todo dentro dela, até

que tudo o que ele podia fazer era se afundar pesadamente em cima dela e se perguntar se essa mulher incrível era realmente humana, afinal.

Corinne estava embaixo dele, a vagina palpitante, pulmões doendo, os músculos queimando, e esforçou-se para lembrar a última vez que ficou torcida deste jeito pelo sexo. Não podia. Nunca experimentou nada parecido. Era como ser atingida por uma onda gigante, cobiçando-o no minuto em que o viu. A urgência e o desejo... foi como estar sob compulsão, não dando-lhe outra alternativa senão tê-lo o mais rápido possível.

Cautelosa, ela verificou todos os sinais persistentes da necessidade, mas parecia ter ido embora. Oh, ela ainda o queria, mas desta vez sentiu que poderia esperar mais alguns minutos, se tivesse que fazê-lo. Embora preferisse que não tivesse.

Ele a cobriu como um cobertor, embora pesasse um inferno de muito mais, bloqueando as luzes. Suas pálpebras fechadas provavelmente ajudaram com a coisa de bloqueio da luz, mas quem era ela para fazer trocadilhos? No momento, provavelmente não poderia sequer escrever sutilezas e estava muito ocupada tentando recuperar o fôlego para tentar.

Nota mental, no entanto. Assim que conseguisse se lembrar de como escrever, precisava enviar a Reggie uma nota de agradecimento. Este foi de longe o melhor presente que ela já recebeu.

Luc se agitou em cima dela, acariciando a curva de seu ombro, acariciando-a com as mãos para baixo e de lado para segurar seu traseiro em um aperto afetuoso. Cantarolando de prazer, ela moveu-se sob ele, alongando os músculos abusados e nem mesmo estremeando com as dores resultantes.

— Você está bem? — Sua voz profunda soou ainda mais rouca, mais como um estrondo de um trovão distante. Ela o sentiu tanto quanto ouviu.

— Hum, acho que condenadamente fabulosa, você não?

Ele riu, seus ombros tremendo sob seus dedos.

— Ah, com certeza. Mas eu estava realmente querendo saber se te machuquei.

Se seus olhos estivessem abertos, ela os teria rolado.

— Oh, por favor! É como se estivesse em um manual que todos os homens leem ou algo assim, para que todos se sintam compelidos a perguntar isso depois? — Ela virou a cabeça, até que pode alcançar seu ombro e saborear o gosto salgado de sua pele. — Confie em mim, eu não sou fácil de machucar, e se você se controlou, eu posso garantir o contrário ou eu não teria gozado gritando. A dor não é igual a minha torção.

Ele grunhiu de satisfação e puxou-a para mais perto, seu pênis semiereto ainda enterrado dentro dela; que se flexionou com o movimento, como se acordasse de um cochilo confortável. Corinne se perguntou se o seu tempo médio de recuperação era semelhante.

Ela debateu-se entre ver quanto de esforço seria necessário para descobrir, mas não tinha energia para isso. Sentia-se muito quente, saciada e aconchegada para ser esta uma das suas ambições. Embora, agora que pensava sobre isso, ser capaz de respirar seria bom.

Ela cutucou seu ombro.

— Luc?

Ele resmungou, mas não se moveu. Típico homem.

— Luc, eu odeio estragar o clima aqui, mas você está ficando meio pesado, e estou começando a pensar que aqueles pontos que estou vendo pode ser um sinal de falta de oxigênio ao invés de apenas sexo bom.

— Grande sexo. — Ele corrigiu, mas já a estava envolvendo nos braços e lançando-se de forma que ficasse deitado de costas no sofá e ela caía sobre ele. — Mas sim, desde que você provavelmente é superada em uns bons 45 quilos.

Corinne definitivamente aprovou a mudança. Ele era um excelente colchão. Extra firme e de apoio confortável. Agora ela tinha espaço para se esticar, o que fez com grande satisfação, o atrito da pele dela deslizando sobre a sua fez um sorriso satisfeito aparecer em seu rosto. Satisfeito, inferno. Ela provavelmente parecia como um gato Cheshire. E definitivamente mais excitante.

Colocando os joelhos ao lado de seus quadris, ela decidiu que talvez tivesse energia para testar seu tempo de recuperação depois de tudo. Empurrou-se para uma posição sentada, que levou seu pênis mais fundo dentro dela e fez seu sorriso ficar um pouco travesso se comparado a um

personagem de um romance infantil. Ela colocou as mãos em seu peito e ergueu os quadris, sentindo-o endurecer totalmente dentro dela, antes de se afundar lentamente ao redor dele. Ah, sim. Definitivamente natural.

Abriu os olhos, querendo ver seu rosto enquanto o montava. Queria ver se podia ler suas reações e deixá-lo tão louco quanto ele a deixou. A julgar por sua expressão, ela pensou que poderia ser um começo decente. Seus olhos se estreitaram em lascas afiadas de verde tão intenso que parecia quase brilhar. A cor parecia ainda mais escura e mais vibrante do que ela se lembrava. Na verdade, tudo nele parecia mais intenso do que esteve há uma hora. Seus olhos pareciam mais exóticos, suas sobrancelhas mais escuras e mais nítidas. Suas maçãs do rosto pareciam mais proeminentes, e a linha de sua mandíbula parecia ter sido esculpida em granito.

Piscando, Corinne balançou a cabeça como se para clareá-la. Aparentemente, muito sexo podia afetar a visão de uma pessoa, também. As mãos de Luc se fecharam ao redor de seus quadris, os dedos se cravando em sua carne como se ele a incentivasse a afundar mais pesadamente sobre seu pênis. Ele a guiou em um ritmo constante de estocadas longas destinadas a fazê-la sentir cada centímetro da penetração e sua retirada. Ela gemeu quando ele começou a empurrar os quadris para cima para encontrar seus golpes, a força dele profunda o suficiente para se esfregar contra seu ventre. Ele a encheu tão completamente que ela pensou que ele sairia por seus ouvidos em um minuto ou dois.

Suas mãos apertaram no músculo incansável do peito, e ela travou os cotovelos para manter os braços esticados e se alavancar para montá-lo mais rápido ainda. Ele combinava com seu ritmo de forma integrada, seu corpo fluindo nela, músculos encolhendo e mudando sob ela.

— Curve-se.

Ele deu a ordem em voz tão dura como o cascalho e ela levou um momento para perceber que era mais do que um gemido sem palavras.

— Curve-se. — Repetiu ele. — Eu preciso te provar.

Bem, nesse caso... Ela se inclinou, colocando-se a seu alcance, até que sua boca se fechou quente e forte ao redor de seu mamilo e ela gemeu de prazer. Ele puxou-a chupando-a, como se pudesse tirar seu coração através do peito. O pequeno botão contraído, uma pérola apertada contra a língua. A sensação de sua boca sobre ela provocou ondas de choque direto em sua vagina e ela gritou, envolvendo os braços ao redor de sua cabeça para trazê-lo mais perto.

A recompensou com uma mordida delicada, e seus dentes fecharam ao redor da base do mamilo e o levou para baixo, não o suficiente para ferir, mas, mais do que o suficiente para fazê-la apertar-se mais ao redor dele. Segurando o mamilo, ele tocou a ponta sensível com a língua em um ritmo tão rápido como as asas de um beija-flor. Ela gemeu, em voz alta desta vez, e sentiu tensão dentro dela ainda mais apertada. Se não gozasse logo, tinha certeza de que seu coração iria parar.

Gemendo, ela envolveu uma mão nos longos e sedosos fios de seu cabelo e deslizou a outra entre seus corpos, encontrando seu clitóris e

circulando com dedos urgentes. Ele gemeu contra seu seio e ergueu o peito.

— Sente-se. — Ele rosnou. — Sente-se onde eu possa vê-la. Eu quero ver você se tocar enquanto goza.

— Então não pisque. — Ela jogou a cabeça para trás e seus dedos trabalharam rápido, mesmo enquanto batia os quadris contra os dele em um ritmo frenético. Três golpes fortes e o raspar de sua unha contra a carne inchada, e ela se desfez. Ela gozou em um longo, trêmulo gemido, apertando a vagina ao redor dele, ordenhando seu pênis com forte ondulação puxando-o até que ele se juntou a ela no prazer devastador. Querendo ver o seu rosto, enquanto ele gozava, ela forçou seus olhos a se abrirem e viu como sua mandíbula se apertava, seus olhos se estreitaram e sua boca se torcia em uma expressão feroz. Então seus olhos se abriram bem e seus olhares se encontraram, verde e marrom, enquanto ele se derramava dentro dela.

Foi quando ela percebeu o brilho.

No início, tentou piscar, mas o brilho permaneceu, uma aura dourada brilhante que irradiava dele como um halo. Isto fez seus olhos se arregalaram e seu queixo cair, mas quando ela tentou retirar a mão que estava em seu longo cabelo, os fios se deslocaram e expuseram uma graciosa orelha e decididamente pontuda.

— Oh, merda. — Ela sussurrou. — Que diabos é você?

Capítulo Seis

Endureceu como se ela tivesse batido nele.

— O que quer dizer com, o que sou eu? Como assim?

— Se eu soubesse o que é eu estaria perguntando? — Sua voz soava um pouco histérica, mesmo para ela, mas maldição, ela nunca fodeu um homem com orelhas pontudas e pele brilhante antes. — Mas você com certeza não é humano.

— Merda. Você pode me ver de verdade, não pode? — Ele não esperou por uma resposta, apenas xingou novamente e sentou-se. — Eu não posso acreditar. De todas as mulheres em todos os mundos, tinha que ser uma maldita humana.

Corinne não parou para perguntar do que diabos ele estava falando. Estava muito ocupada chocada com o que tinha acabado de descobrir. Por favor, oh por favor, oh por favor, não me diga que eu fiquei com uma espécie de monstro.

O mantra se foi... não foi terrivelmente, mas claro, ela não se importou muito.

Ela sentiu-o tenso debaixo dela, o que a lembrou que ainda estava em cima dele, ainda com ele dentro e ela subiu para se separar. Apenas conseguiu chegar tão longe quando seus joelhos, antes de suas mãos dispararam, caindo de costas no sofá. Ele a prendeu lá com seu corpo, estendido sobre ela como antes, só que desta vez, não parecia sonolento e saciado. Ele parecia irritado. E perigoso.

— Bem, isso é uma maneira de acabar com os ânimos. — Ele rosnou, segurando suas mãos pelos pulsos e as colocando ao lado de sua cabeça. Alguém já lhe disse que você pode ser uma espécie de fanática?

Corinne empurrou as mãos, o que era uma espécie de empurrão contra algemas de ferro, e fez uma careta para ele.

— “Fanático” é um termo religioso, seu idiota, a menos que você seja uma espécie de deus estranho ou algo assim. — Ela congelou e praticamente se sentiu verde. — Oh, merda. Você não é algum tipo de deus, é?

Ele bufou.

— Se fosse você não acha que eu teria uma maneira um pouco melhor de lidar com a sua birra do que apenas prendendo-a e tentando abrir caminho através de sua cabeça dura, não é?

Ela se entregou a um suspiro de alívio antes de voltar a tentar se contorcer para se libertar.

— Eu tenho uma ideia. Que tal se você se esquecer de tentar lidar com a minha “pequena birra”, ficar com pena, e sair de cima de mim!

Ela conseguiu libertar apenas uma das mãos tempo suficiente para golpeá-lo diretamente através da mandíbula. Não foi um tapa feminino, também. Ela fechou sua mão em um punho apertado e plantou-lhe um soco. Ele respondeu xingando em uma língua que ela não conhecia e obteve um melhor controle sobre seu pulso neste momento.

— Eu vou sair quando estiver bem e pronto. — Disse ele, erguendo-se para evitar os dentes dela. — E não vai ser até que você se acalme e ouça a razão.

— Razão! — Pulando loucamente, ela lançou seu joelho em direção a virilha, esperando enviar suas bolas até a garganta, mas tudo o que atingiu foi sua coxa. O homem tinha reflexos como um gato em alta velocidade. Antes que ela percebesse, ele a tinha virado de bruços, com os pulsos presos para trás e sua mão livre ao redor de um punhado de seu cabelo escuro. O bastardo até mesmo colocou o joelho na parte baixa de suas costas para mantê-la quieta.

— Veja o que acontece quando você se recusa a se comportar como uma adulta civilizada?

Como Deus era sua testemunha, ele pagaria por aquele tom de voz.

— Quem é você para falar sobre civilizado? — Ela exigiu com os dentes cerrados. — Pelo menos eu sou humana.

Ele riu para ela.

— E você acha que a humanidade é o mais alto pináculo da civilização? Bebê, você tem muito a aprender, mas eu realmente não tenho tempo para ensinar.

— Se você está com tanta maldita pressa, que tal me deixar ir e dar o fora do meu apartamento.

— Eu não posso. Não estava mentindo sobre precisar de sua ajuda.

Sua mandíbula teria caído pelo choque, se seu rosto não estivesse enterrado nas almofadas do sofá.

— Você está brincando comigo. Honestamente acha que eu iria ajudá-lo agora? Que tipo de crack você está fumando?

— Uma marca diferente da sua, obviamente. Recebe algum dinheiro extra para agir como uma criança irracional?

— Criança? — Ela estava ouvindo coisas, certo? Porque ele não poderia apenas tê-la chamado de criança. — Desculpe-me, Sr. tão-maduro-para-resolver-um-conflito-interpessoal-com-força-física, mas eu acho que você está perdendo de vista o quadro geral aqui. Como eu sou a única a agir como uma criança, quando você é o único que mentiu para mim, me seduziu, acabou sendo algo que não é humano depois de jurar-me que era, e agora está prendendo-me em meu próprio sofá e praticamente arrancando meus braços?

— Primeiro, a menos que você tenha alguma lesão antiga no ombro que não me contou, eu não estou forçando seus braços, segurando-os desta forma. — Ele deu-lhe um segundo para responder, mas ela se manteve teimosamente em silêncio. Não estava com vontade de dizer a ele que estava certo.

— Em segundo lugar. — Ele continuou. — Nunca disse que era humano, eu só disse que não era um vampiro ou um homem lobo. E eu não sou. E, terceiro, eu não estaria prendendo você no seu sofá se pensasse por um segundo que poderia confiar em você para se sentar e conversar comigo como um ser racional.

Corinne rosnou.

— Você omitiu.

— Eu fiz, mas ia te dar a oportunidade de se comportar antes de chegar nas partes complicadas.

Ela zombou. No sofá. O que arruinou o efeito.

— Que generoso de sua parte.

— Posso?

Ele se moveu rapidamente, puxando-a de joelhos, com as mãos na frente dela e deixando cair em seu traseiro. Pelo menos agora ela estava sentada, mas ele ainda mantinha um aperto firme em seus pulsos, e agora ela podia ver a expressão incomoda em seu rosto. Ela não estava pronta para admitir que ele tinha razão para estar assim.

— Se você se sentar aqui e ouvir como uma adulta, eu não vou prendê-la novamente, mas se tentar correr ou me bater, você vai para baixo. Entendeu? Ele apenas se sentou e olhou para ela, obviamente esperando por uma resposta. Ela deu um aceno de cabeça descontente.

— Ótimo. Agora, sobre a mentira.

Ela olhou para ele.

— Sim, vamos discutir a mentira.

— Dá um tempo, Corinne. O que você teria feito? Eu precisava de sua ajuda e sabia que você não confiaria nos Outros. Foi a maneira mais fácil para todos nós. — Sua boca bonita se transformou em uma careta. — Você com certeza não deveria descobrir que eu sou Fae.

— Você é o quê? — Corinne ouviu as palavras, mas na mente dela, não conseguia fazer sentido. Se ela pensou que foi surreal quando esteve

no casamento de Regina com um vampiro magnata, a situação atual era muito pior.

— Fae. — Luc repetiu. Com seu olhar vazio, ele suspirou. — Como em Faerie.

Corinne não conseguiu se conter. Começou a rir.

— Claro, Sininho. Puxe a outra perna, enquanto está nisso.

Ele rosnou.

— Isso é metade do problema com os humanos. Nós deixamos o seu mundo há milhares de anos, e deixamos que vocês se esquecessem de nós, agora fomos reduzidos a pequenas bolas alegres vestidas de fru-fru.

Cada vez que tentava parar de rir, uma risada escapava. Ela simplesmente não podia deixar de imaginá-lo com dois centímetros de altura e vestindo calça cor de rosa. Pelo menos até o momento que realmente olhou para seu rosto, e então ficou séria.

— Você está falando sério? Você honestamente quer que eu acredite que você é uma fada?

— Não, eu quero que você acredite que eu sou Fae. Fada é apenas a palavra mais conveniente que eu poderia usar para fazer você entender. Faerie é um lugar. Fae significa um ser de Faerie. Chamar alguém de Faerie é como chamar alguém de Francês.

Corinne assentiu, então balançou a cabeça, em seguida, acenou com a cabeça novamente. Então, apenas ficou lá e se sentiu confusa.

— Certo, que tipo de crack estou fumando? Porque isso tem que ser uma alucinação.

Balançando a cabeça, Luc sentou-se ao lado dela e esfregou as mãos sobre o rosto.

— Não existe essa sorte. Para qualquer um de nós.

Ela fez uma careta para ele.

— O que você quer dizer com, para qualquer um de nós? Você não é o único que acabou de ser sugado para dentro da Zona do Crepúsculo.

— Nem você. Dá um tempo, Corinne, mas isso não pode ser um choque tão grande. Você já sabia sobre os vampiros e os metamorfos. O que torna os Fae tão diferentes?

— Eu transei com um.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Ser Fae não é contagioso.

Ela fez uma careta. Novamente. Talvez seu rosto fosse congelar assim.

— Mas isso muda... tudo. Você não entende.

— Sim. — Ele murmurou. — Eu entendo.

Luc entendia muito bem. Na verdade, ele entendia coisas que Corinne não sabia, e dane-se se essa não era a pior de todas as possibilidades. A última coisa que queria ou precisava, enquanto estava preso em Ithir procurando o sobrinho da Rainha era encontrar sua

Companheira de Coração. Mas aqui estava ela, e, aparentemente, não mais feliz com isso do que ele estava.

Não ajudava em nada que ela não tivesse ideia do que estava acontecendo e ele não tivesse tempo de explicar. Inferno, ele não tinha nem a energia para explicar e nem sabia como abordar a coisa toda assim do nada. Encontrar um Companheiro do Coração não acontecia exatamente todos os dias. Até onde ele sabia, nem sequer acontecia em cada existência, assim, como deveria explicar a um ser humano que o destino havia determinado que eles deveriam ficar juntos por toda a eternidade? A mente se confundia.

Ele podia entender o sentimento dela de que tudo havia mudado, porque tinha. No minuto em que ela olhou para ele e viu através de seu glamour, a realidade havia se reformulado em si mesma, a partir de uma brincadeira com uma humana que ele precisava para completar sua missão, para a primeira união com sua Companheira de Coração. Só isso.

Não havia outra maneira que pudesse ter sido visto através da magia. O Glamour não desapareceria em um par de horas e não necessitava manutenção. Uma vez lançados, eles se mantinham por semanas ou mesmo anos até que o Fae que os lançou, o retirasse. Mesmo um outro Fae não deveria ter sido capaz de ver a aparência real de Luc uma vez que a magia foi lançada. Ninguém deveria ser capaz de ver a verdade. Exceto um Companheiro de Coração.

Os deuses definitivamente apreciavam um pouco de ironia.

Anu sim. Segundo a lenda, a Grande Deusa Fae criou o Companheirismo de Coração. Desapontada com seus filhos Fae e sua tendência de esconderem-se atrás de máscaras bonitas e moldarem as aparências das coisas para servir-lhes, colocou-os sob um encantamento. De acordo com os desejos de Anu, o Fae poderia continuar sendo mestres das ilusões, mas este grande poder seria compensado por uma grande vulnerabilidade: a Verdade do Amor. Desde o primeiro dia em que ela ordenou isto, cada Fae teve seu verdadeiro amor reconhecido no momento em que se acasalava com ele, os corações seriam irrevogavelmente ligados e o poder Fae da Ilusão nunca mais enganaria seu Companheiro de Coração. Mesmo se todo o resto do mundo acreditasse em feitiços Fae, seu Companheiro de Coração veria através da magia da verdade.

Esta era uma história romântica para contar aos pequenos, mas causava estragos nos planos de Luc. Se Corinne era sua Companheira de Coração, ele não seria capaz de convencê-la a ajudá-lo, nem seria capaz de deixá-la com um beijo e um obrigado quando terminasse. Ela era sua agora, e deixá-la agora deixou de ser uma opção.

Ele virou-se para dizer alguma coisa, e recebeu algo em troca. Corinne pegou seu jeans do chão e jogou-o em sua cabeça, provavelmente desejando que fosse uma pedra.

— Vista a roupa. — Ela retrucou. — Se você está planejando me dar uma longa explicação sobre como você não fez nada de errado ao mentir

para mim e levando-me a fazer sexo sob falsos pretextos, eu realmente prefiro que nenhum de nós esteja nu.

Ela puxou sua camiseta por cima da cabeça e a saia pelas pernas, deixando o sutiã e a calcinha no chão. Ele engoliu um gemido. Certo, como se isso não fosse distraí-lo.

Ele vestiu a calça jeans de qualquer maneira, abotoando-a sem tirar os olhos do rosto dela.

— Eu realmente não acho que nenhum de nós tem tempo para isso.

— É começar com a verdade, ou sair direto do apartamento, deixando minha vida. — Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para ele, e ele não pode deixar de pensar que a expressão dela de facas pudessem ter algum fundamento na realidade. Ele teria que parar para verificar se havia feridas em si mesmo.

— Tudo bem. — Disse ele, gesticulando para ela se sentar no sofá. — Mas fique confortável. Esta é uma longa história.

Capítulo Sete

A história não levou muito tempo, mas ainda deixou Corinne com o mesmo sentimento que teve depois de ler Guerra e Paz, o que foi algo como.

— Du-huh? — Ela entendeu a parte sobre suas razões para vir a... bem, ele continuou chamando de 'Ithir', mas desde que ela não estava preparada para lidar com qualquer coisa de "realidade alternativa", se ateve apenas a dizer Manhattan. A parte sobre ele ser um guarda pessoal da Rainha dos Faerie e que foi designado para vir aqui e levar o sobrinho da rainha de volta para... de onde ele tinha vindo... deu-lhe uma espécie de sensação de romance de fantasia, mas depois disso, ele a perdeu.

— Eu ainda não entendo por que você não me disse porque precisava da minha ajuda, em primeiro lugar.

Ele esfregou a mão ao redor da parte de trás do pescoço e levantou uma sobrancelha.

— E você teria imediatamente pulado em meu auxílio e dito que tudo bem?

Sua boca se torceu.

— Bem, não. Mas eu provavelmente não teria batido em você. — Eu não teria fodido você, ela pensou, mas deixou essa parte de fora.

— Eu não podia arriscar. Realmente preciso de sua ajuda para encontrar Seoc antes que ele provoque mais problemas.

Seoc pronunciado parecia "choque", tão perto quanto ela podia dizer, soava como se tivesse chegado a um acordo sobre um de seus parentes em casa. Tudo o que ele aparentemente fez foi fazer um tour na cidade, e onde estava o mal nisso?

— O que há de tão perigoso sobre ele estar... aqui? Quero dizer, você é, er... Fae... e você está aqui. O mundo ainda não chegou ao fim.

— Eu não estou tentando fazê-lo chegar a um fim. Seoc poderia ser que sim. O problema realmente não é ele estar aqui, para começar, é que ele está interrompendo o fluxo da realidade para os mortais.

Ela sentiu que a coisa "du-huh?" estava chegando de novo.

— Tudo bem, olhando por este lado. — Disse ele. — Por que Graham e Dmitri e os outros trabalham tão duro para manter os mortais comuns longe do conhecimento de que eles existem?

— Porque eles têm medo de como iriam reagir, tentariam exterminá-los ou colocá-los em um laboratório e estudá-los ou algo assim.

— Sim, porque eles sabem que os seres humanos não estão dispostos a reconhecer agora que o que eles pensam como sobrenatural, como magia existe.

Corinne assentiu.

— Sim, eles acham que somos idiotas primitivos.

Ele suspirou.

— Em comparação com a maioria das outras espécies, vocês são. Primitivos, não idiotas. Metamorfos existiam há milênios antes dos seres humanos aparecerem em Ithir, e mesmo os vampiros que foram uma vez humanos, eles tinham uma conexão muito mais profunda com a magia do que seus primos humanos. E Fae... bem, saímos de Ithir quase ao mesmo tempo que os seres humanos começaram a perceber que as coisas redondas eram acessórios estilosos para os fundos de seus trenós. Em termos relativos, os seres humanos são como crianças para nós.

Ela não conseguia decidir se sentia-se confusa ou apenas insultada. Ou talvez ambos.

— Certo. Nós somos o equivalente cósmico a amebas. Grande. Mas isso não explica por que é tão importante interromper a turnê desse cara Seoc em Ithir.

— Na verdade, é. Os Fae deixaram Ithir porque os seres humanos não poderiam descobrir sobre a nossa magia e ao invés de escondê-la, como os outros, fomos embora deste mundo e fechamos as portas atrás de nós. Mas o que você acha que aconteceria se alguém encontrasse as portas e mostrasse a todos onde estavam?

Dito assim, a ideia fez Corinne se contorcer na cadeira. Ela podia imaginar o que iria acontecer.

— As pessoas ficariam com medo ou fascinadas. Os assustados iriam tentar destruir o que não entendem, e os fascinados iriam passar por cima, na ânsia de experimentar por si mesmos.

Luc assentiu.

— Exatamente. Uma pessoa pode aprender a lidar com uma mudança em sua realidade, mas as pessoas, como um grupo, são uma história diferente. Se Seoc continuar assim, ele vai abrir as portas. Então tanto Ithir quanto Faerie irão sofrer por isso.

— Sofrer, como?

— Faerie seria invadida por seres humanos. Alguns deles seriam honestamente curiosos, mas outros teriam medo ou seriam gananciosos

ou maliciosos e iriam destruir o mundo que passou séculos sendo construído para nós mesmos.

Sim, ela podia ver onde iria isso e seria um saco. Por mais que ela quisesse defender seus companheiros humanos de serem caluniados, as pessoas tendiam a ser um inferno de muito mais estúpidas e mais egoístas do que deveria ser. Como repórter, ela viu o suficiente de destruição que as pessoas poderiam causar para saber disso.

Ela hesitou muito tempo para o seu gosto, porque seus olhos se estreitaram e ele rosnou sua próxima frase.

— Depois, há o fato do equilíbrio em Ithir se houver mudanças no país dos Faerie, todas as criaturas que nós levamos conosco quando deixamos este lugar, viriam de volta para o seu mundo. Quando foi a última vez que você viu um pesadelo de carne e osso?

— Você conta? Certo, isso foi um golpe baixo, mas caramba, isso foi estranho!

— Estou falando sério, Corinne. — Ele soava como se tivesse repreendendo-a e ela lutou contra o instinto de se desculpar. Este era o seu mundo que estava virando de cabeça para baixo, e não o contrário. — Isto é grande, caramba. Agora seja razoável e me ajude, ou vai esconder sua maldita cabeça na areia e me obrigar a fazer isso sozinho?

— Eu deveria. — Seus dentes estavam cerrados com tanta força que ela teve que cuspir as palavras para sair. Como se atrevia ele a levá-la a uma tarefa que não perdia a chance de se tornar uma espécie de cruzada de quadrinhos? — Eu devo apenas deixar você fazer isso à sua condenada

maneira. Se fui burra o suficiente para ser enganada, eu devo ser muito burra para ajudar, não é?

— Alguém mais já lhe disse que você traz para fora o desejo de cometer atos violentos?

— Não, só você. — Ela o viu fechar os olhos, respirar três vezes profundamente, lentamente e abrir os punhos. Então ela contou até dez junto com ele.

Quando seus olhos se abriram de novo, o olhar vidrado desapareceu um pouco e ele falou com polidez excruciante.

— Será que você pode me dizer sobre o que já ouviu falar de Seoc? Onde ele foi visto, quem relatou o que, esse tipo de coisa.

Ela poderia, decidiu. Ele não tinha a intenção de levar um não como resposta, poderia dizer só de olhar para ele, e talvez se unissem suas cabeças, poderiam realmente descobrir onde esse cara Seoc estava. Talvez Luc pudesse ver algum padrão nas testemunhas que ela tinha perdido.

— Um rabino, três modelos, um dono de sex shop e um garçom.

Ele fez uma careta.

— Entram em um bar, ou ficam presos em uma ilha deserta? Eu não tenho tempo para isso, Corinne.

Corinne revirou os olhos.

— Eu estou respondendo a sua pergunta sobre o que houve com as testemunhas do “duende”, não criando uma piada de mau gosto.

Luc bufou.

— De alguma forma eu não estou convencido de que há uma diferença. — Pausa. — Eles pensavam que ele era um duende?

— O quê? Isso é uma criatura imaginária que realmente é imaginária?

— Não, eles são reais. Mas são pequenos, feios, bastardos mal-humorados. Você não pode confundi-los com um ser Fae.

— Sim, bem, as testemunhas devem ter faltado na aula de coisas que não existem. — Ela pegou a mochila do chão onde caiu e puxou para o sofá. Procurou seu notebook e abriu no lugar marcado. — O que eu fiz para merecer isso? — E deslizou por suas notas. — Nenhum dos relatórios iniciais ajudam muito. Todos viram basicamente a mesma coisa: loiro alto, paredes de tijolos, luzes brilhantes, truque de desaparecer. Naturalmente, os relatórios iniciais são mais como uma fofoca de terceira, já que a polícia não estava exatamente interessada nos delírios de pessoas que deviam ser pacientes em Bellevue.

— Será que as testemunhas falaram com alguém que não fosse a polícia?

— Alguns tabloides. Esses relatórios não são muito melhores. — Ela estalou fechado seu notebook. — É por isso que eu tinha a intenção de começar a fazer entrevistas amanhã. Preciso falar com as testemunhas em primeira mão, se vou chegar ao fundo de qualquer coisa.

Luc assentiu.

— Ótimo. Então é isso que vamos fazer.

— Hum, desculpe-me? — Ele não prestou atenção durante os últimos 45 minutos? — O que há com esse “nós”, homem branco? Esta é minha história, e eu vou fazer a investigação, mesmo que se isso me mate. Eu até concordei em compartilhar minhas informações, mas você não virá junto comigo em minhas entrevistas.

— Sim. Eu vou.

Ela revirou os olhos para o céu e rezou por paciência.

— Por que eu sempre tenho que lidar com os mais difíceis?

— Alguma vez lhe ocorreu que talvez você seja a única que está sendo difícil?

— Considerando que eu estava vivendo minha vida e cuidando dela até que você apareceu e virou tudo de cabeça para baixo? Hmm, deixe-me pensar. — Ela apertou os lábios, bateu o dedo indicador contra eles, olhou para o teto e contou até três. — Hum, não.

— Isso quer dizer que vamos lutar de novo?

Seu longo cabelo havia se soltado, enquanto eles estavam fodendo como coelhos, e ele não se incomodou em puxar para trás novamente. Apoiado sobre seus ombros e o peito nu como um cobertor de seda escura, as palmas das mãos dela começaram a coçar para acariciá-lo. Era evidente que ele não estava jogando justo deixando o cabelo assim.

Ela ignorou o adorável olhar de garotinho em seu rosto e cruzou os braços sobre o peito.

— Na verdade não. Isso significa que você irá desocupar o meu apartamento antes que eu fique irritada, e vou fazer a minha entrevista

apenas amanhã. Se você conseguir não me irritar entre agora e então, posso até contar o que descobri.

Ele soltou um suspiro de profundo cansaço e levantou-se, estendendo-se nos seus 1,98m de altura para que pudesse formar uma torre sobre ela com facilidade.

— Sim, nós vamos lutar.

O homem era tão grosso como o Sunday Times.

— Nós. Não. Vamos. Lutar. — Ela teve o cuidado de pronunciar cada palavra, apenas no caso de o inglês não ser a sua primeira língua. Quem diria? Talvez eles falassem outra coisa em Faerie. — Você vai sair, eu vou para a cama, e se você quiser saber como foi minha entrevista, me ligue amanhã à noite. Entendeu? Bom.

Ela pisou em direção à porta, tentando ignorar que ele fez um movimento para segui-la. Ela não era tão crédula.

— Você não tem ideia do quanto eu gostaria de poder apenas colocar você sob um feitiço do sono. — Disse ele do sofá. — Iria fazer a minha vida muito mais fácil.

Corinne ficou branca. A ideia de que ele poderia usar a magia nela nunca lhe ocorreu. Claro, ela nunca conheceu um Fae antes.

— Você pode fazer isso?

— Não com você. — Ele resmungou.

— Graças a De... er, quero dizer, como assim?

Ele hesitou.

— Pela mesma razão que você pode ver que não sou humano. Minha magia não funciona em você. — Ela abriu a boca para perguntar-lhe por que não, mas ele a interrompeu. — Isto funciona em outras pessoas, no entanto. O que é uma das razões por que preciso estar com você em sua entrevista de amanhã. Eu vou ser capaz de dizer se a pessoa com quem fala mente. Eu poderia até mesmo ser capaz de ajudá-las a se lembrar de detalhes que não podem se recordar conscientemente.

Se isso fosse verdade, ele poderia ser útil, mas que ela se danasse se planejava deixá-lo saber que se sentia assim. Em vez de concordar, ela deu um suspiro de dor.

— Você não vai desistir disso, não é?

Luc balançou a cabeça.

— Não.

Tudo bem.

— Ela pegou um papel, rabiscou o endereço, arrancou a página e estendeu-a para ele. — Então me encontre aqui amanhã às dez horas, e vamos ver o que podemos descobrir.

Ele olhou para o endereço e sua boca se curvou.

— O travesseiro rosa?

— Sim, eu concordo que é um nome ridículo, mas é aí que a nossa primeira testemunha está. Ele é o dono.

— Ah, o proprietário do sex shop. Estou muito feliz que não seja o rabino.

Corinne recusou-se a rir.

— Dez horas. — Repetiu ela, cruzando de volta para a porta e deixando-a aberta.

Ele olhou para o corredor, em seguida, de volta para ela, e um sorriso lento e perverso se espalhou por seu rosto. — Oh, Corinne. — Ele murmurou, aproximando-se dela e empurrando a porta com cuidado fechado-a. — Adivinha do que mais eu não vou desistir?

Ele viu o protesto registrado em seus olhos antes mesmo dela abrir a boca, e ele a parou com sua língua. Ele tinha coisas mais interessantes em mente que protestos. Afundando profundamente na caverna úmida de sua boca, ele mergulhou em seu sabor e gemeu. Senhora, como ela tinha um gosto bom. Ela aquecia seu sangue como vinho Faerie, mas foi para sua cabeça duas vezes mais rápido. Ambas, na verdade. Ele ficou duro no instante em que a tocou.

Ele encheu as mãos com ela, envolvendo os braços ao redor dela e levantando-a contra ele. Uma palma tocou seu traseiro, massageando suavemente, enquanto a outra envolvia sua cabeça para segurá-la no lugar para receber seu beijo, se beijo fosse a palavra certa. Ele queria devorá-la.

Os pequenos ruídos que ela fazia desde o fundo da garganta percorriam por ele como energia mágica. Soavam suaves, indefesos e dóceis, tão diferentes da mulher que os fazia, e o contraste o fascinava. Ele os traçou à sua origem, soltando a boca da dela para forjar uma trilha por

sua garganta com lambidas e beijos. Com a língua pressionada contra sua pele, ele podia sentir as vibrações e o burburinho através de suas cordas vocais cada vez que ela fazia um som, mas sabia que ele ainda não tinha encontrado a fonte. Estes ruídos vinham do fundo, de dentro dela.

— Luc. — Ela apertou as mãos debilmente contra seus ombros, mas ele se recusou a ceder. Quando estava com as mãos sobre ela, a última coisa que ele se sentia inclinado a fazer era deixá-la afastá-lo. — Você percebe que... — Ela estava ofegante. — Que este uhn... isso não vai resolver... qualquer coisa?

— Eu não me importo.

— Certo. Bem. Neste caso.

Ela parou de empurrá-lo e envolveu as pernas ao redor da cintura, enganchando seus tornozelos juntos atrás das costas e segurando-o firmemente. Ele grunhiu de satisfação e olhou para cima para explorar a delicada pele ao longo de sua clavícula apenas o tempo suficiente para procurar uma porta.

— Qual é o caminho para a cama?

— Esquerda.

Ele tomou a porta à esquerda, caminhou por um corredor curto e viu a porta entreaberta de seu quarto. Assumindo o seu caminho para dentro, ele a levou para o lado da cama estreita demais e caiu nela. Ela saltou sobre o colchão.

— Você precisa de uma cama maior. — A queixa não o impediu de tirar as roupas e ir direto sobre a dela, mas ele pensou que precisava dizer

algo. Ele era um homem grande, e uma vez que ele pretendia passar muito do seu tempo, no futuro, ficando na horizontal com ela, parecia importante ter a superfície adequada.

— Isso é muito pequeno para nós dois.

Ela tirou a camisa e mandou voando pelo quarto.

— Então seja criativo, ou encontre alguém mais para ir para a cama.

O pensamento o deixou frio. Corinne era sua Companheira de Coração. Agora que ele a tinha encontrado, ele não iria a nenhum lugar com qualquer outra pessoa. Nunca mais. Ao invés de sufocar, o pensamento o confortou e ele encontrou-se na expectativa de um futuro completo com esta humana espinhosa.

— Eu acho que não. — Ele estendeu a mão para agarrá-la pelo tornozelo e puxá-la para o lado da cama. Ela deslizou facilmente em toda a colcha fria e acabou com seus quadris equilibrado na ponta dos pés e na metade do colchão. Ele resolveu o problema, ajoelhando-se em frente a ela e enganchando seus joelhos sobre os ombros. — Eu acho que vou improvisar.

Com um sorriso malicioso, ele se inclinou em direção a ela e afundou sua língua profundamente entre as dobras de seu sexo.

Ele ouviu-a gritar, mas vagamente, uma vez que o sangue que corria para sua cabeça deixava difícil ouvir qualquer coisa. Ela tinha um sabor rico e picante em sua língua, tão suave como creme e tão complexo como whisky antigo. Sua língua traçou padrões através de sua fenda, buscando

as sutis variações de sabor e textura, nos lugares sensíveis que a fazia gemer e gritar.

Quando ele fechou os dentes no seu clitóris, ela gemeu, e quando ele o sugou como um mamilo, ela se contraiu contra sua boca. Ele sentiu o toque de seus dedos em seus cabelos, puxando os fios, puxando-o para ela. Resmungou e balançou a língua contra o broto cativo, sentindo o pulso como a batida de seu coração.

As coxas tremeram ao redor de sua cabeça e ele acariciou a pele macia interior, traçando os músculos. Ele levou seus dedos mais alto, sobre a pele dourada pálida, nos apertados cachos negros e nas pétalas úmidas em mil tons de rosa. Sua boceta se abriu para os dedos como tinha aberto para a sua língua, e ele pressionou profundamente dentro de sua entrada, para a mudança reveladora em sua respiração. Os quadris se levantaram do colchão e caíram para trás quando ele passou um segundo dedo pela abertura confortável para deslizar sobre as paredes escorregadias de dentro.

— Luc!

Ele gemeu uma resposta, torcendo os dedos, deslizando, buscando o ponto ideal dentro dela que iria mandá-la ainda mais longe. Quando o encontrou, ela gritou, um som, sem fôlego, abalado, suspirado, meio gemido. Ele ecoou em sua cabeça e provocou uma fome ainda maior. Revidou, deslocando sua mão até o polegar deslizar sobre o ponto sensível logo abaixo da entrada, pressionando contra milhares de minúsculas terminações nervosas e enviando-a para um tremendo clímax.

Ele precisava se juntar a ela.

Dando ao clitóris um último golpe de sua língua, ele empurrou suas pernas de seus ombros e as deixou no chão. Quando ele saiu de entre elas, ela apertou as coxas, como se para proteger a carne tenra, ou para preservar as ondas da sensação que a percorria. De qualquer maneira, Luc não tinha a intenção de deixá-la ir embora com isso. Ele a levantou suavemente e a virou, colocando-a em seu estômago, no centro de sua cama. Ele agarrou três travesseiros da cabeceira e ergueu os quadris para empilhá-los debaixo dela. Eles elevaram sua parte inferior para fora do colchão, levantando-a para ele e colocando sua linda boceta rosa em exibição. Essa era uma visão que ele não se importaria em se acostumar.

Ela soltou um som curioso murmurando algo enquanto ele se posicionava atrás dela, mas se transformou em um longo e baixo gemido quando posicionou a cabeça do pênis em sua entrada e começou a pressionar lentamente dentro.

Desta vez, ele queria saboreá-la. Seus acasalamientos anteriores não tinham satisfeito sua fome, apenas eliminado arestas, então agora ele podia se concentrar em se mover lentamente sentindo cada sensação única como uma experiência nova e excitante. Sentiu a forma das dobras da boceta se moldarem ao redor de seu pênis, a forma como o anel apertado do músculo em sua entrada gradualmente se estendia para deixá-lo entrar. Ele sentiu a abertura de sua passagem, a forma milagrosa de seu corpo adaptando-se ao seu, como se sua boceta se moldasse ao

seu tamanho e forma, de modo que sempre iria abraçá-lo como se fosse feita sob medida para o seu pênis. Ele nunca sentiu nada mais perfeito.

Corinne tinha as costas arqueadas debaixo dele, pressionando-a firmemente contra ele. Seu gemido ofegante durou toda a extensão do primeiro golpe, como se ele tivesse empurrado o som fora dela com o pênis. Ela suspirou assim que ele afundou completamente dentro, mas, em seguida, inclinou os quadris, levantando o traseiro mais alto e ele escorregou dentro dela outra polegada. Ambos engasgaram e, de repente, ser lento já não parecia ser a coisa mais importante.

Agarrando os quadris em suas mãos, Luc a manteve imóvel quando começou a deslizar nela. Ela gemeu e tentou empurrar-se de costas para ele, mas ele a controlava facilmente. Ele queria ver enquanto saía de sua boceta escorregadia, para ver brilhando a umidade em sua pele, para observar faminto e espantado como entrava novamente, desaparecendo em suas profundezas convidativas.

Ele podia sentir a tensão ao longo de sua coluna vertebral, sentir o desejo de se mover mais rapidamente, de bater com força em uma corrida de cabeça em direção ao orgasmo, apenas para vencê-lo de volta. Parecia bom demais estar dentro dela. Ele não queria que acabasse.

— Droga! — Os cobertores debaixo dela abafaram sua voz, mas ele podia ouvir a urgência nela e sua boca se curvou num sorriso apertado. — Deus, Luc, o que você está fazendo? Maldi... ah! Por que você está levando tanto... tempo? Só... ah! Só... caramba, apenas me foda!

Ele se inclinou para a frente, dobrando-se ao longo de suas costas até sua boca roçou a orelha.

— Mas isso é o que eu estou fazendo. — Ele ronronou em um longo, lento, deslizar para fora.

— Não... rápido... o suficiente.

Ele empurrou dentro, deslizando sem parar, aliviando a dor por minutos.

— Rápido. — No espaço de dez batimentos cardíacos. — É. — Mais dez. — Superestimado.

Ela gritou no colchão e começou a lutar. Ela lutou para abrir as pernas, para ficar sob seus joelhos para alavancar, mas ele segurou suas coxas confortavelmente entre as suas. Ela apoiou as palmas das mãos contra a cama, mas ele colocou as suas sobre as dela, atando seus dedos aos dela e esticou os braços acima de sua cabeça. Ela gemia sem parar agora, presa sob o peso de seu corpo, incapaz de se mover, incapaz de fazer qualquer coisa, apenas permitir que ele deslizesse lenta e deliberadamente dentro e fora de seu corpo indefeso. Ele se sentia como um deus.

— Quando isso... acabar. — Ela ofegou entre gritos instintivos. — Eu... vou... fazer... você... pagar!

Ele riu contra sua orelha e pegou o lóbulo entre os dentes afiados e brancos.

— Eu vou olhar a frente disso.

— Apenas... lembre-se.

Sua língua brincou no oco atrás da orelha e sentiu a reação dela nas ondas trêmulas ao redor de seu pênis.

— Até o momento está demais. — Ele disse suavemente. — Você não vai ter energia para amaldiçoar o meu nome.

Essa foi a sua única advertência.

A criatividade voltou, ele arrastou as mãos unidas até a cama, ao lado de seus quadris e se lançou em um ritmo ofegante e frenético. Ele bateu contra a boceta, seu pau se igualando a seus batimentos cardíacos, como numa corrida. A tensão assumiu, luxúria guiava seus movimentos e tudo o que ele queria era mais, mais, mais, rápido, rápido, rápido. Jogou seus quadris contra ela, que vagamente ouvia a batida dos quadris contra seu traseiro por causa do rugido em seus ouvidos. Ele sentiu a contração de músculos mais e mais, sentiu sua boceta se fechar mais e mais quente ao redor dele. Ela gritou, algo desesperado e incoerente, e ele lhe respondeu com um impulso poderoso que atingiu seu ventre e enviou os dois girando na explosão sombria do clímax.

Ela tremeu sob ele e se derramou dentro dela. Quando terminaram, seus músculos se derreteram contra ela, e eles caíram na cama como um só corpo, um só fôlego, uma alma. Companheiros de Coração.

Capítulo Oito

Corinne acordou com a sensação de dentes mordiscando suas costas e cabelo escuro sedoso fazendo cócegas em sua pele. Ela franziu o cenho.

— Essa é uma maneira sorrateira maldita de evitar ser expulso do apartamento de alguém.

Sua voz soava áspera pelo sono, o pouco que teve e seus músculos se sentiam macios e agradavelmente doloridos.

— Hum, talvez. — Disse ele de algum lugar de seus ombros. — Mas foi eficaz.

Ela bufou.

— Sim, e você poupou a sua conta de hotel.

Ela podia sentir a curva da boca contra sua pele.

— Da última vez que chequei, Graham não pretendia cobrar-me pelo quarto. Mas nunca se sabe. Ele é um maldito capitalista para um homem lobo.

Surpresa, ela esticou a cabeça para olhar para ele.

— Você vai ficar em Vircolac?

— Uh-huh. — Sua língua traçou um padrão entre duas vértebras e suas mãos deslizaram para cima e ao redor para se fechar sobre os seios.

— Eu costumo ficar quando eu o visito. É conveniente. E seu cozinheiro é condenadamente talentoso.

Ela revirou os olhos e virou a cabeça para olhar através da sala para a porta do armário.

— Eu não posso acreditar que Missy não me avisou sobre você. — Ela murmurou.

— A Companheira de Graham? Eu não a conheci ainda. — Ele deslizou de volta até a cama e curvou o corpo ao redor dela, como colheres em uma gaveta. As mãos apertaram seus seios carinhosamente, e seus lábios roçaram levemente por cima de sua cabeça. — Mas eu ouvi muito sobre ela. Ele está apaixonado.

— É melhor que ele esteja, depois de tudo que ela passou por ele. — Ela virou-se de costas e lançou um olhar significativo para Luc. — Um aviso, no minuto em que você me falar sobre alguma tradição sexual Fae estranha envolvendo ser caçado como um cão vadio, ou foder na frente de uma plateia ao vivo ou algo assim, eu estou fora.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Então eu imagino que você não quer ouvir sobre as quatro virgens purificadas, as cabaças consagradas e o pudim de chocolate, não é? — Ela sentiu seus olhos se arregalarem por um segundo antes dele se abaixar e rir. — Não se preocupe. Nenhum companheiro Fae é caçado. Embora nós realmente gostamos de pudim de chocolate...

Ela lhe deu um soco.

— E eu gosto de facas de açougueiro, veja isto, beagle.

Ele sorriu sem remorsos.

— Eu não resisti. Você tem algumas das noções mais ridículas sobre os outros. E você é tão bonitinha de provocar.

— Lembre-se o quão bonitinha eu sou quando amputar partes do seu corpo. — Ela resmungou a ameaça, mais um senso de obrigação do

que qualquer real intenção, e ele deve ter entendido, porque parecia notavelmente sem medo. Ela teria que trabalhar mais nisso.

Uma olhada no relógio da cabeceira lhe disse que ela estava meia hora atrasada para o trabalho, o que não importava muito. Tecnicamente, ela estabeleceu que o dia de hoje estava reservado para entrevistas, e desse em um branco completo em qualquer uma de suas testemunhas. Ainda assim, tão atraente quanto o homem nu em sua cama podia ser, ela tinha necessidade de levantar-se e começar.

Escondendo um enorme bocejo atrás de sua mão, ela tirou o braço de Luc de sua cintura e empurrou-se para fora da cama. Ela parou por um minuto ao lado dele, para ter certeza de que tudo funcionava bem antes de ir em direção ao banheiro.

— Eu vou tomar um banho. — Ela disse por cima do ombro. — Se você ainda estiver aqui quando eu sair, sugiro que você pelo menos deixe o café pronto. Facilitará para você desse jeito.

Ela o ouviu rir pela porta do banheiro fechada e contemplou abri-la para lhe dizer que não estava brincando. Oh bem. Ele descobriria isso.

Um banho bem quente conseguiu vaporizar a maior parte do nevoeiro de seu cérebro nesta manhã e uma parte de sua irritação também. De alguma forma, com a água batendo na cabeça, relaxando os músculos e roçando sua pele, era muito mais difícil manter a raiva por Luc da noite passada. Afinal, não era tecnicamente culpa dele que ela tivesse sido forçada a reconhecer a existência das coisas das histórias que sua avó costumava ler em sua cama todas as noites antes de dormir. O que

aconteceu quando Dmitri e Graham invadiram as vidas de suas amigas e abriu seus olhos para um lado da realidade que ela nunca sequer desejou ver. Claramente, isto não era sobre o que ela queria.

Se fosse, ela seria feliz vivendo sua vida, com a certeza de que os vampiros e homens lobos não existiam e fadas eram apenas uma palavra depreciativa para um homem homossexual. A vida seria mais simples, então, e muito mais atraente.

Fazendo espuma com um pouco de xampu de ervas, ela reconheceu que, tanto quanto ela preferia não estar na posição de ter que ajudar a encontrar um Fae que escapou e devolvê-lo à sua terra natal, o fato de que ela estivesse naquela posição realmente não era culpa de Luc. Era muito conveniente culpá-lo, os ombros dele eram mais do que amplos o suficiente para suportar a carga, depois de tudo não era realmente justo fazê-lo. Maldita ela por ser consciente disso.

No final, tanto quanto desejasse voltar no tempo para a parte de sua vida antes de sua melhor amiga se tornar uma vampira, e sua outra melhor amiga ficar grávida de um homem lobo, isto apenas não iria acontecer. Ela aprenderia a lidar. Mas, honestamente, o que era quase a pior parte, era o fato de que ela teria que lidar com isso. Não deveria haver algum tipo de síndrome psicológica que descrevia a reação de uma pessoa para algo que ela não podia lidar? Uma condição que fizesse uma pessoa se retirar a uma espécie de estado catatônico onde ela estivesse sentada em um quarto o dia todo babando e tirando fotos das paredes acolchoadas? Porque Corinne poderia entender se ela acabasse aí. O fato

de que ela acabou na cama com um guerreiro Fae e não teve reais problemas com isso... essa era a parte que a assustava.

Mas, orelhas pontudas à parte e o brilho e a magia e ser de uma espécie diferente, uma baixa e útil voz no fundo de sua mente apontou; Luc parecia um homem agradável, normal. O tipo de homem que ela esperava encontrar um dia. Ele estava são, ou pelo menos tão lúcido quanto ela, empregado, bonito, sexy e ele podia fazer coisas com as mãos que... ela estremeceu. Não importa o que, o ponto era que não importava de onde Luc vinha ou que tipo de ser ele admitiu ser, o que quase não a incomodou. Ela não sabia se sentia-se orgulhosa ou em pânico.

Ela abaixou a cabeça sobre o chuveiro para enxaguar o xampu e o restante do sabonete e foi para fora da água. Ela se secou com a toalha, envolveu seu longo cabelo em outra toalha e caminhou cautelosamente de volta para o quarto para se vestir. Luc estava longe de ser visto, portanto, ou ele realmente tinha se retirado, ou pelo menos estava fingendo cuidar do café da manhã. De alguma forma, ela o via mais como o tipo de assar um pedaço de carne sobre um fogo aberto do que ovos mexidos e suco espremido na hora, mas já que ela não podia ouvir o alarme de incêndio, decidiu seguir com otimismo cauteloso.

Calcinha, sutiã, camisa vermelha e short cáqui era sua roupa do dia a dia, além um par de meias brancas e tênis branco, assim foi para a cozinha. Ela se preparou para a ausência de potencial de Luc, em seguida, teve que preparar-se novamente para não deixá-lo ver o quão satisfeita

estava por encontrá-lo colocando torradas em um prato, levando-os para sua mesa de cozinha minúscula. Ele olhou para a direção do som de seus passos.

— Mel?

Corinne levantou uma sobrancelha.

— Sim, *bem*?

Ele sorriu.

— Eu quis dizer, você tem algum mel?

— Eu não sei. Verifique os armários.

Ele começou a abrir as portas, enquanto ela se sentava à mesa e puxava suas meias e tênis. No momento em que terminou de amarrar os cadarços, ele tinha o mel na mesa junto com a manteiga, a geleia e um prato de maçãs, bananas e o cadáver cuidadosamente cortado do kiwi que tinha comprado por capricho e não tinha imaginado o que fazer com ele.

— Obrigada. — Ela colocou um pedaço de banana em sua boca, engoliu e apenas um pensamento lhe ocorreu. — Hum, você é vegetariano?

Luc olhou para cima enquanto espalhava espessas camadas de geleia e mel em sua torrada.

— Não, por quê? — Ela acenou para o café da manhã sem carne, e ele sorriu. — Não, eu sou apenas um péssimo cozinheiro. Eu nunca vi um fogão até a primeira vez em que eu vim para Ithir. Nós não os temos em Faerie.

Corinne engoliu um pouco de pão.

— Como você cozinha?

— Nós não cozinhamos. Nós usamos magia.

— Ah. Bem, acho que isso tem que ser conveniente.

— Muito. — A cozinha dela era tão compacta que ele nem sequer teve que se levantar para buscar a garrafa térmica de seu aparador. Ele simplesmente virou-se na cadeira e a pegou antes de se virar e oferecer a ela. — Quer um pouco?

Sua boca estava cheia de torrada com geleia, então ela apenas balançou a cabeça e segurou a caneca para ele. Ele derramou e completou até o topo e encheu seu prato com mais torradas e frutas.

Como ela estava olhando para ele, Corinne não notou nada de errado com seu café até que tomou um gole grande. Então balbuciou.

— Que diabos...?

Luc olhou para cima.

— O que há de errado? Se você não gosta de Earl Grey, por que tinha uma caixa cheia em seu armário?

Ela engasgou, alcançou reflexivamente sua caneca de café, e afastou-a como se tivesse sido picada.

— Chá. — Ela tossiu. — Você me fez chá?

— Isso é errado?

— É, se você quer viver para ver o amanhã. — Segurando a caneca longe com o braço para ter certeza que a bebida aquosa não lhe faria qualquer dano adicional, ela a levou até a pia e a despejou no ralo antes de puxar para a frente do balcão a sua máquina automática de fazer café e

colocá-la para funcionar. — Como diabos eu vou passar o dia com nada além de água de folhas para me fortificar?

Luc se sentou em sua cadeira, segurando o copo e olhando-a com uma expressão perplexa de diversão.

— Eu não sabia que você precisava de fortificação.

— Eu preciso e se eu vou passar o meu dia entrevistando as pessoas sobre essa coisa de duende.

— Coisa Fae.

— Tanto faz.

Antes mesmo de terminar de passar o café, ela puxou o pote e se serviu de uma xícara. Ela tomou seu primeiro gole antes mesmo de se sentar à mesa.

— Com quem é que vamos falar primeiro?

Corinne olhou para Luc e suspirou.

— Por que você está tão determinado a ficar no meu caminho?

— Eu não estou. Estou determinado a fazer o meu trabalho. — Ele tomou um gole de chá e levantou uma sobrancelha em expectativa. — Bem? Quem é o primeiro?

Ela falou rapidamente, com nenhuma particular graciosidade.

— Hibbish Walter.

— O rabino?

— O dono do sex shop.

Luc piscou.

— Certo. Foi ele quem o viu mais recentemente?

— É claro. Eu não sou uma amadora neste tipo de coisa. É por isso que meus cartões de visita dizem, “Repórter Investigativa”.

— Eu não estava tentando dar a entender o contrário.

Ela revirou os olhos.

— E você realmente acha que nós vamos conseguir fazer alguma coisa se passarmos todo o nosso tempo discutindo assim?

Ele encolheu os ombros.

— Pense nisso como nossa própria versão de bom policial e mau policial.

Corinne suspirou em seu café para esconder o fato de que brincar com ele havia se tornado rapidamente um de seus passatempos favoritos.

— Sim, se não podemos conquistá-los com charme, vamos confundí-los.

O rosa neon deveria ter sido a sua primeira pista. De maldade.

O sex shop de Walter Hibbish, O travesseiro rosa, acabou sendo um desses lugares que as pessoas indicavam usando a frase, “você não pode perder”. Corinne não podia. Não importava o quanto quisesse. Ela viu a loja de um quarteirão e meio de distância.

Ela caminhou através do East Village, ao lado de Luc, teimosamente tomando seu tempo, porque o calor poderia sufocar um cavalo e porque a cada passo que dava fora do casulo de seu apartamento a deixava mais

desconfortável com a situação. Ali estava ela, não apenas aceitando a existência do Fae junto com vampiros, Lupinos e homens-gato-oh-meu-Deus! Mas ela não conseguia ficar sem fantasiar sobre um guerreiro Fae em especial tornar-se uma parte permanente de sua vida.

O primeiro pensamento ocorreu a ela no lobby de seu apartamento. Ela parou na sua caixa de correio em seu caminho para fora e o idiota do 407, que tinha a caixa ao lado da dela, deu-lhe uma cotovelada enquanto lutava com um envelope almofadado tentando tirá-lo para fora de sua caixa e nem sequer se desculpou. Luc bateu-lhe no ombro e esperou até que o do 407 desse uma boa olhada nele, ficasse pálido, e rapidamente se desculpasse. Foi quando Corinne se pegou pensando que esqueceu como seria bom ter alguém por perto que se importava o suficiente para defendê-la das pequenas realidades da vida cotidiana.

Quando ela percebeu o que estava pensando, empalideceu, mas sendo uma espécie bastante independente, ela se sacudiu como uma aberração e seguiu em frente. Mas, então, quando eles caminharam para a rua, ele tomou o lado de fora da calçada para mantê-la longe do meio-fio, ela foi lendo seu e-mail, então perguntou-lhe sobre o que era o lixo eletrônico que enchia a sua caixa que a fez rir. E ela encontrou-se lendo partes de um panfleto particularmente ridículo para ele em voz alta. Eles riram juntos, e ela pensou o quanto gostava de falar com alguém que parecia entender o seu sentido um pouco incomum de humor distorcido.

Droga, ela não *queria* querê-lo à sua volta. Ele invadiu a sua vida sem pedir licença, tinha virado seu mundo de cabeça para baixo, dado a ela os

orgasmos mais incríveis de sua vida e recrutou-a a algum tipo de missão Fae super secreta. E agora ele estava invadindo seus pensamentos, e a fazia como ele, e ele nem era humano. Ela tinha que obter um controle sobre si mesma.

Isto a levou a um treinamento mental sério. Ela teve de lembrar a si mesma que não havia pedido para descobrir sobre Faerie ou Seoc ou qualquer uma das outras coisas que ele disse a ela, que ele estava interferindo com a sua história, além de sabotar sua investigação. Que ele a beijou melhor do que qualquer homem que ela alguma vez...

Não! Esse era precisamente o tipo de pensamento que a levou aos problemas, e ela tinha que bani-lo imediatamente. Estava ocupada cuidando de sua loucura, lembrando-se que ele era um Fae teimoso, tomador de vantagem quando eles entraram no reino do neon rosa.

Ela lembrou-se de que só porque ele a convenceu da lógica de seu trabalho em conjunto e do fato de que ele queria ir e era maior que ela, deveria engoli-lo e lidar com isso, não que ela estivesse feliz com isso .

Assim, apesar de tudo, ela conseguiu gerenciar seus conflitos quando abriu a porta de vidro da loja e entrou no inferno rosa de seus mais sujos pesadelos.

Aparentemente, alguém levou o nome da loja um pouco demasiado a sério. As paredes brilhavam com uma tinta de alto brilho no mesmo tom intenso e doentio de rosa. Elas pareciam irradiar uma luz sobrenatural que, mesmo no escuro, a guarnição alegre vermelha ao redor das janelas e portas e ao longo do piso e do teto não poderiam moderar nada. Em todos

os lugares que ela olhou, viu o mal, e ela não estava falando sobre os brinquedos sexuais, ela falava sobre a decoração. Rosa e peles artificiais tingidas colidiram hedonisticamente com seda, cetim, veludo e brocado em todos os tons de rosa horripilantes; rosa, vermelho, púrpura, lilás e os ocasionais corpos de um roxo que poderia ser imaginado e Corinne tinha uma imaginação danada de boa. Infelizmente, mais cinco minutos neste lugar e ela precisaria da imaginação, porque ela podia sentir suas retinas sendo queimadas. Ela ouviu a inalação de dor de Luc ao seu lado e esperava que o seu próprio sentido de gosto não estivesse tão ofendido como o dela.

Desde que eles decidiram que Corinne seria a única com legítima razão para bisbilhotar e fazer perguntas, ela respirou fundo e reuniu a força de vontade. Engolindo uma onda de náuseas, ela piscou seus olhos e fixou seu olhar firme sobre o tapete marrom, não olhando para a esquerda, direita ou para cima quando fez seu caminho através do chão o balcão no canto da loja. Felizmente, seu campo de visão permaneceu suficiente para que ela pudesse o balcão se aproximando dos joelhos antes dela bater nele e parou. Preparando-se para o ataque sensorial, ela olhou para cima para encontrar o olhar totalmente desinteressado da moça atrás da caixa registradora; uma mulher jovem de cabelo preto de pontas azuis, batom roxo e vários piercings faciais brilhantes prateados para dar a um detector de metais do aeroporto um ataque cardíaco .

Suspirando, Corinne tirou um cartão do bolso e deslizou-o sobre o balcão.

— Estamos aqui para ver o proprietário.

A brilhante mulher levantou os olhos da inchada lixa rosa.

— Sim? Quem é você?

Corinne olhou para o seu cartão. Ela esperou uma batida de coração.

— Estamos com o Chronicle. Ele sabia viríamos. — Então esta era uma baita lorota. Ela ligou e deixou um recado. Walter Hibbish deveria saber, se ele verificasse seu telefone.

— É mesmo. — A atendente tirou seu chiclete e voltou-se.

Corinne resistiu à vontade de descontar alguns dias de frustração na senhorita não convencional e não cooperativa. Em vez disso, ela se inclinou sobre o balcão e mostrou os dentes. Era para parecer um sorriso. Mais ou menos.

— Por que você não vai dizer a ele que estamos aqui. Não se preocupe. Vamos esperar.

Desta vez, a brilhante, na verdade, levantou a cabeça e os avaliou. Bem, seu olhar deslizou para a direita de Corinne antes de avaliar Luc. Se a quantidade de tempo que ela permaneceu lá era qualquer indicativo, ela parecia ter mais problemas com a virilha dele. Corinne estava prestes a conseguir a atenção da brilhante puxando-a pelo anel de prata em sua sobancelha quando Luc a distraiu. Ele se inclinou sobre o balcão, soltou um sorriso brilhante e encantador extremamente falso, e inclinou seu peso para Corinne.

— Por favor. — Ele ronronou. — Nós apreciaremos isso.

Corinne se perguntou quanto o paquerador Fae apreciaria uma viagem a sala de emergência.

Sua boca se curvou no que poderia ter se passado por um sorriso, ela poderia ter passado três dias morta, a brilhante encolheu os ombros, escorregou do seu banquinho e deu um suspiro cansado.

— Se você não tem nada melhor para fazer. — Ela desapareceu pela porta atrás do balcão sem dizer uma palavra, mas com um último olhar remanescente no jeans de Luc. Ela só perdeu o novo apelido que Corinne inventou especialmente para ela, mas o que era provavelmente uma boa coisa.

Resmungando baixinho, Corinne lançou a Luc um olhar azedo e pendurou melhor a mochila em miniatura que ela usava no lugar de uma bolsa. Se ele mantivesse esse tipo de comportamento, ela não teria de convencer-se de que ele era a escória. Ele cuidaria disso por ela.

Ela abriu o fecho e tirou seu pequeno notebook. Poderia muito bem fazer uso do atraso e ir ao espaço fora da loja. Se isso não fosse uma desculpa para liderar cada vez que garimpasse uma história real, suas observações sobre uma testemunha nesse tipo de negócio poderia ser útil. Ela certamente não tinha a intenção de dizer uma palavra a Luc.

Vasculhando por uma caneta e desejando que ela pudesse colocar os óculos escuros novamente sem se sentir como um idiota, ela olhou ao redor da loja, desta vez ajustando-se para fora da decoração horrenda e a presença do guerreiro Fae ao lado dela. Ela não precisava olhá-lo novamente para saber que iria desempenhar um papel proeminente em

descrever o lugar. Algumas coisas que uma garota nunca poderia esquecer.

Em uma cidade repleta de sex shops, eles tendiam a reduzir-se em três categorias. Em uma final, você tinha o tipo de lugar que florescia no auge da Times Square, antes de Giuliani e Disney pegá-las e limpá-las agradavelmente para os turistas. Aqueles eram os ‘museus’, lugares onde qualquer pessoa no seu perfeito juízo usava luvas de borracha, um terno de risco biológico, um bom disfarce e ainda pensava duas vezes antes de tocar em algo. Eles serviam à menor espécie de prostitutas e vagabundos e qualquer pessoa com um quarto e um estômago forte, que queria um par de minutos a sós em uma cabine de visualização suja. Pensando sobre isso, ninguém em seu juízo perfeito iria pisar em um deles para começar, terno de risco biológico ou não.

Então você tinha as lojas de luxo, aquelas cujos papéis existiam por outros motivos além das prisões e dos crimes ali cometidos. Elas eram bem iluminadas, decoradas com bom gosto, espaços de varejo, pessoal bem educado e bem informado, que tinha o cuidado de ser útil e não intimidativo. Eles ofereciam produtos de qualidade e serviços para casais que procuravam adicionar tempero a seu relacionamento, ou para as mulheres que estavam muito intimidadas ou envergonhadas para pisar em um ambiente menos acolhedor.

Então tinha lugares como O travesseiro rosa. Algum lugar entre o lixo e o luxo, que vendia uma grande variedade de produtos a preços razoáveis, em um bairro onde não teria medo de andar sob circunstâncias

normais. A equipe era duvidosa, mas provavelmente não tinha qualquer história criminal séria e poderia tocar uma venda com bastante facilidade, mesmo que não pudesse discutir os componentes químicos de lubrificantes como um estudioso Prêmio Nobel. Estas lojas retinham apenas o suficiente do fator de vilania para dar emoção média a um conservador, mas não o suficiente para assustar a ele ou a ela, numa parada para abastecimento. Na verdade, se ela não estivesse tão mal-humorada, Corinne poderia ter tido alguma diversão. Enquanto apreciava o sexo religioso do mundo, sua mochila apreciava a almofada rosa.

Na realidade, além de todo o... rosa... realmente não havia nada de errado com a loja, ou a sua mercadoria. Olhando ao redor, Corinne viu meia dúzia de marcas reconhecidas por ela, desde o fabricante de óleos de massagem com sabor em uma pequena estante até o fabricante do vibrador de silicone que ocupava um lugar de destaque na parede. Perguntou-se brevemente se muita familiaridade com o mundo dos brinquedos sexuais diria algo sobre sua personalidade, mas encolheu os ombros. Todo mundo tinha que ter um hobby.

— Você vai me ignorar o resto do dia? — Luc falou bem atrás dela, aparentemente empenhado em segui-la através de sua turnê.

— Estou pensando sobre isso.

— Porque não é culpa minha a mulher olhar para mim.

— Eu nunca disse que era.

Luc suspirou, mas se calou.

Ela escrevia as notas enquanto caminhava pela loja, o que acabou por ser melhor negócio que a maior loja de Manhattan, ou pelo menos a melhor loja no East Village. Parecia haver muito espaço para exposições e eram atraentes para a meia dúzia de outros clientes que evitavam um ao outro enquanto eles navegavam. Na verdade, se não fosse o fodido rosa em todos os lugares, Corinne poderia ter feito um ponto para voltar, mas ela não conseguiria pensar em uma boa razão para arriscar sua deficiência visual permanente quando ela já tinha Blowfish marcado em seu navegador.

Ela levantou uma sobrancelha divertida ao namorado em tamanho real que estava encostado ao lado de um display colorido de preservativos, mas realmente chamou-lhe a atenção ao outro lado da loja e à mesa empilhada com guloseimas comestíveis. Ela tinha uma fraqueza profunda com a combinação de sexo e chocolate. Mas não pudim de chocolate. Ela não era uma aberração como algumas pessoas.

A tinta para corpo tinha uma aparência superficial, ela preferia usar calda de chocolate real, uma vez que o sabor era muito melhor, mas permaneceu por um momento sobre o de framboesa antes que seus olhos se arregalassem e sua mão disparasse para pegar uma caixa longa e fina com uma ilustração de capa intrigante.

— Ooh. — Ela murmurou para si mesma e sua boca se deslizou em um sorriso. — Tatuagens de chocolate!

Ela deixou cair o notebook sobre a mesa e virou a caixa para pegar a informação na parte de trás, tentando bloquear a imagem mental dela

decorando seu nome de chocolate em algumas partes escolhidas no corpo do guerreiro Fae que ainda se arrastava atrás dela com as mãos nos bolsos e uma careta em seu rosto. Talvez ela pudesse adicionar a palavra "Meu" em seu traseiro nessas letras maiúsculas de aparência gótica em chocolate...

— Você sabe, em algum momento vamos ter que parar de lutar.

Corinne olhou por cima do chocolate.

— Por que isso?

— Porque, eventualmente, vamos acabar com essas coisas de brigar.

Ela bufou.

— Claro que vamos.

— É isso.

Ela ouviu o rosnado, mas antes que pudesse sequer piscar, a caixa de tatuagens foi arrancada de suas mãos. Luc envolveu suas mãos ao redor de sua cintura, ergueu-a e lançou seu traseiro em cima da mesa, apoiando os braços em cada lado dela para que ela não pudesse fugir.

— Agora. — Ele retrucou, inclinando-se para a frente até o nariz praticamente esfregar-se contra o dela. — Você me diz por que está sendo tão criança?

Capítulo Nove

Luc a observou olhar para longe e lutou contra o desejo de agarrar seu queixo e obrigá-la a olhá-lo nos olhos. Ela o estava deixando louco. Com ela, sentia que a cada passo a frente que ele dava, ela o empurrava dois passos atrás. Pelo amor da Senhora, ela era sua sangrenta Companheira de Coração. Será que iria matá-la tentar ser civilizada com ele?

Ele percebeu que havia algo errado antes de chegar à loja, mas esperava que estivesse apenas imaginado coisas. Desde que deixou seu apartamento, seu humor tinha piorado progressivamente e ela parou gradualmente de conversar e ser educada com ele. Ele não conseguia entender também. Ela parecia bem quando acordaram entrelaçados em sua cama, e normal, enquanto eles tomavam café da manhã em sua cozinha minúscula. Bem, de língua afiada como de costume, mas normal para o que ele conhecia de Corinne D'Alessandro. Nada incomum entre tudo o que tinha acontecido em seu apartamento. Ele estava sem explicação por que ela de repente passou de uma adorável e sarcástica mulher a uma hostil armada. Ele queria saber o que diabos estava acontecendo.

— Sinto muito. — Ela murmurou, parecendo quase tão sincera como uma sereia pedindo desculpas por cantar.

— Não, você não sente. — Disparou ele. — E eu quero saber por que.

Ela encolheu os ombros e permaneceu muda, o que só o fez querer sacudi-la. Senhora! Quem teria pensado que uma mulher humana poderia ser tão malditamente difícil de entender? Ele estava começando a pensar

que a única vez que ela reagiu a ele de forma honesta e aberta foi quando ele estava fazendo amor com ela. E por mais atraente que pudesse parecer passar o resto de sua vida enterrado em sua boceta doce, ele tinha algumas reservas sobre a sua praticidade.

Ainda assim, ele não estava pressionando-a com a única vantagem que tinha. Ele chegou a seu redor para pegar uma garrafa pequena da mesa e deixou seu peito roçar seus mamilos com o movimento. Ele ouviu a inalação rápida e sentiu uma espécie de satisfação sombria. Endireitando-se, ele ergueu um pequeno frasco de vidro cheio de óleo de massagem marrom-avermelhado para que ela pudesse vê-lo.

— Canela. — Disse ele. — O de baunilha é muito bom, mas não faz a pele formigar exatamente da mesma maneira.

Ele viu os olhos dela se arregalam e curvou sua boca em um canto em um sorriso pequeno, quase ameaçador. O olhar dela parecia grudado às suas mãos quando ele torceu a tampa da garrafa e cobriu a parte superior com a ponta de seu dedo médio antes derrubá-lo para cobrir a ponta com o óleo. Enquanto ela o observou, ele puxou o decote de sua blusa para baixo outra polegada e passou a mão por baixo, serpenteando dentro da taça do sutiã para esfregar o óleo, vertendo diretamente sobre seu mamilo.

— Luca! — Seu grito de protesto soou embargado e sem fôlego. — Nós estamos em um lugar público!

— Ninguém pode ver.

Sua cabeça balançou lado a lado, olhando em volta, mas era verdade. A brilhante ainda não tinha retornado da parte de trás, e havia apenas dois outros clientes na loja, ambos lendo atentamente a seleção de DVDs eróticos com as costas voltadas para Luc e Corinne. Ela não relaxou, no entanto.

— Eu posso ver. — Ela sussurrou, agarrando-lhe o pulso e tentando puxá-lo para fora de sua camisa. Ele não se moveu, exceto para passar para o outro seio e, por sua vez, uma fina película de óleo de canela no outro mamilo. Quando ele raspou a unha sobre o pequeno nó, ambos os mamilos imediatamente se contraíram em esferas apertadas.

Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Vê o que eu quero dizer? Sobre o formigamento. Aposto que seus mamilos se sentem quentes e apertados e agitados agora. Não estão, Corinne?

Ele viu o arrepio que ela tentou reprimir, e a forma como seus quadris quase se deslocaram inquietos antes que ela os controlasse. Ela se afastou para olhar para ele, os dentes cerrados em frustração.

— Por que você está fazendo isso?

Ele encolheu os ombros.

— Parece que a única forma que você consegue lidar comigo, cara a cara, sem bagagem e sem viés entre nós é quando estamos fazendo amor.

— Disse ele. — E como eu quero que você seja honesta comigo agora...

Ele deixou a sentença traçar uma trilha e viu como suas palavras se afundaram. Seus olhos se estreitaram e sua mandíbula se apertou, mas pelo menos desta vez, ele sabia que ela tinha uma base para a sua raiva.

— Você é um bastardo, sabe disso?

— Quanta escolha você está me dando?

— Eu não pedi por isso. — Disse ela, de repente, seus olhos se encontrando com os dele, diretamente e abertamente pela primeira vez.

— Eu não pedi por esta história. Eu não pedi para descobrir o mundo dos contos de fada, ou o sobrinho idiota da Rainha vagabundeando por Manhattan, e eu com certeza não pedi por você. Então me dê um pouco de folga, certo?

— Não.

Suas sobrancelhas se levantaram em direção a linha dos cabelos.

— Não?

— Não. — Ele disse. — Eu não vou dar-lhe uma maldita folga. Você não é a única nesta situação, Corinne, assim pare de olhar para isso do ponto de vista de como você é a vítima. Eu não pedi por isso também, mas é o meu trabalho e eu vou fazê-lo de qualquer maneira. Às vezes, essa é a maneira que funciona, depois de tudo. Às vezes, não importa o que você quer fazer, você não pode fazer nada, mas o que você tem que fazer.

— E eu tenho que ficar feliz em ajudar você a encontrar o sobrinho idiota da Rainha dos Faerie?

— Não, mas você tem que se acostumar a ficar perto de mim.

— Porque você não vai embora até que isto tenha terminado. — Ela parecia cansada e desgastada. — Certo. Eu entendi. Então, vamos começar o inferno com isso.

Droga, ela não iria entender até que ele colocasse tudo na linha, não é?

— Não. — Ele disse, pegando seu queixo na mão, e segurando o seu olhar. — Você tem que se acostumar com isso porque eu vou ficar, isto esteja concluído ou não. Eu não vou a lugar nenhum, Corinne, porque você e eu estamos juntos de agora em diante.

Ele observou como suas palavras foram registradas por ela e o desfile de expressões em seu rosto. Excitação, luxúria, choque, confusão e terror, tudo isso fez parecer como se o estudasse. Seu cérebro dizia que ele deveria encobrir isso, fingir que não tinha acontecido, ou que ele estava brincando. Quando o seu coração e outras peças variadas o encorajou a reformular a frase apenas a partir de “você e eu estamos juntos” para “você é minha” e eu vou passar o resto de nossas vidas fodendo você até ficar sem sentido’; pensou que suas palavras eram um bom compromisso. Porque as suas outras partes ofereceram um argumento muito bom em favor da opção número dois.

Ela apertou os lábios, e expulsou o pensamento do que ele gostaria que ela colocasse ao redor deles.

— Você certamente trabalha rápido. — Disse ela, lentamente, quase visivelmente lutando contra o desejo de entrar em pânico.

Ele encolheu os ombros.

— O que eu posso dizer? Estou decidido.

— E você decidiu isso?

— Eu decidi muitas coisas, inclusive que a melhor maneira de mantê-la longe de lutar comigo é começar a estar dentro de você o mais rápido possível e ficar lá o maior tempo possível.

— O destino decidiu isso. Eu só estou pronto para o passeio. — Tato, ele se lembrou. Tato. — Estou tão chocado como você está.

Ela soltou uma risada que não parecia nada divertida.

— De alguma forma eu duvido...

— Eu juro, Corinne. Não estou tentando dificultar sua vida. Esse parece ser um subproduto inevitável de ter encontrado você. Mas, se serve de consolo, eu estou tão chocado com a coisa toda como você. — Ele a viu hesitar e tentou um sorriso cativante. O capitão da Guarda da Rainha raramente se incomodava em exercitar sorrisos, mas se o seu parecia enferrujado, talvez ela não notasse.

— Eu não vejo como você pode estar. — Ela moveu seu peso, o movimento jogou um quadril para o lado, puxando seus olhos para baixo como um ímã. Ela tinha lindos quadris curvilíneos, não grandes, mas distintamente femininos, e ele os imaginou embalados ao seu, numa inclinação maior onde que ele afundava seu pênis profundamente dentro...

— Você pelo menos parece conhecer as regras disto. — Continuou ela. — Mas eu não. Não tenho nenhuma ideia do que está acontecendo.

Eu sinto que estou em algum tipo de montanha-russa no escuro, então não posso nem dizer quando eu deveria estar me preparando para gritar.

Ele concentrou sua mente e fez uma careta. — Por que você deveria gritar? É a ideia de me ter na sua vida é realmente assustadora?

Ela suspirou.

— Não. E sim. Eu não sei. Você é apenas... — Ela hesitou. — Você não é o que eu esperava em um amante.

— Você quer dizer que eu não sou humano. — Ele não quis dizer isso como uma condenação, apenas como uma verdade. Ele sabia que Corinne desconfiava dos Outros, incluindo ele, e não podia culpá-la por isso. Afinal, ele não teve exatamente uma melhor opinião dos seres humanos no passado.

— Isso soa tão...

— Sim, é. Mas é compreensível. — Ele suspirou, deixou o óleo de canela de lado e pegou-a pelos ombros, colocando em cima as curvas de suas mãos. — Olha, eu vou te propor um acordo. Você para de se transformar em um duende cada vez que fica com medo de alguma coisa, e eu vou tentar o meu melhor para não assustá-la, certo? Mas se eu vou fazer isso, você tem que me dizer o que está se passando por sua cabeça, e não apenas me afastar e assumir que eu estou do lado oposto da guerra aqui. Combinado?

Ela hesitou, seus grandes olhos castanhos procurando seu rosto para alguma coisa. Ela deve ter achado, ou encontrado algo que queria, porque apertou os lábios e balançou a cabeça lentamente.

— Tudo bem. É um acordo.

— Graças a Deusa. — Ele suspirou, piscando-lhe um sorriso e puxando seu decote de volta para o lugar, antes de levantá-la da mesa e deixá-la de pé. — Agora, devemos voltar para aos negócios?

Antes que Corinne pudesse responder, a brilhante reapareceu na parte de trás da loja, seguida de perto por uma cabeça careca que olhou em volta da cortina pesada e se fixou em Corinne.

— Você é a repórter?

O careca mal esperou que ela assentisse. Na verdade, ele nem poderia.

— Venha atrás. Eu estou bem no meio de uma coisa.

A cabeça desapareceu e Corinne piscou.

— Quem era?

A brilhante encolheu os ombros.

— O proprietário. É melhor você se apressar. Ele não vai esperar por você.

Corinne não conseguia se decidir se sentia-se chateada com a interrupção ou intensamente aliviada. Luc poderia estar preparado para conduzir a conversa de volta aos negócios, mas ela ainda tinha algumas perguntas que estava morrendo de vontade de fazer. Como, 'O que diabos

você está falando?’ Ainda assim, aparentemente a brilhante estava certa e Hibbish não tinha a intenção de esperar por eles.

Amaldiçoando o destino, ela empurrou a cortina pesada e correu através de uma entrada pequena na esquina de uma estante. Ela aproveitou a privacidade da entrada pequena para puxar seu sutiã e deslocá-lo sobre seus mamilos. Droga Luc! As estúpidas coisas ainda estavam tensas e formigando por causa do óleo de canela, e a sensação de excitação descia. Ela lutou contra o desejo de pressionar as coxas e correu para alcançar o Hibbish. Ela demorou cerca de mais três passos antes de congelar no lugar com a rudeza de um tiro. Bom Senhor! Onde ela tinha acabado de entrar?

Ela ouviu uma risada atrás dela e uma rajada de ar quente contra seu ouvido.

— Quando ele disse que estava no meio de uma coisa, eu não acho que ele quis dizer nada tão... literal.

Corinne engoliu e sentiu as mãos de Luc envolverem seus ombros. Ele entrou no quarto de volta à direita em seus calcanhares, e como ele era muito mais alto, ele tinha uma visão desobstruída da cena que os cumprimentou. Ela só poderia imaginar o que parecia de seu ângulo. — Hum, nem eu.

Ela tentou desviar o olhar. Ela até se perguntou se deveria ter olhado para as paredes rosas hediondas por um pouco mais de tempo para que pudesse ser atingida pelas cores berrantes. Dessa forma, ela teria sido

incapaz de ver a visão horrível agora diante dela. ‘Nossa’, ela pensou, ‘o dia hoje pode ficar mais estranho?’

No quarto dos fundos da loja, o homem que ela assumiu ser Walter Hibbish colocou seu quadril no fundo de uma pilha de corpos nus em sua maioria com uma câmera apontada diretamente para algumas das partes mais nuas. Certo, as partes mais nuas. Nu pode ser um pouco enganador, uma vez que tudo parecia estar coberto com algo que parecia de cor pastel.

— Desculpe, não posso fazer uma pausa para falar com você. — Disse o proprietário da loja entre os flashes. — Mas este material vai estar nas prateleiras na semana que vem e eu preciso tirar as fotos. Um pouco mais para a esquerda, Hildie. Bom. Tudo bem?

Corinne piscou e manteve a postura.

— Bem, eu teria dito para tentar com que a perna de cima ficasse um pouco mais curvada, mas, sim, parece-me muito bem.

Luc bufou atrás dela.

— Oh, eu quis dizer, ei, espere. Acho que você pode estar certa. Deb, tente dobrar a perna em cima um pouco mais para Maura. Grande. — A câmera estalou novamente. Ei, boa dica, Sra. ...?

— D'Alessandro. — Corinne deu um passo adiante, imaginando que se ela fingisse que não estava em um quarto com uma pilha de mulheres nuas, um homem que queria saltar e passar algumas horas lambendo, e um homem de meia-idade estranho com uma câmera, então ela devia ser

capaz de realizar esta entrevista. Enquanto os mamilos malditos se acalmassem.

— Corinne. Do Chronicle. Desculpe, mas eu pensei que você estivesse me esperando.

— Não. Eu deveria estar? Nós já temos um jornal. Mais língua, Lil. Fabuloso! — Ele olhou por cima do ombro para ela e viu Luc de pé ao lado dela.

— Quem é ele?

Luc esbarrou nela.

— Luc Macanaw. Eu sou um associado da Srta. D'Alessandro. Obrigado por concordar em se encontrar conosco.

As sobrancelhas de Corinne se ergueram ao ouvir isso. Ela supôs que ele poderia chamar a louca foda de coelho deles de ontem à noite de "associar", mas ela não conseguia pensar em algumas outras palavras para descrever seu relacionamento. Ainda assim, supunha que nenhuma delas esclareceria muito as coisas para Hibbish. Nem ele realmente precisava saber sobre elas. Ela estava prestes a esquecer e seguir em frente com as perguntas, mas algo a distraiu. Especificamente, cinco pares de olhos femininos a distraiu quando se viraram ao som da voz profunda de Luc e assumiram o brilho luminoso de interesse. Ela lutou contra o impulso de enrolar os dedos em garras ou dar um tapa em Luc em um sinal 'MEU!' E só no caso delas perderem o sinal, ela colocaria outro em um lugar inferior permanente. Mas agora que ela tinha tempo para pensar, decidiu que a segunda tatuagem não seria em seu traseiro e não seria feita de chocolate.

Merda. Essa coisa de ciúme estava ficando real rápido demais.

Hibbish pareceu notar os olhares também, mas ele teve uma reação um pouco diferente. Ele cantou.

— É isso aí. — Gritou, a câmera estalando freneticamente. — Este é exatamente o visual que eu preciso. Segure. Segure. Perfeito! Maravilhoso!

Os dentes de Corinne se apertaram tão forte que ela temia quebrar, mas Luc não parecia ter nenhum problema desse tipo. Na verdade, ele mostrou ao monte de mulheres um sorriso brincalhão e estendeu a mão para à uma mesa de variedades.

— Gel do beijo? — Perguntou ele, as sobrancelhas subindo.

— É. Grande achado. Vamos, Jennie, sorria para mim. — Hibbish parou para ajustar um guarda-chuva de luzes, em seguida, retomou o disparo. — É novo, mas eu sei que vai ser grande. É divertido, colorido, tudo natural. Os clientes vão comê-lo.

— Eu acho que esse é o ponto. — Disse Luc, em voz baixa e claramente destinado apenas a Corinne. Esse maldito murmúrio dele era letal. Ela observou, fingindo desinteresse enquanto ele virava a lata e começava a ler a parte de trás. — Doce, cremoso e sensual, exatamente como o amante perfeito deve ser.

Ele olhou para ela com uma intenção expressa que ela teria que estar morta para não ser afetada, mas ela cobriu-o com um bufo. A última coisa que ele precisava era de outra vantagem sobre ela. Pelo menos, ela

esperava que tivesse feito o suficiente, mas seus olhos brilhavam só para ela quando ele continuou a ler.

— Gel do beijo traz uma nova dimensão para o seu jogo de amor em cinco sabores únicos que misturam ingredientes saudáveis com intenções perversas. Cobrem os mais saborosos pedaços do seu amante com o sabor doce da framboesa, menta, chocolate, laranja, creme ou sabor morango genuíno e encanta os seus sentidos ao máximo. Porque beijos tem melhor sabor quando são cremosos. Bom apetite! Hmm, parece gostoso. — Disse ele, olhando para trás para ela com a especulação e as intenções que eram muito além de ímpias. — Você não acha, Corinne?

— Vamos lá, meninas, ajam como se vocês estivessem se divertindo, sim? É uma coisa grande. — Disse Hibbish. — Vão em frente. Tentem.

Luc deu uma sutil torcida em sua boca, o que parecia corroer a capacidade de seus joelhos de realmente fazer o trabalho de apoiar seu peso.

— Obrigada. Não importa se eu acho.

A boca do homem devia ser banida, Corinne decidiu assistir ele verificar os rótulos até que ele encontrasse o que queria. Levantando-se da mesa, ele estendeu sua mão livre para ela e fez seu estômago encolher.

— O que você diz? Importa-se em tentar?

Quando ela se viu corando como uma virgem, Corinne atravessou a linha. Ela não tinha deixado um homem intimidá-la com apelo sexual desde Tony Melitti na nona série. Endireitando os ombros, ela levantou uma sobrancelha, colocou a mão na cintura e deixou a outra roçar a palma

da mão de Luc. — Absolutamente. — Ela ronronou em sua melhor representação de Jessica Rabbit. — Mas você vai primeiro. Para que eu possa assistir.

— Obrigado. Eu acho que vou. — Predatória intenção irradiava de seu corpo grande e bonito quando ele pegou a mão dela e se esgueirou para a direita ao lado dela até que ela pode sentir cada centímetro de seu corpo pressionando-se contra ela.

Doce Molly Malone, o homem se sentia como o céu. Todo músculos pesados e aroma exótico, ele desprendia calor como um forno, mas Corinne já sabia que ele era um inferno de muito mais agradável para enrolar-se durante uma onda de frio. Ela viu seus olhos verdes de cristal ficarem preguiçosos e sedutores e lutou contra o desejo de envolver os braços em volta do pescoço dele e escalá-lo como um muro da prisão. Apenas o pensamento de envolver as pernas ao redor de sua cintura e sentir suas mãos em seu traseiro para mantê-la estável molhou sua calcinha. Ela quase podia sentir aquelas mãos enormes amassando seus músculos novamente, aliviando a dor que queimava em seus mamilos. Lembrou-se da largura das coxas segurando-a aberta, o comprimento de seu pênis sendo conduzido profundo, tão profundo, dentro de sua vagina doendo...

O silvo do spray a puxou de volta para a vida real antes que ela partisse para a sua fantasia. Se pensar nele a levava quase ao clímax, ela odiaria pensar no que poderia acontecer na próxima vez que ela tivesse as mãos sobre ele.

Ele já estava sobre ela. Os olhos brilhando, ele manteve os olhos dela cativos enquanto seus dedos puxavam o decote de sua blusa e a alça de seu sutiã para um lado, expondo a inclinação de seu ombro dourado. O spray silvou novamente quando apontou o bico em sua pele nua e pintou uma linha de creme azul pálido do lado do pescoço até a borda de sua camisa. Em seguida, a cabeça abaixou e ela sentiu sua respiração quente em contraste com a frieza do creme.

— Pudim de chocolate a parte. — Ele sussurrou enquanto a respiração congelava no peito, — Eu realmente sou mais fã de framboesa.

Sua cabeça caiu, seus lábios se separaram e seu mundo ficou fora de controle quando sua língua deslizou quente e úmida sobre a pele coberta de gel.

Sua cabeça caiu para trás como se sua coluna tivesse derretido; era muito mais como se Corinne se sentisse uma grande pilha desossada de gosma. Bem, se podia sentir tesão! Ela pressionou seu peito contra o dele, a pressão oferecendo um ligeiro abrandamento da dor em seus seios. Sua língua lambeu e acariciou os músculos e nervos e tendões enquanto comia o gel de sua pele. Seus lábios apertados e os dentes raspando, parecia que ele tocava cada terminação nervosa separada, mantendo-a trêmula e alerta. Seus joelhos estavam como geleia e seu estômago estava cheio de borboletas hiperativas, enquanto sua cabeça estava inclinada para trás, deixando-o fazer festa em sua carne, enquanto ele quisesse. Se tivesse sorte, seria por um longo, longo tempo.

O clique da câmera mal penetrou em sua consciência, mas a perda de seus beijos o fizeram. Ele se afastou e endireitou a sua altura. Ela gemeu e estendeu a mão para puxá-lo de volta para ela, morrendo por mais de seu toque mágico.

— Oh meu Deus, vocês dois são incríveis! — Hibbish deixou cair a câmera para o seu peito, pendurada na alça de tecido enquanto ele enterrou suas mãos no que restou de seu cabelo e puxou em um gesto de sobrecarga mental. — Eu nunca vi nada assim! Digam-me o seu preço. Eu vou pagar qualquer coisa! Qualquer coisa que vocês quiserem, contanto que vocês assinem para um anúncio fotográfico desta foto que eu tirei no display do gel. Digam o seu preço.

Corinne mal registrou o balbucio do proprietário da loja como inglês, seus sentidos ainda se recuperavam enquanto ela lutava para manter-se presa ao corpo de Luc como uma parede de corda. Com os olhos ainda fixos no rosto de Luc, ela viu sua expressão se aguçar quando ele se virou para o fotógrafo proprietário da loja.

— Como? — Repetiu ele.

Hibbish assentiu. — Absolutamente. Essa foto que eu tirei de vocês dois vai vender um caminhão inteiro de gel. É o mínimo que eu posso fazer.

Luc apertou a mão de Corinne, como se para encorajá-la a ficar em silêncio. Ele claramente não entendia a potência de seus próprios beijos. Como se ela tivesse recuperado o poder da fala já. Ha!

— Nós apreciamos isso, Sr. Hibbish. Você pode começar por...?

— Opa, espere um segundo. — O homem estendeu as mãos na frente dele e retrocedeu um meio passo. Sua expressão amigável se fechou como um stand de picolé em outubro, e ele balançou a cabeça. — Se você está aqui procurando por Walt, eu receio que eu não possa ajudar.

O que quase conseguiu arrancar Corinne de sua névoa de luxúria induzida. Ela franziu o cenho. — O quê? Eu pensei que você fosse Walter Hibbish. Eu olhei para cima. O travesseiro rosa é de propriedade de Walter M. Hibbish.

— E Harvey Weitzel. Esse sou eu. Nós somos sócios. — Explicou Weitzel. — Mas eu não vejo Walt em quase uma semana.

— Você informou seu desaparecimento? — Maldição, essa notícia deu um nó no intestino de Corinne. Talvez essa história pudesse se transformar em uma história real agora. — Você sabe onde ele foi visto pela última vez?

— Sim, eu informei, desde que ele não retornou nenhuma das minhas ligações, mas eu vou te dizer a mesma coisa que eu disse à polícia. — Weitzel virou-se para começar estalar seu equipamento novamente. — Eu não sei nada sobre onde ele possa estar. Walt e eu nunca vivemos um no bolso no outro e quando um de nós quer fazer uma pequena pausa, nós nunca sentimos a necessidade de explicar. Ele pode estar em qualquer lugar. As chances são de que ele vai retornar em uma ou duas semanas. Você pode tentar voltar então.

— Eu não preciso voltar. Estou trabalhando em uma história e eu preciso falar com ele agora.

— Então eu espero que você tenha um nariz de cão de caça, porque eu não posso pensar em outra maneira para você encontrá-lo. — Weitzel deu uma sacudida em sua cabeça arrependido e fechou sua lente em uma caixa de proteção. — Desculpe, não posso dizer mais. Mas se você quiser fazer um artigo sobre a loja, em vez de apenas sobre Walt, eu gostaria de ajudá-la. A publicidade seria ótima.

Corinne soltou um suspiro de frustração e empurrou seu notebook de volta em sua bolsa. — Desculpe, mas eu tenho que passar pelo meu editor primeiro.

Weitzel parecia desapontado por um minuto antes dele encolher os ombros e oferecer-lhe um sorriso. — Oh, bem. Assim é como segue, eu acho. — Ele pegou uma lata de gel e entregou a Luc. — Aqui. Um brinde. Apenas por fazer uma viagem desperdiçada. Diga a seus amigos sobre isso, também. Nós estaremos com todo estoque até quarta-feira.

Na quarta-feira, Corinne sinceramente esperava que pudesse ter esquecido que o Travesseiro rosa existia, mas apenas balançou a cabeça e deixou os agradecimentos para Luc. Ele parecia ser bom com eles.

— Olha, eu sinto muito que você passou por todo esse trabalho por nada. — Disse o lojista. — Mesmo que as fotos acabaram sendo boas para mim, é como se você tivesse perdido a viagem. Por que eu não os levo para fora e digo a minha menina na frente da loja para dar-lhes um desconto especial. Qualquer coisa que vocês quiserem, com vinte por cento.

— Obrigado, Harvey, você é muito generoso. — Disse Luc, levando Corinne pelo cotovelo, guiando-a para a frente. — Nós apreciamos sua ajuda.

Weitzel encolheu os ombros e deixou de lado uma bolsa maleável, abrindo caminho para a porta por onde tinham entrado.

— Não tem problema. Desejo-lhes sorte na sua história. Desculpe eu não pude lhes dar mais informações.

— Sim, eu também. — Corinne murmurou baixinho, voltando para dentro da loja com Luc bem atrás dela. Eles trocaram gentilezas com Weitzel, mas quando a cortina se fechou atrás deles, ela cruzou os braços sobre o peito e caiu imediatamente de volta para os lados. Ela deu um suspiro de frustração. — Fabuloso. Apenas o que eu precisava. Agora eu tenho um espaço em branco enorme de informações sobre um nada bem grande de uma história. O que diabos eu vou fazer agora?

Ela supôs que poderia voltar para o escritório e desenterrar o rol de testemunhas que Hank havia lhe dado, apenas uma chance para poder conseguir outra entrevista hoje. Parecia que era um monte de trabalho para uma história que ela preferia ver morrer lentamente e indigna na página quarenta e um. Abaixo do vinco.

— Você poderia me ajudar a escolher algumas coisas que... nos consolem até que decidamos o que fazer em seguida.

A sugestão de Luc quase a surpreendeu. Ela estava tão presa em suas reflexões decepcionadas que esqueceu que ele estava de pé ao lado dela, o que a fez se sentir totalmente ridícula. Afinal, que mulher em seu

juízo perfeito poderia esquecer um pedaço de 1,98m de altura com o cabelo lindo, um sorriso matador e uma lata de gel do beijo?

Seus olhos caíram para a lata e ela sentiu uma onda renovada de luxúria.

— Eu poderia, não poderia?

Capítulo Dez

A mente de Luc estava presa a dois pensamentos primários enquanto ele se movimentava com Corinne para longe da loja e na rua. Por um lado, eles precisavam descobrir o que significava que um dos últimos mortais a fazer contato com Seoc tinha desaparecido sem deixar vestígios e, por outro, ele precisava entender por que o sabor de Corinne D'Alessandro foi para a sua cabeça mais rápido do que o vinho dos Faerie.

Uma pequena prova do sabor dela na parte de trás do sex shop tinha quase rompido seu controle, e ele não tinha tocado nada mais do que seu ombro. Não fazia sentido. Para um homem que tinha aprendido os melhores pontos do sexo com ninfas e dríades, um homem conhecido como um dos guerreiros mais desejados no mundo dos Faerie, ele não conseguia entender por que esse pequeno ser humano fazia seu sangue se esquentar e seu pau endurecer. Pelo amor da Deusa, ele passou toda a noite anterior tendo ela tantas vezes como ele pode aguentar. Ele deveria estar saciado dela. Mesmo sabendo que ela era sua Companheira de Coração, realmente não podia entender. Mas dava-lhe algumas ideias

interessantes para o gel, as tatuagens de chocolate e os lenços de seda pura, que compraram com o desconto.

— Posso te fazer uma pergunta?

O som de sua voz o surpreendeu. Ele estava tão preso pensando sobre ela, que ele quase se esqueceu dela. Ela olhou para ele com aqueles olhos largos, cor de terra e ele sentiu o sangue de sua cabeça de volta para o sul.

— Claro.

— O que você acha que isso significa: que Hibbish desapareceu? Eu vi aquele olhar em seu rosto. Você tem algum tipo de teoria.

Ele pensou em suas palavras por um momento antes de responder.

— Não é tanto uma teoria, mas um monte de perguntas que eu realmente gostaria de ter respondido.

Ela franziu o cenho. — O que você quer dizer?

— Você não acha que há algo estranho no desaparecendo de Hibbish?

— Eu acho que estranho está escrito sobre toda esta história, mas então, eu acho que é estranho que essa história gire ao redor do sobrinho da Rainha dos Faerie, por isso estou longe de ser uma boa juíza. Estou mais interessada no que você acha que é estranho.

Ele suspirou.

— Eu acho que é estranho que Hibbish tenha desaparecido.

— Estranho como?

Deveria ser a hora do almoço, porque a calçada começou a se encher de pedestres, e Luc teve que puxar Corinne fora do caminho de um pequeno bando de jovens que pareciam alheios ao fato de que eles não esperavam compartilhar o mundo com mais ninguém. Ele fez uma careta. — Vamos lá. Nós não podemos ficar aqui e conversar durante todo o dia. Eu vi um café mais abaixo na esquina. Vamos pegar uma mesa, e vamos trocar teorias. E talvez um pouco mais da cerveja que você ama vai colocá-la num humor melhor.

— Meu humor está ótimo. — Ela fez uma careta, mas o deixou guiá-la quadra abaixo e para a mesa que o garçom lhes atribuiu dentro do café.

— Certo. É por isso que tivemos que lutar no meio daquela loja.

Ela teve a graça de olhar envergonhada. Certo, então isto está muito melhor.

— E pensar o quanto ainda vai melhorar depois de uma xícara de café. — Pessoalmente, ele não sabia por que os seres humanos gostavam tanto dessa bebida escura e amarga, mas se ela fazia Corinne feliz, ele ficaria feliz em proporcionar-lhe. Ele pensou que a ouviu murmurar algo sobre vingança e tortura, mas quando ele olhou para ela, ela apenas sorriu docemente. A expressão deu-lhe arrepios. Algo antinatural. Ele fez o pedido dela ao garçom, juntamente com um pedido de um pote de Darjeeling com limão e se voltou para ela.

— Então, qual é a sua teoria sobre a esquisitice? — Ela perguntou, assim que ficaram sozinhos novamente.

Ele fez uma pausa, tomando um momento para pensar a sua resposta. Não era tanto uma questão de decidir o quanto de verdade iria lhe dizer, mas como decidir uma forma de dizer a ela e se ela iria entender, sem ficar apavorada. — Você já ouviu falar de uma conversão?

Seus olhos se arregalaram. — Hibbish não é um pouco velho para ser uma vítima de sequestro Fae?

Ele ignorou a pergunta. — Certo, então você já ouviu o suficiente para saber que, no passado, alguns dos mais... antiéticos entre os Fae utilizavam para troca, sua prole doente por bebês saudáveis humanos que, depois, eram criados como seus filhos no mundo dos Faerie.

— Sim, é por isso que eu apontei que Hibbish não soa como qualquer querubim de cabelos dourados.

— Eu não estou dizendo que ele é. Deixe-me terminar, certo? — Ela assentiu com a cabeça e ele tomou uma respiração profunda. — Bem, isso não aconteceu em um longo, longo tempo. Desde o início do nosso tempo fora de Ithir. Eventualmente, o termo conversão passou a significar filhos de pais mistos. Um pai Fae, e um humano.

— Você me deixa perdida.

— Eu ainda estou levando até o ponto. Tão mágicos como os Fae são, uma das magias proibidas para nós é viajar livremente entre o nosso mundo e Ithir. Essa é uma das razões pelas quais levar bebês humanos de volta para Faerie parou, porque, para fazer a viagem, o Fae teria que encontrar não somente o bebê e fazer a troca, eles também tinham que encontrar a porta mais próxima entre os mundos e levar o bebê através

antes de ser pego. Isto ficou muito difícil. E já que a Rainha não poderia se dar ao luxo de parecer que ela aprovava toda a prática, ela não faz exatamente essas portas fáceis de encontrar.

Ele fechou a boca quando o garçom se aproximou e esperou até que serviu antes de se inclinar para a frente para continuar o seu conto.

— Mas alguns Fae continuaram a encontrá-los, e pior do que isso, alguns humanos encontraram, também, e alguns entraram em Faerie procurando as crianças perdidas. Uma vez, um homem humano conseguiu convencer alguns de seus vizinhos que os Fae foram responsáveis pela morte de suas colheitas e seu gado e eles formaram um pequeno exército para nos atacar. Isso foi um exemplo extremo, mas causou uma boa impressão na Rainha. Eventualmente, ela decidiu fechar quase todas as portas entre os mundos para que ela pudesse controlar a passagem de qualquer pessoa dentro e fora das Faerie.

— Mais ou menos como o muro de Berlim, de realidades alternativas, então.

Luc soltou um bufo divertido.

— Bem, eu suponho que há analogias piores. De qualquer forma, apenas cinco das portas em Ithir foram permanentemente seladas, e as cinco que ficaram foram todas encantadas de modo que, enquanto elas se abrem em diferentes cantos do mundo em Ithir, no país dos Faerie, todas são abertas em um quarto no palácio da Rainha.

— E ela é uma patrulha de fronteira, uma mulher sozinha?

— Ela toma as decisões de quem passa, sim.

Corinne fez uma careta.

— Então, como é que Seoc chegou aqui, para começar? Só para constar, como você poderia ter chegado aqui no passado?

— Eu tinha permissão. — Disse ele. — E nós pensamos que Seoc escapou através de uma porta quando o quarto foi deixado sem vigilância.

Suas sobrancelhas subiram em direção a linha dos cabelos.

— Eu aposto que você é o chefe da Guarda da Rainha, não é?

Ele fez uma careta. Ele deveria saber que ela iria fazer essa condenada conexão.

— Sim, eu sou. E enquanto eu tinha um homem ali estacionado a noite que Seoc passou, ele foi distraído de seu dever, e em última análise é minha responsabilidade ter certeza de que esse tipo de coisa não aconteça.

— Eu não estava dizendo que a culpa é sua. Eu só quero ter meus fatos.

— Bem, o fato é que não importa como Seoc chegou aqui, porque ele está aqui agora.

— E ele é a razão pela qual estamos tendo esta conversa. — Ela franziu o cenho. — O ponto da conversa originalmente não foi discutirmos por que Walter Hibbish desapareceu?

Ele tinha que dar pontos à sua persistência. — Eu estou começando com isso.

— Vá mais rápido.

— Tudo bem. Acho que Hibbish desapareceu porque Seoc estava tentando encobrir o que ele está fazendo aqui e Hibbish viu algo que não devia.

Seus olhos se arregalaram. — Você acha que Seoc matou Hibbish?

— Não, eu acho que ele o enviou através de uma porta.

Corinne fez seu melhor para tentar envolver a mente ao redor da informação que Luc estava dando a ela, mas ela simplesmente não achava que seu cérebro fosse tão flexível. Teria de ser contorcionista.

Ela balançou a cabeça. — Mas você acabou de dizer que a Rainha dos Faerie fechou todas as portas entre Ith — um, entre aqui e Faerie. Então, como Seoc enviou Hibbish através de uma?

— Ele não enviou. Pelo menos, ele não enviou Hibbish para Faerie. Eu acho que ele o enviou para o limbo.

O queixo dela caiu tão forte que ela quase ouvi um estrondo. — Ele mandou o cara para o nada eterno?

Luc curvou sua boca em um sorriso breve. — Não exatamente. Limbo não é qualquer lugar específico. É o que chamamos de um lugar entre dois mundos. Tecnicamente não existe, portanto, um ser que pode fazer mágica pode moldá-la para ser qualquer coisa que ele ou ela quiser.

Corinne fez uma careta. — Você soa como um físico teórico. — Ela sabia do que falava. Ela namorou um físico teórico por um tempo na

faculdade. Ela ainda tinha dores de cabeça em flashback ocasionais. — Certo, então Hibbish está... em algum lugar que não está aqui e não está em Faerie. Mas o que estava fazendo Seoc que era tão importante para ninguém vê-lo fazer?

— Eu acho que ele está olhando para a porta.

— A porta?

— Uma das cinco portas restantes do país dos Faerie está aqui em Manhattan. — Explicou ele, adicionando uma fatia fresca de limão a seu chá. — Foi assim que cheguei aqui no passado. Desta vez, Mab abriu uma nova porta para mim, mas ela é o único ser capaz que eu sei que ainda está usando esse tipo de magia. Seoc precisa saber onde a porta permanente está, e eu acho que ele está tentando encontrá-la.

— Mas o que há de ruim nisso? Se tudo que você quer é que ele volte para Faerie, e ele está tentando encontrar seu caminho de volta para lá, por que não deixá-lo? Ou melhor ainda, ajudá-lo a encontrá-lo e levá-lo para casa ainda mais rápido.

— Porque eu não acho que ele está olhando para ele para que possa usá-lo para ir para casa. Acho que ele está olhando para ele para que possa deixá-lo permanentemente aberto.

Ele disse tão gravemente e com tal seriedade proibitiva em seu rosto que Corinne poderia apenas especular. — E isso seria uma coisa ruim.

Ele balançou a cabeça. — É o que disse ontem à noite. Isso permitiria que qualquer pessoa e qualquer coisa que quisesse viajasse entre os

nossos mundos. O que iria perturbar o equilíbrio entre eles. Isso iria fazer todas essas outras coisas ruins sobre as quais falei ontem à noite.

Corinne soltou um suspiro. — Certo. Então é importante detê-lo.

— Você poderia dizer isso. Mas, primeiro, temos que encontrá-lo.

Capítulo Onze

Eles acabaram voltando ao apartamento para uma sessão de troca de informações e ideias, mas Corinne foi cuidadosa ao colocar sua sacola de produtos do Travesseiro rosa em seu armário, fora da vista, se não de sua mente. Ali não havia definitivamente qualquer óleo de canela, no entanto. Ela não confiava em Luc com ele. Ela viu a forma como seu olhar se desviava de vez em quando em direção ao quarto, enquanto estavam sentados no sofá e tentavam descobrir o que fazer a seguir.

— Você tem a última localização relatada de Hibbish?

Ela balançou a cabeça. — Bem, não, a menos que você conte o Travesseiro rosa.

— O nome de alguém com quem ele possa ter falado recentemente?

— Além de seu sócio, do qual eu não sabia nada antes de hoje, acho que talvez a pessoa de quem meu editor obteve a informação original. — Ela folheou suas notas. — Na verdade, espere um minuto. — Ela passou sobre a informação que anotou e levantou uma sobrancelha. — Parece que uma das testemunhas foi que originalmente convenceu Hibbish a falar. Marc Ingram. O barman.

Luc olhou por cima das notas que ele estava escrevendo. Quando começou a tomar notas, ela olhou para ele um pouco engraçado. De alguma forma, em sua cabeça, o detetive brilhante não precisava fazer anotações sobre seus casos. Parecia de alguma forma... fácil. Talvez ela tivesse visto muitos filmes de Humphrey Bogart. — Sério? Isso é que é interessante. Eu me pergunto se talvez devêssemos falar com Ingram.

— Estou muito à frente de você, grande cara. — Ela tinha o telefone na mão e já tinha começado a marcar os números. Luc observava com curiosidade.

— Avalanche, posso ajudar?

A voz ao telefone era feminina e brusca, mas educada, e Corinne levantou seu dedo para Luc para indicar que ele deveria ficar quieto. — Oi, hum, eu posso falar com Marc, por favor?

A mulher no telefone suspirou. — Ele não está chega até às oito. — Ela retrucou. — E uma vez que ele já perdeu um turno sem avisar, duvido

que ele vá ter tempo para falar com alguém hoje à noite. Não, se ele quiser manter seu emprego.

O receptor clicou em seu ouvido, e Corinne o deixou com um encolher de ombros. Ela disse a Luc o que a mulher falou e o observou processar a informação. — Talvez devêssemos ir esta noite ao clube e falar com o Sr. Ingram.

Ela olhou para o relógio. — É apenas uma hora agora. Isso é um inferno de um monte de tempo para matar.

Ele lançou-lhe um olhar de soslaio que a fez suspeitar e ficar com tesão ao mesmo tempo. Naturalmente, a maneira como as coisas estavam indo, ela não tinha certeza que ele tinha algum olhar que não a deixasse com tesão. — Bem, você poderia me dizer o que é que pretende fazer com os lenços de seda que comprou mais cedo.

Ela sorriu para ele, uma mudança pequena e misteriosa em seus lábios. — Sem chance, homem. Eu não compartilho meus segredos facilmente.

Luc se inclinou para frente, até que ela sentiu sua respiração roçando o rosto. Seu sorriso era lento, cheio de intenções e predatório. — Eu aposto que posso convencê-la a me contar todos os detalhes.

— Aposto que não pode.

Ela lambeu os lábios, e viu seus olhos escurecem, como se ele mal pudesse se conter em pegar a ponta rosa de sua língua entre os dentes. Ela adoraria provar que ele estava errado, especialmente se ele estivesse

inclinado a usar métodos fortes de persuasão. Vigorosos, métodos primitivos.

— Quer que eu tente?

Corinne lutou contra a vontade de colocar Luc sobre o tapete e abusar sexualmente dele, desafiando músculos e todos os outros pontos negativos de sexo no chão. Como estava, ela podia sentir as palmas e a vagina ficarem úmidas. Algumas pessoas podiam achar a notícia surpreendente, mas ela nunca foi avassaladora com seu parceiro. Talvez sempre faltou alguma coisa nela.

Ainda assim, ela não pode resistir a puxar a cauda deste tigre em particular. — Homens melhores do que você falharam.

— Querida, eu posso garantir que nenhum homem como eu já tentou.

Ela abriu a boca para responder, mas as palavras morreram em sua garganta quando sentiu a ponta de sua língua sobre seu lábio inferior, tão rapidamente que quase pensou ter imaginado. Até que ela olhou em seus olhos e viu diversão. Ela apertou os lábios e quase ronronou um vem-e-pegue-o-menino-grande. — Que tal ver quem convence quem primeiro? — Sugeriu. — O vencedor ganha um prêmio.

— Qual é o prêmio?

— O perdedor.

— Você já era.

Eles mergulharam um para o outro tão rápido, que Corinne ficou surpresa que seus crânios não colidiram no ar, mas seus lábios o fizeram, e

eles se beijaram profundamente e freneticamente enquanto caíam nas almofadas do sofá. Suas línguas se entrelaçaram, dentes beliscaram, os lábios se esmagaram como se fossem semanas desde a última vez que eles se tocaram em vez de apenas algumas horas. Ela não podia acreditar que qualquer homem pudesse deixá-la frenética, mas Luc podia.

No instante em que o tocou, seu corpo começou a gritar por ele, como se ele fosse água e ela tivesse estado perdida para sempre em um deserto árido. Isto a assustou, precisar dele assim rapidamente, e ela se perguntou se era assim que os viciados se sentiam, esta necessidade profunda de tê-lo, como se não pudesse respirar, a menos que ele desse a ela o poder de mover seus pulmões.

Ele tirou sua boca da dela e enterrou-a contra os seios, atraindo o cheiro dela e lambendo a pele macia ao longo do profundo V de seu decote, com cursos longos de sua língua. — Senhora, eu não acredito que preciso tanto de você. — Ele gemeu. — O que você me fez que eu preciso de você desse jeito?

Corinne gemeu, a única resposta que poderia fazer. Seu pequeno jogo de quem pode fazer o quê a quem não importava mais. Isto parecia meio bobo agora que ambos se contorciam em seu sofá pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas. Claramente nenhum deles poderia alegar imunidade aos encantos um do outro.

Nem podiam invocar imunidade a alguns impulsos animais, parecia. Eles puxaram a roupa um do outro até que rasgou-se tecido, botões estouraram e roupas foram jogadas em todo o espaço e pousaram

em todos os tipos de lugares. Quando Luc jogou sua calça jeans de lado, ela pensou ter ouvido um estrondo enquanto caía em cima de alguma coisa, mas ela não poderia ter se importado menos. Estava muito ocupada explorando a carne que esteve escondida sob o jeans.

Ela colocou os dedos ao redor de seu pênis e gemeu sua aprovação. Ele estava duro como pedra e quente ao toque, a pele suave como seda esticada, a cabeça em forma de cogumelo inchada e vermelha. Uma gota de umidade saiu na ponta e Corinne quis saborear a doçura. Contorcendo-se para fora de seu aperto, ela abaixou a cabeça e apertou sua língua contra a cabeça de seu pênis, deixando a pequena gota rolar por sua garganta como um sabor de néctar.

Ele gemeu quase tão alto quanto ela. — Corinne...

Ela sorriu e passou a ponta de sua língua contra a pequena abertura na cabeça de seu pênis antes que abrisse os lábios e o tomasse totalmente em sua boca. Ele encheu sua boca confortavelmente como enchia sua boceta e ela parou por um momento para se ajustar à sensação dele dentro desta parte dela. Suas mandíbulas se esticaram, mas não desconfortavelmente, assim ela podia sentir cada batida do seu coração contra a língua. Isto a fascinava, e ela levou-o um pouco mais dentro até que pode sentir o mesmo pulsar contra o céu da boca também.

Suas mãos se enterraram entre o seu cabelo, puxando-o para o lado para evitar que ficasse pendurado como uma cortina em volta dela e lhe ocultasse a visão dela sobre ele, chupando-o como um pirulito. Ela foi acariciando-o com as mãos até o interior de suas coxas, saboreando a

suavidade de sua pele antes de chegar e fazer um berço para suas bolas com a palma de sua mão. Ela o pesou como um saco de ouro, sorrindo um pouco com a analogia. Puxando a boca de seu pênis, ela se inclinou ainda mais e passou a língua sobre a textura contrastante de seu escroto, sentindo a pele macia e a rigidez dentro. Gentilmente, ela chupou um de cada vez, tomando-os em sua boca e provocando-os com a língua. Ela ouviu a mudança em sua respiração, com o poder que exercia sobre ele. Não importava o quão louco ele a deixasse, tudo o que tinha a fazer era tocá-lo assim e o equilíbrio voltava a seu relacionamento.

Sexo os igualava.

Ela foi deixando uma trilha de beijos de sua boca até o centro de seu abdômen liso e esculpido, a verdade é que ela se sentia em casa ali. Quando eles se tocavam, não importava quem era Fae e quem era humano, quem tinha poderes e quem não os tinha. Nem mesmo importava quem estava no controle. Tudo o que importava era que a mágica que eles faziam juntos era mais forte do que a Rainha dos Faerie poderia exercer. Este era um bom dia.

Ela apertou seus lábios contra os dele, suavemente, sentindo sua receptividade. Devagar, com ternura, suas línguas se emaranharam, não mais frenéticas ou selvagens, mas com fome, querendo e reverentes, como se Luc também entendesse a epifania que ela tinha acabado de experimentar. Ela abriu os olhos enquanto se beijavam e o encontrou olhando para ela. Seus olhares se encontraram quando ela se inclinou lentamente para trás e ficou escarranchada nele.

Desta vez, ela não o montou, ela o adorou. Afundando lentamente sobre seu pênis ereto, ela sussurrou com seu corpo sobre sua força e virilidade, sua coragem e inteligência. Com seu corpo, ela o comparou a um deus, e ele respondeu do mesmo modo.

Agarrando seus quadris, ele a segurou firmemente contra ele e balançaram juntos lentamente, sem empurrar ou retirar, mas balançando suavemente como as ondas do mar; com seu corpo, ele a adorou. Silenciosamente, ele a comparou a uma deusa, mostrando-lhe a promessa madura de sua forma, a profundidade de seu coração terno. Mostrou-lhe a capacidade de seu corpo para receber, e a capacidade de seu coração para dar.

Eles olharam um para o outro por horas, dias, vidas, o tempo todo unidos por pênis e vagina em uma união do elemento e sagrada.

Corinne se encontrou lutando contra as lágrimas e balançou a cabeça em negação. Ela não queria que nada significasse tanto assim, especialmente não o sexo, mas ela estava com medo de que já fosse muito tarde. Isto era mais do que sexo, mais do que fazer amor. De alguma forma, quando ela não estava prestando atenção, tornou-se comunhão, e temia que ela nunca mais fosse a mesma.

No final, eles tiveram seu clímax juntos, construído como os movimentos da onda, extraíndo uma força poderosa, em seguida, levando-os novamente para a superfície, limpos, novos e renascidos.

Algumas pessoas, aparentemente, não tinham nenhum respeito com o renascimento.

No início, ela pensou que o som da batida estava em sua cabeça, mas quando veio acompanhada de um grito, ela se sentou no sofá e olhou para a porta da frente. Ela praticamente vibrava sob a força do punho que batia contra ela. Antes que pudesse reagir, Luc moveu-a para o lado, deslizou-a para fora do sofá e apareceu na porta entre uma respiração e outra. Em sua mão ele segurava um punhal de prata de aparência letal e colocou seu ombro contra a porta antes de dizer qualquer palavra.

— Quem é? — Ele perguntou, em voz baixa, áspera e cautelosa.

— Luc, maldição, abra a porta antes que eu a abra eu mesmo. É Fergus.

Corinne fez uma careta. — Quem?

— Basta vestir as roupas. — Luc instruiu. — Vista minha camiseta.

Ela puxou a camiseta muito grande por cima da cabeça e foi descendo para pegar a calça jeans de lado para ele, quando ele abriu a porta. — Luc!

— Luc, é sobre o tempo. Eu tenho notícias.

Corinne observou horrorizada, como Luc abria a porta da frente completamente nu para deixar entrar um homem enorme, de cabelos castanhos vestindo jeans desgastados, uma camiseta azul ardósia e uma espada de um metro. E seu nome, aparentemente, era Fergus.

— O que você está fazendo aqui? — Luc perguntou, parecendo totalmente alheio ao fato de que ele ainda estava nu e, provavelmente,

cheirando a sexo. Corinne corou vermelha e jogou seu jeans em sua cabeça, quase desejando que eles fossem feitos de pedra. Apesar de que, pelo que ela viu, o granito se quebraria no impacto com algo tão duro como a cabeça de Luc. Ele olhou um pouco estranho para ela, mas gentilmente vestiu a calça jeans.

— Rafe me disse onde estaria. — Fergus entrou no apartamento, fechando a porta atrás de si e ignorando completamente Corinne. Ela não tinha certeza se sentia-se insultada ou aliviada. — A rainha enviou-me atrás de você.

Luc amaldiçoou, voltando ao sofá para pegar suas meias e botas. Ele sentou-se para colocá-los. — Pelo amor da Senhora, estou há apenas um dia. Qual é maldita pressa?

— A ondulação na porta da floresta.

Fascinada, Corinne viu como Luc olhou para cima para esconder sua adaga na bota e lançou a seu amigo um olhar incrédulo. — Isso é impossível.

— Assim a rainha pensou, mas aparentemente, estamos todos enganados.

— O que é a Porta da Floresta, e por que ondula? E quem diabos é você?

Os dois homens se viraram para Corinne e a olharam surpresos. Eles provavelmente haviam se esquecido de que ela estava ali. Ela olhou para eles e desejou que estivesse usando algo diferente da enorme camiseta de Luc, mesmo que a cobrisse do pescoço aos joelhos. Ela enrolou as pernas

contra o peito para que pudesse puxar a bainha toda até os tornozelos. Isto ainda a deixava com um pouco de indignidade.

Fergus falou primeiro, depois de levantar as sobrancelhas, dando a ela uma avaliação uma vez mais. — Agora, ela não é seu tipo usual, amigo. Um pouco... comum, você não acha?

— Ela é extraordinária o suficiente para fazer você comer seus dentes se falar dela assim de novo. — Ela resmungou, os olhos estreitados em um olhar violento. Ela decidiu que realmente não gostava de Fergus.

Luc colocou seu braço ao redor dela e a abraçou de lado, enviando a Fergus um olhar intenso. — Corinne, este é Fergus de Eithdne. Ele serve como meu tenente, quando não está se comportando como um burro. E às vezes, quando ele está. — Fergus nem piscou ao insulto. Ele estava muito ocupado observando-a com curiosidade. — Fergus, esta é Corinne D'Alessandro.

Fergus olhou de Corinne para Luc e de volta novamente. — Ela é humana. — Ele disse isso como se fosse, 'ela é uma lã de mamute', com uma total sensação de descrença, como se ele verificasse para garantir que Luc tinha notado.

— Ela também não é surda, seu Fae esquisito. — Ela resmungou. — De modo que você pode querer tentar ser civilizado. Ou vocês não têm boas maneiras de onde você vem?

Fergus endureceu e descansou a mão no punho da sua espada.

Corinne riu. — Ah, certo. Eu digo a você quando está sendo um estúpido delirante e você busca a espada. O que acontece se eu te chamar de idiota? Você tem uma granada de mão no seu bolso?

Ela poderia ter rido pela maneira como seu queixo caiu, se ela não tivesse esperança de vê-lo apodrecer.

Ele olhou para Luc. — Ela não pode ver a minha espada. Eu a encantei antes de sair da casa de Rafe. Está sob ilusão.

— Não muito bem, eu acho, porque eu posso vê-la clara como o dia. — Informou ela antes que Luc pudesse abrir a boca. — Eu posso ver através de você. É por isso que eu posso ver o idiota que você é.

Fergus franziu a testa. — Você pode ver isso?

Ele acenou com a mão por um segundo antes de abrir o punho fechado para revelar uma flor perfeitamente formada descansando na palma da sua mão. Corinne fez uma careta. — Sim, é uma orquídea. E daí?

O Fae ignorou o questionamento dela e se virou para Luc. — Isso é impossível. — Disse ele em um tipo de tom que não admitia discussão. — Apenas há uma única razão pela qual ela seja capaz de ver através da máscara de glamour a minha espada, mas não notou nada estranho em um feitiço simples de criação, mas é impossível. Ela é humana. Ela não pode ser a sua com...

— Ela não sabe o que ela é, Fergus, e eu não tenho tempo para explicar agora. — Luc o interrompeu, lançando a Fergus um olhar significativo. — Então por que você não deixa isso por agora e me diz o que sabe sobre a porta.

O outro Fae assentiu brevemente e sentou-se na borda de uma poltrona. — Certo. Mab me enviou porque ela detectou...

— Hum, Olá? — Corinne os interrompeu, lutando consigo mesma, muito difícil de resistir em agarrá-los por seus cabelos e bater suas cabeças juntas tão duro quanto pudesse. Talvez bater fizesse algum sentido em um ou outro. — A pessoa aqui não sabe o que diabos vocês estão falando. O que é a Porta da Floresta?

Fergus olhou para ela, então ela olhou de volta, mas Luc virou-se para responder a sua pergunta. — Lembra-se daquelas portas antigas entre Ithir e Faerie das quais falei antes? As que a Rainha fechou e selou? — Ela assentiu com a cabeça. — A Porta da Floresta é uma dessas. Está selada durante séculos, mas houve um tempo que levava de uma floresta daqui a uma floresta em Faerie. Por isso tem esse nome.

— Uma floresta em Manhattan?

— Bem, costumava ser uma floresta. Agora é em uma seção do gramado no Central Park.

Corinne gemeu. — É claro que é. — Ela aprendeu recentemente que o Central Park era praticamente um viveiro de outras atividades. Entre as portas do país dos Faerie e reuniões da matilha de homens lobos, ela não achava que nunca seria capaz de pôr os pés no parque novamente. Ela quase desejou os dias em que as coisas mais estranhas acontecendo lá dentro eram manifestações de protesto e pisca-piscas criativos.

— Posso continuar agora?

Ela revirou os olhos com o tom petulante de Fergus, mas Luc apenas balançou a cabeça.

— Tudo bem. Então, como eu estava dizendo... — Ele fez uma pausa para olhar para Corinne. Ela sorriu docemente, só porque sabia que iria deixá-lo louco. Ele ficou. — Ontem à noite, depois que você saiu, nós deixamos guardas extras na Câmara das Portas. Tudo parecia normal até por volta de meia-noite, quando Connor e Ewen disseram que sentiram uma perturbação no ar. Eles me alertaram, e eu enviei à Rainha.

— O que ela descobriu? — Luc perguntou.

— A principio nada, e ela estava menos do que satisfeita. Eu pensei que iria banir todos os três para ocupações oficiais com duendes por um século ou mais. Mas, então, aconteceu de novo, e desta vez todos nós sentimos. Um encanto desfeito.

— Isso não deveria acontecer. Mab tinha certeza que seus selos não poderiam ser desfeitos por algo tão simples.

— Eu sei. — Fergus concordou. — Mas depois sentimos um trajeto de encanto passando, e foi quando a Rainha ficou nervosa.

Luc fez uma careta. — Isso ainda nunca seria o suficiente para abrir uma porta selada.

— Não, mas poderia abrir uma escondida. E depois que as ondulações pararam na Porta da Floresta, ele tentou abrir a Porta de Hearthstone também.

A única resposta de Luc foi uma maldição, e desta vez, mesmo Corinne entendeu o xingamento. Se ela entendeu corretamente, o que

Fergus dizia era que Seoc descobriu uma maneira de abrir a porta escondida entre Faerie e Ithir, e a única coisa impedindo-o de causar toda a destruição que Luc descreveu era que ele ainda não a tinha encontrado.

— Certo, admito que soa como se nos chupasse. — Ela se aventurou, envolvendo os braços ao redor dos joelhos. — Mas não é como se ele já tivesse completado a façanha. Por que não podemos ir para onde a porta real está e esperar até ele mostrar-se? Quer dizer, se ele está tentando em todas as portas que conhece, vai chegar ao caminho certo, eventualmente, mas só precisamos chegar lá primeiro.

— Se fosse assim tão fácil. — Fergus retrucou: — Você não acha que já estaríamos lá?

Corinne empurrou de volta, sentindo-se como se tivesse levado um tapa. Ela nunca tinha sido uma pessoa de contar apenas com as primeiras impressões, mas até agora todas as suas impressões de Fergus disseram-lhe que ele era um canalha. Ela rosnou para ele. — Ouça, garoto esquisito.

— Parem com isso. — Luc rosnou. — Eu não tenho tempo para ouvir vocês dois brigarem. Fergus diminuiu sob o brilho do Capitão da Guarda, e Corinne se calou quando Luc se virou em uma expressão similar a ela. — A ideia é boa, Corinne, mas o problema é que não sabemos onde a porta real está escondida.

Ela piscou. — Bem, isso é estúpido. Como alguém deve usar uma porta que não pode encontrar?

— Ninguém pode. Deve-se pedir permissão à Rainha para a passagem, ela envia quem solicita e esconde a localização da porta.

— Como? Você teria que ser muito estúpido para não ser capaz de encontrar a localização de uma porta que atravessou.

— É. Ou muito humano.

— Fergus. Cale. A. Boca. — Luc disparou um olhar para o outro Fae antes de se voltar para Corinne. — Se as portas de Faerie trabalhassem como as portas físicas, você estaria certa. Mas elas não o fazem. Uma porta Faerie não é uma porta normal. Ela funciona de modo inteiramente diferente, uma vez que não é normalmente fixada em qualquer ponto. Mab fixou as portas do lado de Faerie, porque sempre queria ver quem entrava em seu reino, mas deste lado, ela queria torná-las difíceis de encontrar, por isso as encantou a abrir em locais aleatórios, a menos que ela solicitasse especificamente de outra forma.

Corinne balançou a cabeça. — Eu detectei uma pitada de paranoia? Ainda assim, acho que temos sorte que ela esteve tão preocupada, já que isto ainda tem evitado Seoc de encontrar a porta certa.

— Sim, mas ele teve muito mais tempo para procurar do que temos agora. — Disse Luc, ficando de pé, com uma expressão sombria. — Se queremos chegar à primeira porta, precisamos descobrir pela Rainha onde está.

— E como vamos fazer isso? — Corinne perguntou. — Eu não acho que ela tenha um telefone celular.

Ele balançou a cabeça. — Não, mas nós não precisamos de um telefone para contatá-la. Antes de fazer isso, eu quero falar com o chefe

do Conselho. Tenho a sensação de que vamos precisar de toda a ajuda que pudermos conseguir se planejarmos uma armadilha para Seoc.

— Certo, isso é ótimo. — Ela balançou a cabeça. — Quem é o chefe do conselho?

Ele olhou para ela com surpresa. — Rafael De Santos. Antes dele, foi Dmitri Vidame. Eu pensei que você fosse amiga de Regina. Por acaso você não sabia dessas coisas?

Ela arqueou uma sobrancelha. — Sim, bem, a política dos sobrenaturais realmente não é minha especialidade. Eu nem conheço ninguém em, er... Ithir que soubesse que Faerie existia antes de ontem. Como eu ia saber que havia uma espécie de embaixador oficial?

— Alguém tem que manter as relações diplomáticas entre os dois mundos. Em Ithir, é da responsabilidade do chefe do Conselho.

— Certo. Grande. Parece que temos que ir falar com Rafe então. Apenas me dê cinco minutos.

— Para quê?

Ela já estava indo para o quarto. — Então eu posso me vestir.

Ela o ouviu suspirar. — Tudo bem. Eu vou ligar para Rafe e dizer-lhe que estamos a caminho.

— O que faz você pensar que nós planejamos ter uma humana junto conosco?

Mesmo se ela fosse surda, Corinne não teria perdido o tom sarcástico, arrogante na voz de Fergus. — Porque se vocês não fizerem isso, eu vou segui-los. — Explicou ela. — E então eu vou começar a ficar

irritada, vou ser uma cadela e falar de você para Reggie e Missy, elas serão umas cadelas e falarão de você para Misha e Graham, e então haverá todo este grande incidente interdimensional só porque você tem um nó em sua calça. — Ela parou na porta do corredor e olhou por cima do ombro para ele. — Então, você realmente quer ir por aí? Eu não penso assim.

Ela andou de volta para seu quarto ao som da risada de Luc e das maldições de Fergus em uma língua que ela não conhecia. Estava tudo bem. Eles provavelmente só a irritariam ainda mais. E ela já estava planejando esconder um vidro de aspirina em sua mochila para levar com ela. A julgar pelo tamanho da dor de cabeça que Fergus havia lhe dado, isso poderia poupá-la de sua ira por aproximadamente uma hora. Duas, se ele apenas ficasse de boca fechada. Surpreendeu-lhe que um Fae poderia ser tão detestável ao ponto de querer mostrar seus dentes em um nanosegundo, enquanto o outro, Luc, poderia dar a ela aquele assustador, feliz, brihante, sentimento, em seu peito. Ela deve ter perdido a cabeça.

Assim que ela puxou um par de shorts jeans para fora de sua gaveta da cômoda, ela ouviu Fergus gritar algo impaciente e rude de sua sala de estar. Estreitando os olhos, ela decidiu pegar dois vidros de aspirina. Apenas por precaução.

Capítulo Doze

Cinco minutos, Corinne decidiu quando saiu do táxi, ela e seus dois companheiros enormes que estiveram espremidos durante a viagem até a casa de Rafe em East Side. Isso é tudo o que ela precisava, apenas cinco minutos de paz, de privacidade ininterrupta onde ela poderia se sentar, tomar uma respiração profunda para tentar descobrir o que diabos estava acontecendo e quando exatamente ela chegou a este passeio que não parava. Era realmente pedir muito?

Aparentemente. Reggie e Missy estavam esperando quando ela, Luc e Fergus chegaram à porta da frente de Rafe. Eles mal tinha começado a fechar a maldita coisa antes que suas amigas atacassem. Corinne olhou para Luc pedindo socorro, mas o homem já estava se reunindo com os seus maridos traidores de amigos.

— Tudo bem, Rinne, desembucha. — Reggie exigiu, cruzando os braços sobre o peito e fixando em sua amiga com um olhar expectador. — Onde estão as chamas?

— É. Por que Graham e Dmitri nos arrastaram todo o caminho até aqui resmungando algo sobre relações diplomáticas, incidentes interdimensionais e o fim do mundo como nós o conhecemos? — Missy ofereceu um maldito olhar intimidante, mas o efeito diminuiu um pouco quando ela começou a esfregar a mão sobre a barriga inchada. Ela atualmente estava grávida de três meses e, de forma absurda o suficiente, a meio caminho do prazo. Ela esperava pelo menos seis meses, o que era apenas um dos resultados de ser abatida por um homem lobo.

— É uma longa história. — Corinne tentou deslizar seu caminho entre elas e chegar mais perto de Luc. Mesmo que ele não tivesse vindo em seu socorro, ele seria um obstáculo muito grande para se esconder atrás, se ela pudesse se mover rápido o suficiente.

— Sem chance. — Reggie estalou. — Mesmo que você possa se mover mais rápido do que Missy, o que eu duvido, você com certeza não seria mais rápida do que eu. Então, fique e comece falar.

— Droga, Reg! — Corinne parou de deslizar para Luc e levantou as mãos. — Você sabe o quanto eu odeio quando faz isso! Eu não me importo o quão legal você pensa que é o que você pode fazer, fique fora da minha mente!

— Eu não estou na sua mente, sua louca. — Reggie se endireitou com altivez e pareceu ofendida. — Eu não preciso tentar ler quando você está transmitindo algo tão alto, um cão surdo poderia ouvir. Deveria estar feliz por não mostrar o que mais você está transmitindo.

— Você não precisa. — Missy disse, o rosto assumindo uma expressão neutra. — Eu posso sentir o cheiro. Nossa querida amiga tem estado sob o homem de preto ali. E. — Ela fez uma pausa, e Corinne tentou não notar que ela estava inalando delicadamente. — O homem de preto não é muito humano.

— Corinne! — Reggie ofegou, lutando contra um sorriso. — Eu pensei que você só quisesse se envolver com homens humanos. Eu pensei que você tivesse dito que os Outros não eram o seu tipo.

— Ela esteve obviamente mentindo.

Corando, Corinne estava pronta para se virar e ir porta afora quando Luc chamou seu nome.

— Corinne. — Disse ele, afastando-se do amontoado de homens e estendendo a mão para ela. — Venha aqui. Acho que tudo isso vai ser muito mais fácil se explicarmos tudo de uma vez. — Ele virou-se para Rafe e ergueu as sobrancelhas. — Acha que podemos passar para a sala de estar e nos sentarmos?

Tentando desesperadamente agir de forma casual, Corinne ignorou os olhares de suas amigas e cruzou para ficar ao lado de Luc, ignorando a mão estendida. Ele não se ofendeu, apenas a recolheu, descansando a mão possessivamente em seu quadril. Ela fingiu não notar, mas ela não podia deixar de ver a forma como as sobrancelhas escuras de Rafe dispararam e sua expressão normal de diversão preguiçosa mudou por uma de decidida curiosidade.

— De todas as formas. — O suave homem-gato disse, apontando para os outros a precedê-lo através das portas duplas que levavam à sua sala de estar. — Vamos ficar confortáveis. Posso oferecer a alguém uma bebida?

— Claro.

— Sim.

— Absolutamente.

— O inferno, sim.

Rafe riu. — Vou abrir o bar, certo? Dessa forma, todos nós podemos nos servir.

Eles festejaram de um modo um pouco estranho quando entraram na sala de estar de Rafe impecavelmente decorada. A maldita coisa era cerca de duas vezes o tamanho do apartamento todo de Corinne. Era, assim, uma regra que todos os Outros em Manhattan tivessem que ser obscenamente ricos?

Rafe sentou-se atrás do balcão e começou a buscar garrafas embutidas no topo, enquanto Fergus deu cerca de três passos para a sala e apoiou o ombro contra a lareira. Ele parecia determinado a ser do contra.

Reggie e Missy tentaram levar Corinne para o sofá, mas Luc realmente veio a calhar e a conduziu a um sofá de dois lugares, tomando o lugar ao lado dela, colocando seu braço casualmente sobre seus ombros. Ela viu Reggie começar a protestar, mas Misha passou um braço em volta da cintura de sua esposa e se afundou em uma poltrona curva com aspecto retrô, puxando-a para seu colo. Quando Reggie abriu a boca para protestar, ele balançou a cabeça e deu-lhe um olhar de reprimenda.

Graham apenas levou Missy para onde ele queria que ela se sentasse, ajudou-a a se acomodar na cadeira e sentou-se no chão a seus pés com um joelho dobrado para seu peito e seu braço sobre ele. Parecia uma pose ocasional, mas Corinne viu que tinha Missy completamente encurralada e deu um suspiro de alívio. Luc percebeu e lançou-lhe um olhar divertido.

— Champanhe, eu acho. — A voz de Rafe retumbou através do silêncio tenso e Corinne virou-se para vê-lo erguendo uma garrafa preta de vidro. — Alguém gostaria de se juntar a mim?

— Você acha que tem algo a comemorar? Deveria saber que este assunto é muito grave para não ser levado a sério.

— Eu levo muitas coisas a sério, Fergus. — Disse Rafe, colocando a garrafa contra sua coxa enquanto puxava a rolha do topo. — No entanto, não consigo ver como toda esperança está perdida.

— Então talvez você realmente não tenha nenhuma ideia sobre a situação. Gostaria que eu lhe explicasse?

Corinne sentiu seus olhos se arregalam. — Eu sei que se supõe que cabelo vermelho indique um temperamento. — Ela murmurou para Luc. — Mas eu não tinha ideia que se equiparava a grosseria.

— Cuidado, Emily Post. — Ele murmurou de volta.

O homem fazia mais referências pop do que ela já fez em metade de sua vida, e como ele se tornou tão versado na cultura humana, ameaçava deixá-la louca. Ela se lembrou de perguntar a ele sobre isso mais tarde, mas agora queria ver os fogos de artifício.

— Não acho que precise de quaisquer explicações suas, Fergus, nem essa é a hora de ouvirmos você fazer birra. — Rafe ronronou. Não a forma de um gato ronronar ao ser afagado, mais como um leopardo se refestelando nas entranhas de sua matança deve ronronar. — No entanto,

se você sente a necessidade de questionar o meu entendimento, eu ficaria feliz em discutir isso com você. Mais tarde. Sozinho.

Corinne estremeceu e decidiu se certificar de não estar por perto mais tarde.

— Podemos começar a trabalhar? — Luc perguntou, cortando a tensão e atraindo todos os olhares de Rafe e Fergus para ele e Corinne. Ela lutou contra o desejo de se contorcer.

— Eu acho que é uma ideia maravilhosa. — Dmitri moveu Reggie no colo e falou sobre o topo de sua cabeça castanho-avermelhada. — Talvez você possa nos contar sobre o que está acontecendo, Luc. Rafe já nos disse a razão para esta visita mais recente de vocês em nosso mundo, mas suspeito que algo importante aconteceu para que você e Fergus sentissem a necessidade de chamar-nos todos juntos aqui.

— Chamar todos foi ideia de Rafe, mas eu admito que foi uma boa ideia. Pelo que me disse Fergus, eu tenho a sensação de que será preciso todos nós para concertar esta bagunça. — Luc estendeu a mão para aceitar a taça de champanhe que Rafe entregou a ele e passou para Corinne. — E não temos muito tempo.

Do outro lado da sala, Graham suspirou e descansou sua mão direita sobre a barriga inchada de Missy. — Então eu sugiro que você comece a narrar as histórias, amigo.

Corinne observava e ouvia, bebia champanhe enquanto Luc enchia os outros com a saga de Seoc, Hibbish e as portas de Faerie. Todos, além de Fergus, ouviram atentamente, com os rostos ficando sombrios

conforme ele contava. Ninguém parecia satisfeito ao ouvir sobre o que estava acontecendo, e Corinne se encontrou quase sentindo pena de Seoc. Ela certamente não gostaria que esses cinco homens, bem, estes quatro homens e um, sem desculpas, um bosta de um Fae mal-educado, estivessem em seu rastro. Apenas o pensamento a fez tremer.

Luc deve ter notado, porque ele apertou seu braço ao redor dela e começou a esfregar a mão para cima e para baixo em seu braço, como se o atrito oferecesse algum calor. Ela fez uma careta quando viu tanto Reggie quanto Missy observando o movimento e trocando olhares de ‘Ah ha!’ Talvez se ela escalasse de modo que estivesse sentada logo atrás de Luc, elas se esqueceriam que estava lá.

Quando Luc finalmente parou de falar, Dmitri resmungou. — Eu posso ver porque você estava preocupado, *brahtok*. O sobrinho da Rainha está quebrando pelo menos cinco cláusulas da concordância entre os nossos povos. Eu acho que Rafael concorda que os Outros estão tão ansiosos quanto você para pará-lo e devolvê-lo a Faerie.

Rafe assentiu sobre a borda de sua taça de champanhe. — É claro. Teremos o maior prazer em fazer tudo o que pudermos para ajudá-lo.

Luc voltou seu olhar para Dmitri. — Será que vai se envolver mais desta vez do que só me dar o nome de alguém e seu número, me desejando sorte?

Dmitri riu. — Se mais for preciso, é claro que vou. — Ele lançou um olhar de cumplicidade no braço que Luc ainda tinha ao redor dos ombros

de Corinne. — Mas acredito que no momento, eu te dei a coisa mais importante que poderia ter dado. Discorda?

Luc sorriu preguiçosamente. — Não, eu suponho que não. Lembre-me de agradecer-lhe mais tarde, *brahtok*.

— Desculpem-me. — Corinne retrucou, olhando de um rosto de autossatisfação do sexo masculino para o outro. — Estou sentada aqui, e não tenho morte cerebral. Você acha que poderia se abster de falar de mim como se eu fosse um objeto? Pelo menos enquanto eu estiver na sala para ouvir você?

Luc roçou seus lábios contra sua têmpora, e ela podia sentir sua risada reprimida. — Talvez. Vai ser difícil, mas eu vou fazer o esforço.

Um rangido estranho fez os dois se virarem para olhar para Reggie. Ela se sentou no colo de Dmitri, lutando para ficar de pé, mas ele a segurou facilmente com seus braços em volta de sua cintura.

— Chega! — Reggie gritou, agarrando os pulsos de seu marido, tentando puxar suas mãos para longe dela. — Eu quero saber o que você fez com Corinne! Você lançou algum tipo estranho de feitiço Fae de amor nela? Você fez isso?

Dmitri tentou silenciá-la, mas ele estava tendo problemas para falar sobre sua risada. Reggie simplesmente o ignorou completamente.

— O que a faz pensar que eu teria que usar magia? — Luc perguntou. — Eu acho que fui insultado.

— Oh, não, você vai saber quando for insultado. — Missy rosnou do outro lado da sala. — Porque eu estou prestes a insultá-lo num grande

momento. Que tipo sujo, podre, manipulador, canalha com cara de rato, joga com as emoções de alguém assim? Você deveria ter vergonha de si mesmo! Graham, deixe-me ir! Eu quero bater nele. Forte.

Corinne gemeu e tentou se contorcer para fora do abraço de Luc, mas ele não se moveu. — Querem parar com isso tudo? Você, também, Sr. Mãos Agarradoras. — Ela olhou para Luc antes de voltar para seus alvos principais. — E vocês, minhas supostas amigas que se foram e se envolveram com invenções da imaginação coletiva humana muito antes de eu ter conhecido o homem que vocês querem punir, quem diabos vocês pensam que são? Se eu quero me apaixonar por uma preguiça de três dedos, eu gostaria de ver vocês tentarem me parar.

Respirando com dificuldade, ela empurrou para trás e sentiu seus olhos se arregalam. Ela tinha gritado que estava apaixonada por Luc? Ela tinha?

— Não nos importa por quem você se apaixone. — Disse Missy. — Ainda que a coisa da preguiça leve algum tempo para a gente se acostumar. Mas nós nos preocupamos quando um inescrupuloso Fae lança um feitiço em você.

— Para sua informação, não há magia envolvida aqui. — Ela respondeu. — Luc não poderia usar a magia para me fazer amá-lo se ele tentasse. Ele já me disse que suas ilusões não funcionam comigo. Assim. — Ela percebeu que o ‘assim’, poderia parecer um pouco infantil, mas quando confrontada com a escolha entre dizer isso ou mostrar a língua, ela foi para o lado verbal e debateu-se com a restrição do gesto.

Ela também se preparou para outra saraivada de argumentos, mas eles não chegaram. Em vez disso, todos os olhos na sala se viraram para olhar para ela e Luc, e cada mandíbula (exceto Fergus) caiu no chão. Suas amigas estavam olhando para ela, mudas, e Corinne não tinha ideia do que havia de errado com elas. Ela olhou de rosto em rosto, lendo em cada expressão exatamente o mesmo de atordoada descrença. Finalmente, ela cruzou os braços sobre o peito e deu um distinto ‘harrumph’.

— O que? — Ela exigiu.

Luc congelou e se perguntou qual era a melhor maneira de transmitir a todos na sala que a primeira pessoa a informar Corinne que ela era a sua Companheira de Coração morreria de uma morte lenta, horrível e dolorosa por suas mãos. Será que isso precisava ser dito?

— Mas, Corinne, você está falando sério? Você entende o que acabou de dizer?

Missy foi a primeira a se recuperar do choque inicial com a revelação de Corinne, e Luc lutava contra uma onda de arrependimento. Ele odiava prejudicar o filhote a nascer de Graham, mas percebia que seu amigo iria ver a necessidade. Ele se preparou para saltar do sofá e enfrentá-la.

— Se isso for verdade, então você é de Luc.

— Missy, querida. — Graham cortou. — Eu acho que não é educado questionar Corinne sobre seus sentimentos por Luc. Isso é entre os dois.

— Mas, Graham, você ouviu o que ela disse. — Reggie protestou. — E ela claramente não tem ideia do significado.

— Se isso é ou não verdade, isso não é da sua conta, dushka. — A voz de Dmitri era severa, mas amorosa. — Não cabe a você ter esta discussão com Corinne.

Luc enviou olhares agradecidos a seus amigos, mas aparentemente sua Companheira de Coração realmente queria que ele tivesse que matar suas amigas.

— Não, deixe-as falar. — Disse ela, com os braços cruzados sobre o peito, a boca beijável transformou-se em uma linha. Ele reconhecia que essa expressão era melhor que o seu sorriso, ele meditou. — Minhas amigas podem dizer o que quiserem de mim. Eu posso lhes dizer eu mesma que é um monte de merda.

— Mas Corinne, você não entende sobre Luc.— Reggie disse. — Ele não é como os outros homens. Ele não é como os seres humanos.

— Ah, e é você quem fala, a Sra. Presas. — Corinne lançou um olhar de desculpas para Dmitri, que apenas sorriu. — Você é a pessoa que começou tudo isso. Nós todas levávamos uma vida perfeitamente normal até que você decidiu se atirar para um cara com uma dieta líquida.

— Mas, Rinnie, ele obscureceu sua mente!

Corinne riu, embora Luc não achasse que ela parecia estar se divertindo. — Eu sou a única que acha essa cena estranhamente familiar, só que com diferentes membros do elenco nos papéis principais? Você vai agitar uma cruz para mim, Reg? Ou talvez algum...

Ela fez uma pausa, franzindo a testa, e olhou para Luc. — O que você usa contra Fae, afinal? Eu sei que há alguma coisa em todas essas histórias.

— Ferro frio. — Ele murmurou, tentando não rir.

— Certo. — Ela voltou para Reggie e disse: — Talvez algum ferro frio, então. Não seja hipócrita.

— Reggie não está tentando ser hipócrita, e nem eu. — Missy disse em sua voz e-sou-a-conciliadora-aqui. — Nós só estamos preocupadas com você.

Luc interrompeu naquele ponto. Ele só não perderia esta chance para não prolongar mais isso. — Vocês não precisam se preocupar. Eu farei tudo em meu poder para cuidar de Corinne. Vocês tem a minha palavra.

Sua amorosa Companheira de Coração bateu-lhe no peito. — E se eu quiser tomar conta de você? Eu não sou uma boneca de porcelana indefesa, você sabe.

Luc estremeceu e esfregou o local onde seu punho bateu. — Sim, eu sei. Era uma figura de linguagem. Regina, Melissa, eu lhes juro, eu vou contar tudo a Corinne e vou permitir a ela todas as opções que puder. Vocês tem a minha palavra. Mas agora não é o momento. Precisamos encontrar Seoc e proteger a porta das Faerie, antes que seja tarde demais.

Ele observou enquanto as duas mulheres olhavam para ele, para Corinne, para seus maridos e de volta para ele.

— Tudo bem. — Disse Reggie, sem soar muito feliz a respeito. — Nós vamos esperar até que Seoc esteja de volta às mãos dos Fae, mas nem um minuto mais. E esperamos que você seja completamente honesto e respeite os desejos dela. Está claro?

Luc olhou para a pequena, incipiente vampira e para a delicada humana e quase riu, mas depois ele olhou para o vampiro de 800 anos de idade e o Lupino alfa que eram seus companheiros e acenou com a cabeça respeitosamente. — É claro. E mais uma vez, você tem a minha palavra.

Ele ouviu Corinne rosar ao lado dele e olhou em seus olhos castanhos irritados. Ele tinha o desejo quase irresistível de beijar a ponta enrugada de seu nariz, mas percebeu que a menos que ele quisesse correr o risco de perder sua língua, era melhor abster-se.

— Eu não tenho ideia do que está acontecendo aqui. — Ela resmungou. — Mas estou com uma certeza danada de que está me irritando.

Ele não pôde deixar de sorrir. — Eu vou explicar tudo mais tarde, mas agora, temos trabalho a fazer.

Capítulo Treze

Depois que todo mundo parou de tentar comandar a vida amorosa de Corinne, eles se tornaram realmente capazes de voltar ao motivo pelo qual todos tinham se reunido na casa de Rafe: desenvolver um plano para capturar Seoc com segurança e devolvê-lo a Faerie.

— Acho que saltar para fora da floresta ou cercá-lo com uma grande rede não vai impedi-lo, hein? — A boca de Missy se torceu em uma careta enquanto ela esfregava sua barriga e tomava um gole de leite da taça de champanhe que Rafe tinha entregue a ela.

— Não exatamente. — Disse Luc. — Seoc é inteligente o suficiente para ser difícil de pegar, e rápido, mas ele sabe que se for apanhado desta vez, a Rainha não vai ser mais tão branda como ela foi no passado.

— É. Porque é melhor pegá-lo agora, quando ele está tentando acabar com o mundo, do que teria sido, oh, digamos, nos últimos bilhões de vezes em que ele esteve causando problemas e não obteve mais do que um tapa no pulso. — Corinne ignorou a expressão horrorizada de Luc. — De qualquer modo, porém, eu duvido que uma rede seria eficaz. Porque suponho que mesmo esses caras aqui não têm, assim, uma rede mágica.

— Sem redes mágicas. — Rafe, na realidade, a contrariou educadamente, que era mais do que poderia dizer para o bufo de desprezo de Fergus. — Mas acredito que compensamos em números o que, de outra forma... faltam em redes.

Luc assentiu. — Enquanto eu puder contar com o apoio de todos vocês, não estou preocupado. O truque será encontrar a porta e chegar a ela antes que ele o faça. — Ele olhou esperançoso para Rafe e Dmitri. — Eu não suponho que um pouco de inteligência em particular seja algo passado de cabeça do Conselho a cabeça do Conselho?

— Eu gostaria que fosse, *brahtok*, mas se qualquer um dos outros já tiveram esse conhecimento, eles nunca o passaram para mim. — Dmitri encolheu os ombros. — Duvido que alguém saiba, no entanto. Mab não é do tipo que confiaria tal conhecimento a um estranho.

— Sim. — disse Luc. — O problema é que ela não confia isso nem para os nossos.

— Hum, não era essa a pergunta que iríamos fazer à Rainha? — Corinne interrompeu.

Ela só viu quatro rostos masculinos se franzirem, porque ela não se incomodou em olhar para Fergus.

— Eu estava esperando que não tivéssemos. — Luc suspirou. — Tenho a sensação de que ela vai estar um pouco ranzinza...

— Por quê? Porque ela não se preocupou em fornecer-lhe informações vitais antes de você vir aqui? Ou porque já faz 24 horas inteiras e você não conseguiu cumprir sua missão?

Luc apenas olhou para ela. — Não. Porque ela é a Rainha.

— Poderia ser melhor se você esperasse do lado de fora.

Corinne olhou para Luc como se ele tivesse perdido a cabeça e passou por ele direto para a maçaneta da biblioteca de Rafe. O anfitrião tinha se oferecido para permitir a utilização do espaço privado para sua conversa com a Rainha dos Faerie. — Obrigada, mas eu quero ver isso.

Ele agarrou a mão dela. — Não, realmente. — Repetiu ele, lenta e deliberadamente. — Seria melhor.

— Eu particularmente não ligo. Não estou planejando interferir, mas quero ouvir essa conversa. Você está me dizendo que eu não posso ir com você?

— Faria alguma diferença se eu dissesse?

— Nem uma diferença sangrenta.

— E é por isso que eu nunca iria tentar dizer-lhe qualquer coisa do tipo. Mas estou tentando deixar você saber que poderia ser melhor não ir.

Ele olhou para sua expressão, suspirou e abriu a porta da biblioteca.

— Tudo bem. Mas não diga que eu não avisei.

Ela revirou os olhos. — Eu vou assinar um documento.

— Se eu acreditasse nisso.

Ela o ignorou e caminhou até a biblioteca à sua frente, esperando enquanto ele fechar e trancar a porta. Ela esperava vê-lo fechar as escotilhas e abotoar o Kevlar, da maneira como ele estava agindo. — Então, o que temos que fazer?

Suas sobrancelhas se ergueram e ela pensou que ele empalideceu. — Não temos que fazer nada. Eu vou cuidar de tudo. Você vai sentar-se calmamente e tentar não olhar diretamente para a Rainha.

Ela zombou. — Por quê? Será que a visão dela me transformará em pedra, ou me enlouquecerá ou algo assim?

— Não! — Ele parecia chocado. — Eu só não quero que você a deixe louca.

— Hey!

Ele ignorou seu protesto, a pegou pelos ombros e a empurrou para baixo em uma cadeira de couro, colocando as mãos sobre os braços e avisando-a com firmeza para mantê-los lá. Ela considerou socar as orelhas dele, mas ele se recusou a soltá-la.

— Agora. — Ele disse, colocando seu rosto até o dela e olhando para ela como sua professora da terceira série, a irmã Maria Inês, quando Corinne estava em apuros. — Esta vai ser uma espécie de situação delicada. Desde que você não está familiarizada com os protocolos da corte de Faerie, ou como a Rainha espera ser abordada, eu vou ter toda a conversa. Toda a conversa. Entendeu?

Ela olhou para ele. Fervendo.

— Você vai sentar-se muito quieta, manter os olhos no chão ou na lareira, e ficar absolutamente silenciosa. Entendeu?

Ela mostrou os dentes para ele. Se eles não estivessem tão firmemente cerrados, ela poderia tê-los afundado em algo vital. Como sua jugular. E aqui ela achando que só gente como Graham tinha vontade de rasgar gargantas com os dentes. Isso foi antes dela conhecer Luc.

— Oh, eu entendo. — Disse ela, muito, muito suavemente. — Eu entendo que é melhor ter muito cuidado para não virar as costas para mim tão cedo, Lúcifer. Deus sabe que você obviamente não pode confiar em mim para me controlar.

— Certo. — Ele concordou. — Enquanto nós nos entendermos.

Ela assistia através de olhos estreitados um estranho nevoeiro vermelho, enquanto ele se endireitou e deu dois passos longe da cadeira. De frente para o fundo da sala, provavelmente para que ele pudesse manter um olho nela, Corinne pensou, sentindo satisfação, ele estendeu a mão em sua bota e tirou a faca que viu quando ele abriu a porta de seu apartamento antes. Então, ele fez um movimento estranho, como se estivesse cortando um círculo fora do ar, e diante de seus próprios olhos, o ar que ele tinha cortado começou a brilhar em uma luz trêmula.

Corinne não tinha certeza exatamente do que ela esperava ver, mas sabia que não era isso. Talvez estivesse preparada para ele recitar algumas linhas de poesia ruim, ou símbolos misteriosos no chão escritos em giz ou sacrificar uma galinha ou algo assim. Inferno, até mesmo cantar um pouco e um incenso ou dois teria sido bom, mas de alguma forma ela estava esperando ver mágica, olhar algo um pouco mais... bem... arrebatador.

Dessa forma, tudo o que ela viu foi aquele gesto estranho com a faca, e de como o círculo no ar brilhou, como a superfície de um lago, antes dela se vir olhando para o rosto da mulher mais linda que ela já viu.

Olhos profundos, verdes tempestuosos de um oceano de água fria pareciam brilhar em um rosto que tinha a pele como creme de baunilha. Sua afiada e angular estrutura óssea era totalmente feminina e poderia fazer um anjo sentir ciúmes. Suas sobrancelhas eram finas, escuras e abrangentes, seus cílios eram longos e grossos. Seu cabelo vermelho-dourado, usado longo e solto, brilhava como um halo ao redor dela.

Corinne sentiu o queixo cair e se perguntou se não havia outra razão pela qual Luc lhe disse para não olhar diretamente para a Rainha.

Quando falou, a voz da Rainha era musical e suas palavras soaram de sua boca como o repicar de um sino. — Olá, meu Lúcifer. Eu não esperava me chamar esta noite. Tem notícias do meu sobrinho?

Corinne observou como o homem que se recusou a ceder a ela sem um arco ordenado a partir da cintura e dirigiu sua visão com cortesia deferente.

— Minha Rainha, descobri algumas coisas sobre Seoc, mas receio que não sejam notícias animadoras.

— Sim, bem, eu esperava.

O tom da Rainha, de arejado desprezo, fez os olhos de Corinne se ampliarem e fez Luc endireitar sua postura, já militar. — Você esperava isso, minha rainha?

Mab assentiu. — Por que? Sim. Eu assumi que se Seoc esteve realmente ignorando minha convocação, ele devia estar fazendo algo que valesse a pena me irritar. Então, naturalmente, eu pensei que ele estivesse tentando abrir a porta.

— E você não me disse?

Mesmo depois de conhecê-lo apenas por um dia, Corinne poderia dizer que devagar, o tom de voz profunda e controlada de Luc significava que ele estava a um passo de cometer um ato violento de frustração. Ela observou curiosamente, se perguntando se talvez fosse uma coisa muito

boa que ele estivesse apenas falando com uma visão da Rainha, e não em sua presença física. Ela assumiu que o Fae ainda franzia a testa.

— Você é meu melhor guerreiro. Eu achei que iria descobrir em breve, meu Lúcifer, como eu vejo que o fez. — A Rainha pareceu virar a cabeça e seus lábios se curvaram em um sorriso sedutor. — Ah. Vejo que realmente encontrou algo que agrada a você, meu Lúcifer. Como eu disse que faria.

— Eu?

Corinne ouviu o barulho, mas levou alguns segundos para perceber que tinha vindo de seus próprios lábios. Ela sinceramente não tinha a intenção de falar, mas o comentário da Rainha a pegou desprevenida.

— Corinne... — A voz Luc era um grunhido, e ela lhe lançou um olhar de desculpas.

— Não a repreenda, meu Lúcifer. Eu estava realmente falando dela, e gostaria de falar com ela agora. Esperava que você fosse trazê-la para mim. — Ceeerrto. Corinne praticamente podia ouvir o tema do Twilight Zone tocando no fundo, mas ela endireitou-se na cadeira e olhou para a Rainha com cautela. — Diga-me, criança, qual é o seu nome?

— Corinne. D'Alessandro.

— Ah. Adorável. — A Rainha sorriu. — E o que você acha do meu Lúcifer, jovem Corinne?

Jovem Corinne? Pelo amor de Deus, não tinham se referido a ela assim desde aquela Ação de Graças, quando a tia-avó de Corinne morreu e ela finalmente tinha se mudado para a "mesa das pessoas grandes" no

jantar. Ela viu Luc olhando para ela, um olhar de pânico horrorizado no rosto, e manteve seus pensamentos para si mesma. — Eu acho que ele é... muito dedicado.

— Sim, ele é. E, embora ele se dedique a poucas coisas, ele é inabalavelmente leal a elas.

Não sabendo mais o que fazer, Corinne deu um murmúrio de concordância.

— Mas o que eu realmente queria saber, Corinne, é o que você pensa de Lúcifer como um Companheiro de Coração.

— Um o quê? — Ela ouviu os gemidos de Luc sobre sua pergunta.

— Um Companheiro de Coração. Certamente você já deve ter pensado a respeito de como ele combina com você? Não que você possa recusar-se a tê-lo, é claro, mas estou curiosa para saber como um humano se sentiria em estar ligado deste modo a um dos nossos.

— Ligado? Como ele me serve? Não poder recusá-lo? — Sua voz se elevou uma oitava com cada pergunta. Ela estava prestes a saltar da cadeira e emitir uma demanda muito contundente que a Rainha das Faerie explicaria do que diabos ela estava falando quando Luc se aproximou e colocou a mão em seu ombro para pressioná-la para baixo em sua cadeira. Ela queria saber o que diabos estava acontecendo, caramba.

— Minha Rainha. — Ele começou, sua voz cuidadosamente controlada e só um pouquinho mais forte do que o habitual. — Tenho certeza de que Corinne está honrada com sua atenção, mas estou com

medo de que as ações de Seoc não nos deixe muito tempo. Precisamos de sua ajuda se vamos trazê-lo de volta logo e em segurança.

Mab olhou de volta para Luc e franziu a testa. Se não fosse a Rainha dos Faerie e uma força mágica poderosa, Corinne poderia ter chegado a odiá-la por ser capaz de fazer isso e ainda estar linda. Assustadora, mas linda.

— Não fale comigo como se eu não compreendesse a situação, meu Lúcifer. Estou bem ciente de tudo o que está em jogo, como estou bem ciente que eu lhe pedi para cuidar disso.

Corinne poderia realmente ouvir Luc rangendo os dentes.

— Eu estou fazendo o meu melhor, minha Rainha, mas receio que Seoc teve muito tempo para planejar seu ataque antes de ficarmos tornarmos conscientes disso. Temo que, se você não puder nos fornecer as informações que precisamos, será tarde demais para impedi-lo de abrir a porta permanentemente.

— Isso me deixa muito descontente.

— Eu sei.

Corinne observou como a Rainha dos Faerie e o capitão de sua Guarda olharam com receio. A qualquer momento ela esperava ouvir um assobio assustador e ver um turbilhão passar. Finalmente, Mab falou.

— A porta. — Ela retrucou. — Eu posso te dizer onde está, mas terá que alcançá-la antes de Seoc. E eu posso te dizer que sinto que ele está muito próximo. Até o luar de amanhã, será tarde demais para detê-lo.

— Então nós vamos pegá-lo antes disso.

— Muito bem. — Mab franziu os lábios, olhou de Luc para Corinne e de volta. — Você deve se considerar muito sortudo por não poder pegar de volta o presente que lhe dei, Lúcifer, pois começo a duvidar que você realmente a mereça.

— Já é minha. — Ele rosnou. — E você é o menor dos perigos que eu arriscaria para ficar com ela.

Corinne pensou ter visto um sorriso provocador nos cantos da boca da Rainha, mas depois a mulher na visão ergueu o queixo e mudou seu rosto numa máscara arrogante. — Lembre-se que você disse isso, meu Lúcifer, pois eu sei que vou. A porta agora está no Portão Old Stone. Espero que você a encontre antes que o meu sobrinho o faça.

Enquanto Corinne olhava fascinada, a Rainha virou as costas para eles e a visão brilhou antes de suavizar, até que não ficou nada mais que puro ar onde ela estava. Piscando rapidamente para ajustar seus olhos, Corinne desejava conhecer uma técnica para ajustar seu cérebro, mas tinha a sensação de que já era tarde demais para isso. Ainda sentindo-se um pouco tonta, seguiu Luc para fora da sala.

Fergus e Rafe estavam esperando do lado de fora da porta, colocando um obstáculo sobre qualquer chance que Corinne poderia ter tido de perguntar a Luc tudo o que girava em sua mente. O primeiro dos quais ser algo como: ‘Que diabos?’

— Então? — Rafe disse, sem se incomodar em desencostar-se da parede.

Fergus colocou as coisas um pouco mais sem rodeios. — Onde está a porta?

Corinne sorriu e acenou. — E eu que pensei que você nunca perguntaria. Logo agora! Não se esqueça de anotar!

Luc rosnou.

— Ah, tudo bem. — Corinne cruzou os braços irritada. — Ele pode ser um não-civilizado sozinho então, eu só vou tomar isso como uma boa pequena sofredora.

Rafe deu um passo adiante, colocando o braço ao redor dos ombros de Corinne e levando-a de volta pelo corredor até a sala de estar. Ela podia ouvir o rosnar de Luc ficar mais alto que nunca e o ronronar da risada de Rafe. Nenhum destes homens poderia ter a metade de um comportamento normal?

— Apenas ignore-o. — Disse Rafe. — Ele vai superar a si mesmo em breve.

— Fergus ou Luc?

Ele cantarolava.

— Ambos, eu imagino.

— Sim, isso seria ótimo. — Disse ela. — Mas ainda temos o pequeno problema de ter que trabalhar juntos até encontrar Seoc.

— Mas isso não será um problema. — O problema em não olhar para Fergus era que ela ainda podia ouvi-lo. — Agora que sabemos onde está a porta, nós podemos apenas ir até lá e esperar por ele, e agora já não

precisamos que um ser humano fique no caminho, assim você pode simplesmente ir para casa e nós vamos trabalhar muito bem sem você.

Corinne se virou a tempo de ver Luc puxar o outro Fae e pará-lo pela trança.

— A próxima vez que você falar assim com ela, eu romper algo. Provavelmente seu nariz bonito. — Ele rosnou. — Então pare. Agora.

Fergus lamentou.

— Ela começou.

— E ela parou agora. — Ele levantou uma sobrancelha para Corinne. — Não parou?

Ooh. Então ela tinha que bancar o ar de superioridade moral sem realmente ter que ser superior? Fabuloso!

— Absolutamente. Meus lábios estão selados.

— Ótimo. Mantenha-os selados. Vocês dois. — Ele soltou a trança de Fergus, avançou, retirou o braço de Rafe do ombro de Corinne e substituiu-o com o seu próprio. — Vamos voltar com os outros. Eu só quero passar por isso de uma vez.

— Parece mais do que suficiente para mim. — Ela murmurou.

Ela não disse uma palavra enquanto ele a arrastou de volta para a sala e a empurrou para baixo na cadeira. Ela até se absteve de comentar a sua versão da conversa com Mab. Ela estava muito orgulhosa de si mesma.

Quando ele terminou, Graham franzia a testa. — O Portão de Old Stone? Deveria estar aqui em Manhattan? Porque eu nunca ouvi falar.

— Eu sim. — Dmitri moveu Reggie em seu colo e se inclinou para frente. — Eu pensei que fosse uma antiga lenda e não posso dizer que ainda não pense que seja. Supõe-se que seja uma porta escondida, mais poderosa do que qualquer coisa que o Fae conheceria a respeito, aqui na cidade em um antigo bosque. Eu ouvi dizer mais de uma vez que os Fae usavam apenas para viajar entre novos lugares, mais distantes do que Faerie e Ithir.

— Mas não pode ainda estar de pé, pode? — Reggie perguntou. — Quero dizer, não que Manhattan tenha permanecido exatamente inalterada por séculos ou qualquer coisa assim. Deve ter sido demolido ou terem construído sobre ele ou algo assim, certo?

Missy concordou.

— É. Teria ido há muito tempo, não é? Não há madeiras reais deixadas aqui. Mesmo o Central Park foi jardinado e plantado para ser do jeito que se parece agora. Você tem que ir para fora da ilha para ver um bosque que aparente ter o tempo suficiente para que o Fae o considere velho.

— Não é verdade. — Disse Graham, uma expressão lenta de compreensão começando a iluminar seu rosto. — Há um lugar na ilha que contém floresta original.

— Parque Inwood Hill. — Corinne falou em voz alta. — É onde Peter supostamente comprou a ilha dos índios por um monte de lembrancinhas, na ponta norte da ilha. — Ela franziu o cenho. — Mas não me lembro de nenhum portão de pedra lá em cima. Só tem trilhas para caminhadas e

outras coisas. Um portão não teria permanecido escondido por muito tempo de todos os corredores e caminantes com cães. Quero dizer, não é tão movimentado como o Central Park, mas é quase deserto, também.

Rafe balançou a cabeça.

— Não precisa ser. Se o Fae considerou isso como um portal escondido, então provavelmente não seria reconhecido como absolutamente nada para ninguém. Pode não ser nada mais do que uma fenda em alguma pedra.

— Bem, não há muita pedra lá em cima, então acho que tudo é possível.

Luc assentiu.

— É provavelmente onde está então.

Capítulo Quatorze

Fergus queria ir para Inwood imediatamente, porque ele era, aparentemente, um grande fã do cenário do fracasso. Corinne quase mordeu a língua para manter essa observação para si mesma, mas realmente estava tentando ser boa, assim se manteve em silêncio e deixou Luc explicar que no dia seguinte seria uma aposta melhor.

— Será lua nova. Ele iria precisar de ajuda extra para se desfazer dos selos de Mab. Ele é muito inteligente para tentar esta noite, só para acabar falhando.

Quando mais tarde ela pediu para lhe explicar sem fazer doer seu cérebro, ele resumiu assim.

— Magia. Se você está tentando se livrar da magia nas coisas, neste caso, os selos na porta, é mais fácil quando a lua é nova. Se quer criar coisas, é melhor quando a lua está cheia.

Ela não fingiu que realmente entendeu, mas pelo menos ele usou palavras simples, de modo que ela apenas balançou a cabeça e seguiu adiante.

Ela realmente queria ir para seu apartamento, sua cama e seu próprio ciclo de sono REM. Ela chegou até levantar-se da poltrona de dois lugares antes que Luc a agarrasse. — Aonde você vai?

Ela suspirou.

— Casa. Para a cama. Eu não sei quanto a você, mas foi um longo dia e estou exausta. Você acabou de dizer que não seria capaz de ir para o parque até o anoitecer de amanhã, então eu vou passar cada hora disponível entre agora e então, inconsciente.

Ele puxou sua mão, tentando fazê-la voltar a sentar.

— Certo, mas eu não posso sair até passar mais algumas coisas com Fergus, Rafe e os outros.

— Que bom. — Ela puxou a mão. — Mas desde que tenho certeza que você não precisa de mim para as coisas estratégicas, eu posso. E pretendo. Observe minha saída.

Ele pegou a mão dela e a puxou novamente, enviando-a para seu colo.

— Não. Eu vou com você, mas você tem que me dar mais alguns minutos para fazer os arranjos para amanhã.

— Luc, o que você está fazendo? Deixe-me levantar. — Ela tentou realmente fingir que não tinha notado a sala cheia de pessoas a observando com ávida curiosidade, mas o calor em suas bochechas disseram o tanto que tinha funcionado.

— Não. — Ele apertou os braços e franziu o cenho para ela. — Eu não quero que você saia sem mim. Se você me der mais 15 minutos, eu vou ter terminado aqui, e podemos ir para casa juntos.

Ela piscou.

— Eu convidei você a ir para casa comigo?

— Você acha que teria que convidar?

— Talvez se nós nos encontrarmos de manhã para conversar. — Disse Dmitri, oferecendo um sorriso que Corinne sentiu que era melhor ignorar. — Desde que você dormiu pouco na noite passada. Dessa forma, não precisa perder 15 minutos de, ah... tempo de dormir.

Reggie socou seu marido nas costelas, não que ele tenha se encolhido.

— Misha, não o ajude. Ele não precisa disso. Corinne é a que devemos tentar salvar.

— Eu não preciso ser salva.

— Ela não precisa ser salva.

Eles falaram ao mesmo tempo e Corinne revirou os olhos, empurrando-se no colo de Luc para ficar na frente dele e enfrentar seus amigos interferentes.

— Olha, não é que eu não aprecio a sua preocupação. — Disse ela.
— Mas eu realmente não preciso de uma intervenção.

Reggie fez uma careta.

— Eu recebi uma intervenção.

— Você foi mordida por um vampiro. Ninguém vai sugar meu sangue e me transformar em uma criatura da noite.

— Isso não quer dizer que não estamos certas em nos preocupar. — Missy disse, soando doce e severa, como se ela dissesse à sua classe de cinco anos de idade para se acomodar para a hora da soneca.

— Como eu estava preocupada quando minha melhor amiga me disse que estava se casando com um homem lobo e ia ter um filhote? E vamos ver se eu me lembro do que disse a minha amiga quando reagiu a minha preocupação... — Corinne piscou inocentemente por um segundo antes que levantasse um dedo de forma simulada. — Oh, sim! Ela me disse para cuidar da minha maldita vida e para garantir que o presente do bebê fosse unissex.

Pelo menos Missy teve a graça de corar. Reggie apenas se ajeitou para a frente. Ou, pelo menos, tentou.

— Rinnie, você não está sob...

Isso foi o máximo que ela chegou antes que Dmitri colocasse uma mão sobre sua boca e mostrasse a Corinne um sorriso.

— Desde que eu posso garantir que o meu amor encantador está a cerca de três segundos de afundar suas presas em minha mão, eu sugiro que vocês aproveitem o silêncio para sair enquanto podem. — Os olhos de Reggie se estreitaram, sua mandíbula se apertou e o sorriso de Dmitri se transformou em um estremecimento. — Aí, vocês veem? Vão embora e tenham uma boa noite.

Luc riu e se levantou, envolvendo um braço na cintura de Corinne e conduzindo-a para a porta.

— Nós vamos. Vamos todos nos encontrar aqui amanhã à tarde por volta das três. Nós podemos decidir a melhor forma de lidar com a captura de Seoc então.

Rafe assentiu e levantou-se para caminhar até a porta da frente.

— É claro. Minha casa está à sua disposição. E só porque eu amo vocês, eu vou até manter nosso amigo Fergus para passar a noite. Atrapalharia os nossos planos se tivéssemos de passar a noite toda tentando impedir Corinne de matá-lo.

Eles pegaram um táxi de volta para a casa de Corinne e ela nem se incomodou em se afastar quando ele entrelaçou os dedos juntos e segurou suas mãos contra sua coxa. Em vez disso, ela, na verdade, inclinou a cabeça em seu ombro e viu a cidade passar além das janelas.

Vários minutos se passaram em silêncio enquanto ela se sentou com o rosto fazendo seu peito de travesseiro e o rosto dele descansando contra seu cabelo. Finalmente, ela se agitou, inclinando a cabeça até que ela pudesse ver seu rosto.

— Você tem um plano para a noite de amanhã?

— Eu não acho que isso requer uma ratoeira, apenas furtividade e velocidade. — Disse ele, aconchegando-a mais contra ele. — Com os Lupinos, Rafe, Dmitri e Reggie do nosso lado, nós teremos em abundância.

— Então, nós apenas temos que nos esconder perto do portão até que ele se mostre, e depois saltamos nele?

Ele sorriu para a incredulidade em sua voz.

— Você esperava algo um pouco mais elaborado?

— Eu acho. Isto parece tão... — Ela encolheu os ombros. — Anticlímax.

Ele riu.

— Muitas coisas boas são.

E, novamente, muitas coisas boas não são, pensou e apertou as pernas juntas contra a ondulação involuntária em sua boceta. Ela parecia ter desenvolvido uma ação reflexa ao pensamento de Luc e clímax ocorrendo dentro de mil sinapses um do outro.

Ela ficou em silêncio de novo e ficou assim até que pagou o motorista de táxi e dirigiu-se a seu apartamento. Quando ela abriu a porta e o levou para dentro, ela sentiu-se quase como se tivesse sido presa por déjà vu,

mas desta vez quando Luc fechou a porta atrás de si, ele a agarrou imediatamente.

Seus lábios caíram nos dela como chuva, e ela absorveu tão rapidamente como o chão do deserto. Na verdade, ela estava a cerca de meio segundo de distância do afogamento antes de uma parte mesquinha atrás de sua mente se transformar em uma confusão e então ela se afastou com um gemido.

— Espere. — Disse ela, apoiando as mãos contra o peito dele para mantê-lo mais longe possível. — Você e eu temos que conversar.

Luc gemeu contra sua garganta quando lambeu com sua língua oh-tão inteligente. — Podemos conversar mais tarde.

— Certo. — Ela zombou. — Nós realmente teremos energia para conversar depois de deixar um ao outro em um par de poças insensatas de gosma. Eu posso ver isso acontecendo.

— Eu não tenho problema com gosma.

— Ele murmurou, roçando os dentes contra sua clavícula. — Isso soa bem para mim. Vamos focar em gosma.

— Não. — Ela o empurrou firmemente e se contorceu para fora de seus braços, caminhando para a parte de trás do sofá para manter algum tipo de barreira entre eles. Se ele a tocasse novamente, ela sabia bem que as únicas coisas que sairiam de sua boca seriam gritos por mais. — Eu disse que queria conversar.

Ele gemeu e se abaixou para ajustar o jeans.

— Tudo bem. — Disse ele. — Só me faça um favor e tente falar rápido, certo?

— Tudo bem. Eu realmente só tenho uma pergunta para você. — Ela cruzou os braços e se preparou. — O que é um Companheiro de Coração?

Ela viu Luc ficar tenso, ouvi-o xingar e depois viu ele sentar-se em uma poltrona e fechou os olhos com um suspiro.

— Luc?

Ele não disse nada, mas ela o viu esfregando as mãos sobre o rosto, de modo que ela sabia que ele ainda estava consciente.

— Luc. — Ela incitou. — Responda-me. Diga-me o que a Rainha quis dizer quando ela chamou você de meu Companheiro de Coração.

Ele balançou a cabeça.

— Corinne, é que... eu realmente... é demais para tratar agora. É complicado.

— Então, simplifique-o para mim.

Ela olhou para seu rosto cuidadosamente, notou a expressão cautelosa em seus olhos quando ele finalmente os abriu e olhou para ela.

— Bebê...

— Sem bebê. Diga-me sobre o que a Rainha estava falando. — Quando ele continuou hesitante, ela suspirou e sentou-se no braço do sofá. Ele parecia tão cauteloso, cansado e vulnerável que ela não conseguiu manter a rotina de super-cadela. Ela passou a mão sobre seu cabelo despenteado. — Olhe deste modo. Você pode me dizer agora,

quando estou cansada e pronta para dormir... se esperar até que eu esteja alerta, eu vou ter muito mais energia para ficar brava com você.

— Você tem razão. — Ele levou a mão livre até a sua e roçou um beijo sobre a ponta dos dedos. — Mas você realmente não precisa de mim para dizer o que você já sabe. É uma espécie de termo autoexplicativo.

Ela deslizou do braço do sofá para seu colo.

— Então é o mesmo tipo de coisa como quando Graham chamou Missy de sua companheira. É como uma... como uma... esposa?

Ele descansou sua bochecha contra o topo de sua cabeça e passou os braços em volta dela, abraçando-a perto.

— De certa maneira. Os Fae não tem nenhuma cerimônia de casamento formal. Casais ficam juntos porque eles querem ficar juntos. Se mudam de ideia, eles seguem caminhos diferentes.

— Isso significa que você pode mudar de ideia sobre nós?

Ela ouviu o sorriso na voz dele.

— Nunca. Eu não posso. Ter um companheiro em Faerie é uma coisa, mas ter um Companheiro de Coração é completamente diferente. Um companheiro é uma companhia que você escolhe e descarta como convém a ambos. O Companheiro de Coração é a outra parte de seu espírito. O destino escolhe para você, e os laços duram para sempre. Isso não acontece com todos os Fae, mas quando isso acontece, é visto como uma bênção da deusa Anu.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos, ouvindo o eco do seu coração batendo por baixo da orelha e suas palavras rodando em sua mente.

— Para sempre, hein?

Ele acenou com a cabeça.

— E você tem certeza que é o que nos aconteceu. Não é apenas a coisa da companhia?

Corinne ouviu a nota de vulnerabilidade em sua voz e fez uma careta. Ela não queria se transformar em uma chorosa, do tipo pegajosa necessitada, mas maldição, isso era difícil. Ele amarrou seus pensamentos em um emaranhado e seu estômago em nós e seu coração em uma rede de borboletas. Ela tentou, pelo menos, manter a cabeça para baixo para que ele não pudesse ler sua expressão, mas ele tocou os dedos em seu queixo suavemente, levantado-o até que ele pudesse olhar em seus olhos.

— Eu estou mais do que certo. — Disse ele, seus olhos verdes profundos, solenes e potentes. — Um Companheiro de Coração pode ver através do glamour a verdade que está por baixo, de modo que o engano não pode interferir com a Verdade do Amor. No minuto em que você viu através do meu disfarce humano, eu sabia que você era minha Companheira de Coração. Nem mesmo os deuses podem mudar isso agora.

Ela sustentou seu olhar por um espaço de uma dúzia de batimentos cardíacos antes de sentir sua boca começar a se curvar em um sorriso irreprimível.

— Tudo bem, então. — Disse ela, colocando a cabeça contra seu peito. — Vou aceitar sua palavra nisto. Por agora.

Ele riu.

— E o que será preciso antes que você esteja totalmente convencida?

— Não muito. Apenas uma década ou duas.

Capítulo Quinze

De novo, Corinne acordou com a sensação de dentes mordiscando delicadamente a sua pele, mas desta vez foi acompanhado pelo quente deslizar pesado de um pênis escorregando por trás profundamente em sua boceta. Ela soltou um gemido sonolento e arqueou as costas para aprofundar o contato. Mãos fortes e calejadas deslizaram ao redor de seu corpo para seus seios e os apertaram delicadamente.

— Bom dia. — A voz rouca matutina de Luc retumbou em seu ouvido, vibrações viajando por todo o caminho até onde seus corpos estavam unidos e fazendo o contato ao redor de seu eixo rígido.

— Mm. — Foi a única resposta que conseguiu.

Em vez de lutar para falar, ela colocou a mão por trás e enterrou os dedos nos cabelos dele, puxando os longos fios para a frente até que cobriu os dois, cobrindo-os com uma folha grossa de seda que cheirava a floresta e especiarias masculinas, forte e vibrante. Ela ouviu o ronronar de

Luc, e então ele moveu as mãos. Uma continuou tocando seu peito, provocando os mamilos alternadamente com carícias suaves e pitadas suaves. A outra mão deslizou por seu torso, sobre suas costelas e para baixo para descansar em sua barriga. Seus dedos amplos, abrangendo o espaço entre seus quadris e apertando-a contra ele, quando ele começou a mover os quadris em um ritmo profundo e preguiçoso.

Corinne cantarolou e deixou cair a cabeça contra seu ombro quando ela se entregou totalmente a seu amor. Ela deixou sua mão guiar seus quadris, balançando o traseiro contra sua pélvis para mover seu pênis dentro dela, enquanto seus dedos pegavam um mamilo e torcia delicadamente. Ela estremeceu e o levou mais profundamente.

— É isso aí, bebê. — Ele sussurrou; sua respiração, outra carícia contra a curva de sua orelha. — Doce e fácil. Nós temos todo o tempo no mundo, e nada em Ithir ou em Faerie pode se comparar com a sensação de sua linda boceta ordenhando meu pau.

— Ah!

As palavras dele enviaram arrepios através dela e ela se moveu em uma tentativa de se aproximar mais dele. Ela estendeu uma mão para trás, enrolando firme os dedos ao redor dele para tentar pressioná-lo a um ritmo rápido.

— Boa menina. — Ele lambeu o oco macio atrás de sua orelha e depois gemeu quando a ação causou a ondulação de sua boceta ao redor de seu pênis. — Está certo. Mostre-me o quanto você precisa de mim, bebê.

Ela separou suas coxas, levando-as mais perto de seu peito e colocando sua perna sobre a dele. A posição o enviou ainda mais fundo dentro dela e ela gemeu novamente. Cada golpe o levava direto ao coração dela, e ela sentiu como ondas suaves quebraram sobre sua nuca, apenas a pressão suficiente para estimular, sem causar desconforto. Ele estava deixando-a louca.

Ela tentou pressionar seus quadris com mais força contra ele, mas eles já estavam tão perto que nem mesmo o suor em sua pele poderia separá-los. Ela gemeu e apertou a cabeça com força contra seu ombro.

— Luc. — Ela sussurrou. — Eu preciso de você.

Ele a acariciou profundamente.

— Você tem a mim.

Estremecimento.

— Eu quero você.

Ele moveu seus quadris apenas uma fração, mas foi o suficiente para enviar seu pênis a acariciar um ponto doce e especial em seu interior.

— Você tem a mim.

Ela gozou com um suspiro tranquilo rolando numa onda de prazer, sua boceta se apertando ao redor dele, arrastando-o com ela num turbilhão até que ele derramou sua semente em seu corpo e seu coração em seu coração.

— Eu te amo. — Ele sussurrou.

— Você tem a mim.

Na segunda vez que Corinne acordou naquela manhã não foi tão agradável. Em vez de Luc fazendo amor com ela, ela ouviu um punho pesado batendo em sua porta da frente.

— Merda. Fergus.

Luc, já fora da cama e puxando a calça jeans, a olhou com curiosidade.

O que faz você pensar que é Fergus?

Ela lançou um olhar azedo.

— Eu tenho uma campainha. Quem mais seria rude o suficiente para ignorá-la?

Luc riu, puxou sua camiseta no lugar e se inclinou para beijá-la.

— Vá em frente e se vista. Eu vou atender a porta. E se é Fergus, eu vou fazê-lo prometer se lembrar de suas boas maneiras.

— Boa sorte. — Ela bufou.

Ele bateu em seu traseiro carinhosamente antes de ir para a sala para atender a porta. Corinne suspirou e arrastou-se para fora da cama, sentindo-se um pouco dura, um tanto dolorida e muito satisfeita. Ela e Luc não tinham realmente conseguido dormir muito de todos os modos na noite passada, mas eles conseguiram ficar energizados apesar disso. Na verdade, ela mal podia esperar para cuidar de Seoc para que eles pudessem voltar e queimar o resto da energia de uma forma mais satisfatória do que perseguir um Fae impertinente.

Ela sentiu sua boca se curvar em um sorriso. Havia apenas um Fae impertinente com quem ela queria desperdiçar seu tempo, e ele estava em uma categoria totalmente diferente de malícia.

Ela ouviu o som da abertura de sua porta e a voz de Fergus, seguida pelo estrondo ainda mais profundo da de Luc, antes dela fechar a porta para se vestir. Ela usou o banheiro rapidamente, em seguida, tirou uma roupa interior, uma camiseta preta e sua velha bermuda camuflagem e começou a se vestir. O short eram um pouco ridículos em um contexto civil, mas eles eram extremamente confortáveis e a fazia se sentir como se chutasse traseiros, o que ela pensou que poderia vir a calhar, dadas as suas atividades programadas para o dia. Eles também tinham uma infinidade de bolsos, assim ela não teria que levar sua mochila ou uma bolsa para o parque. Algo como levar uma bolsa para uma tocaia apenas parecia errado para ela.

Uma vez vestida, ela puxou as meias e amarrou as botas pretas Doc Marten, perfeitas para caminhadas, e começou a carregar seus bolsos. Como ela não conseguia ouvir nada do outro quarto, ela deduziu que os homens estavam sendo machistas juntos e discutindo estratégias ou algo assim, então ela levou seu tempo para conseguir tudo o que pensou que precisaria.

Ela agarrou seu telefone celular, uma mini lanterna e suas chaves. Estava prestes a ir para o outro quarto quando se lembrou de Fergus, então pegou o vidro de aspirina. Descobriu que o barulho poderia deixá-la tão louca quanto ele, então esvaziou um punhado na palma da mão e os

deixou cair em um bolso limpo. Melhor comprimidos cobertos de fiapos do que um colapso no meio de uma tocaia.

Finalmente pronta, ela abriu a porta do quarto e encontrou-se face a face com Fergus. Ela levantou uma sobrancelha.

— Você tem um problema? Eu estou pronta para ir, o que não poderia ter levado mais de cinco minutos, então guarde sua grosseria. — Ela franziu o cenho. — Onde está Luc?

O Fae não disse uma palavra, mas algo sobre o seu silêncio fez Corinne olhar para baixo, e foi quando ela viu a faca que Fergus segurava na mão. Afiada, brilhante e encharcada de sangue. Seus olhos se abriram, e ela abriu a boca para gritar, mas nunca conseguiu um som. Ela viu um punho vindo em sua direção, e depois não viu mais nada por um bom tempo.

Ela chegou a balançar, o que só lhe rendeu um tapa e um grunhido de advertência. Fergus pairava sobre ela, seu belo rosto torcido em um grunhido antes derrubá-la no chão com um baque.

Corinne sentiu o ar sair de seus pulmões enquanto pousava em uma raiz convenientemente colocada que ameaçou dar-lhe uma apendicectomia de improviso. Ela rolou para o lado com um gemido.

— O que diabos está acontecendo?

Fergus não se incomodou em responder. Ele estava muito ocupado consultando um mapa antigo e, em seguida, olhando para baixo, para um

objeto na palma da mão, que parecia estar brilhando de uma cor verde doentia. Corinne abriu a boca para repetir sua pergunta mais alto e com uma linguagem mais forte, mas ela mudou de ideia. Era melhor dar uma olhada nos arredores e descobrir onde estava antes de começar a perguntar-lhe o que estava acontecendo.

Ela estava definitivamente ao ar livre, a raiz da árvore que tinha cravada de lado poderia atestar isso, e a julgar pelo pouco que podia ver do ambiente na escuridão em que se aprofundava no crepúsculo, ela estava em uma área montanhosa arborizada, com as mãos amarradas na frente e muito de Nova York espalhada abaixo dela. Arriscando um palpite, ela decidiu que estava no Parque Inwood Hill e Fergus era um porcaria, um bom filho da puta. Com essa espada de 1,20m presa às costas.

— Não era Seoc tentando abrir a porta dos Faerie, afinal. — Disse ela de repente, percebendo o brilho através dela. Sua voz soava estranhamente alta na zona calma. — Era você. Luc estava em uma pista falsa procurando pelo sobrinho da Rainha, enquanto você esteve testando as portas antigas para ver se alguma delas ainda funcionava, seu merdinha.

Fergus levantou os olhos do mapa para zombar dela.

— É aqui que eu tenho que dizer-lhe os detalhes do meu plano covarde enquanto você procura um punhal escondido para desamarrar as cordas? Odeio decepcionar você, humana, mas eu não sou tão estúpido, e você não tem um punhal. Eu procurei antes de deixarmos o seu

apartamento. Eu já tirei suas chaves. Então cale a boca e me deixe trabalhar.

Corinne bufou.

— Certo. Claro. Deixe-me facilitar isto para você tanto quanto possível, porque esse é o meu objetivo principal sempre que alguém me sequestra.

Ele olhou para ela com desdém, seu lábio enrolado em um sorriso malicioso.

— Se eu estivesse em seu lugar, e eu tivesse visto o sangue do meu Companheiro de Coração manchando a lâmina do punhal do inimigo, e acho que reavaliaria meu objetivo principal.

Corinne se acalmou, sua mente lampejando para o momento em que ela abriu a porta para encontrar Luc fora da vista e Fergus de pé na frente dela com uma faca e má intenção. Ela esperou a onda doentia de tristeza cair sobre ela e piscou quando não aconteceu. Depois que ela e Luc tinham conversado na noite passada sobre os Companheiros de Coração e os laços que compartilhavam, ela esperava que sua morte a devastasse. Então, isso significava uma de duas coisas: ou Luc estava mentindo sobre serem Companheiros de Coração, ou ele não estava realmente morto. Uma vez que até a Rainha dos Faerie fez alusão ao cenário de Companheiros de Coração, ela decidiu que iria, também.

Luc ainda estava vivo, e se ela o conhecia, achava que em breve ele deixaria Fergus muito, muito mal por sua traição. Enquanto isso, ela

precisava se manter viva e encontrar uma maneira de sair desta situação. Apenas por precaução.

— Se você fosse me matar, seu maldito, você já teria feito isso. — Ela usou os cotovelos para se empurrar em uma posição sentada, fazendo parecer mais trabalho do que era para que ela pudesse pôr as mãos no bolso por um segundo. Ela não precisava de uma faca ou de suas chaves para tornar as coisas difíceis para esse idiota. — O que significa que você precisa de mim para algo. Então, perdoe-me por não beijar seu traseiro.

— Ao contrário do poderoso Lúcifer, eu percebo que um ser humano não é digno de beijar a meu traseiro. — Disparou ele. — E não se iluda. Você está aqui apenas para o caso de seus amigos aparecem antes de eu abrir a porta. Uma vez que conseguiu, eu acabo com você.

Ela endureceu. Este cara precisava de uma aula de Homem mau 101. Contar a uma refém que você planejava matá-la quando você conseguisse o que queria acabava com todo o seu incentivo para cooperar e a fazia muito mais provável lutar a cada passo do caminho. Mas ela não iria perder a vantagem dizendo-lhe isso.

Ela zombou dele, em vez disso.

— O quê? Você não cuidou deles também, antes que me arrastasse até aqui? Um mentor criminoso como você.

Ele ignorou a provocação, segurando a coisa verde brilhante em sua mão, o qual ela podia ver agora, se parecia com algum tipo de pedra, apontando para o alto, em direções diferentes, como uma bússola.

Quando ele encarou o morro em frente a eles, mesmo Corinne podia ver o brilho da pedra.

— Estamos perto. — Fergus murmurou. — Mas temos de ir mais para o alto. Vamos.

Ele agarrou Corinne pelos braços e a levantou, empurrando-a ao longo do caminho em frente a ele, marchando até a colina. Ela apertou as mãos em punhos e, a cada poucos metros, movia seu dedo médio para permitir que um comprimido branco de aspirina caísse despercebido no chão. Ei, João e Maria tinham farinha de rosca, ela tinha aspirina. Crianças não tinham o seu tipo de dor de cabeça.

Eles caminharam sobre o terreno acidentado, o que era mais difícil do que parecia, especialmente devido à diminuição da luminosidade e do fato de que um deles tinha suas mãos amarradas na frente dela, mas Fergus só manteve seus olhos sobre a pedra na mão e seguiu em frente.

Corinne manteve os olhos abertos para qualquer chance de escapar, mas ainda amarrada, ainda andando na frente dele e ainda querendo ter a chance de impedi-lo de abrir a porta, a chance não veio. Se tivesse sorte, a cavalaria viria para o resgate e ela não iria acabar tendo que correr por sua vida. Ela gostava desse cenário.

Desde que o plano era se encontrar na casa de Rafe às três e, a julgar pelo anoitecer, era provável estar mais perto das oito, então ela sabia que Rafe, Dmitri, Graham e seus amigos já saberiam que algo havia dado errado. Se eles se preocuparam em verificar seu apartamento, provavelmente encontraram Luc e eles estariam condenados se não

cuidassem bem dele e, em seguida, eles estariam atrás dela. E se qualquer um deles usasse seu dom sobrenatural por uma boa causa dessa vez, eles estariam em seu encalço às sete, o mais tardar. Eles não podiam estar muito atrás de Corinne e Fergus, então ela simplesmente cruzou os dedos, continuou soltando seu rastro de aspirinas e esperava que eles tivessem pressa.

Capítulo Dezesseis

Luc não acordou balançando, o balanço o acordou, praguejando e estrangulando um Graham desavisado. Isso não durou muito, já que Missy imediatamente gritou algo desagradável e saltou para frente para plantar o pé em seu braço. Graham aproveitou a oportunidade para sair do controle do Fae enfurecido.

— Acalme-se, antes de decidirmos deixá-lo sangrar até a morte. — Disse Rafe, falando com calma sobre o som da fala furiosa de Missy e a risada baixa de Dmitri. — Poupe a raiva para aquele que tentou destripar você.

— Onde está Corinne?

— Se foi. — Graham esfregou a mão sobre o pescoço machucado. — Presumivelmente, com quem tentou destruir você. Mas não há nenhuma evidência de sangue ou que ela tenha se machucado.

— Fergus. — Luc cuspiu o nome com um gosto amargo na boca. Ele relaxou um pouco, porém, porque agora que ele tinha tempo para respirar, ele podia sentir que ela ainda estava viva. Ele saberia se sua Companheira de Coração fosse tirada dele.

Rafe assentiu.

— Eu pude sentir o cheiro dele aqui, mas não tenho a pretensão de entender o que aconteceu.

— Eu tenho minhas teorias. — Luc rosnou quando ficou de pé.

— Ei. — Reggie repreendeu, apressando-se para pressionar uma gaze grossa em uma ferida grave sangrando se lado. — O que diabos você pensa que está fazendo? Você está ferido!

Ele tentou tirá-la, mas ela se agarrou como um percevejo, e com Dmitri observando de perto, ele não poderia exatamente se colocar de costas para ele.

— Não se preocupe com isso. Eu vou ficar bem. Precisamos encontrar Corinne.

— Você vai fazer muito por ela assim. O que vai fazer para salvá-la de Fergus? Sangrar em cima dele?

Ele começou a protestar, mas então Missy assegurou-se da proteção de Graham e subiu a bordo com Reggie.

— Você tem que cuidar dessas feridas antes de ir a qualquer lugar, ou você não vai ser muito bom para Rinnie ou qualquer outra pessoa. — Ela repreendeu. — Essas facadas estão horríveis.

Luc fez uma careta.

— Elas seriam piores se ele tivesse sido inteligente o suficiente para usar ferro, mas estas são de prata. Elas vão curar rápido o suficiente. Mas precisamos ir agora, antes que ele tente machucar Corinne.

— Ele já te machucou. — Reggie empurrou com força suficiente contra sua ferida para fazer pulsar a maldita coisa desconfortavelmente. — E eu, por exemplo, não quero ser a única explicando a Corinne que o deixamos fugir e que sangrou até a morte, antes que pudéssemos alcançá-la. Ela é malvada quando fica com raiva.

— Sim, eu percebi isso.

— Então, faça-nos um favor e sente-se tempo suficiente para fecharmos os curativos em você, e então você pode ir atrás de Corinne, certo? — Missy não esperou por sua resposta e voltou para o banheiro.

— Traga muita fita adesiva! — Reggie gritou atrás dela, antes de se voltar para Luc. — Certo. Agora essa camisa tem que sair. Tire.

Os olhos de Luc se arregalaram e focou no rosto de Dmitri. O vampiro olhou ao mesmo tempo surpreso e com ciúmes.

— Por que você não nos conta sobre essas teorias que tem sobre Fergus, meu amigo. — Dmitri sugeriu, cruzando os braços sobre o peito e mantendo um olho de águia em sua pequena mulher, assim que ela e Missy começaram limpar o sangue Fae. — Isso vai me distrair para que eu não ceda ao impulso de dar-lhe alguns ferimentos novos eu mesmo por ter as mãos de minha esposa em você.

Luc poderia simpatizar. Ele abriu os braços para dar às mulheres o acesso a seus ferimentos.

— Eu estou chutando a mim mesmo por que eu nunca suspeitei.

— Disse ele. — Mas agora eu percebo que foi Fergus o tempo todo, não Seoc. Oh, o sobrinho da Rainha é irresponsável e chato, e eu não tenho dúvida de que era ele o Fae que todas aquelas testemunhas relataram ter visto, mas nunca foi ele tentando abrir as portas. Isso foi Fergus.

— Mas por que ele faria isso? — Graham perguntou. — Ele não tem tanto a perder como qualquer um dos Fae se as portas forem abertas? Pelo menos com Seoc, eu poderia ver como uma vingança contra a coisa do controle de sua tia.

— Eu não cheguei a um porque ainda. — Luc disse — Mas acho que eu encontrei o como. Fergus era o Guarda em serviço na noite em que Seoc entrou em Ithir, e eu acho que não só Fergus sabia sobre isso, ele o ajudou, sabendo que Seoc seria a distração perfeita, enquanto Fergus iria procurar a porta. Não seria difícil para um guarda deslizar com bastante regularidade em seus deslocamentos, sem ninguém suspeitar. Ele teve acesso, e ninguém poderia questionar a lealdade dos guardas da Rainha.

— Cobertura perfeita. — Dmitri fez uma careta, e Luc esperava que fosse pela traição de Fergus e não sobre o fato de que Reggie estivesse atualmente pressionada contra seu peito enquanto passava o rolo de fita em suas costas.

— Exatamente. — Ele continuou, calculando que uma distração não poderia machucar. — Isto provavelmente não foi difícil. Tudo o que ele tinha a fazer era manter o nariz ao redor, enquanto Seoc desse motivos, e ele pode até usar o seu lugar na Guarda para manter-se atualizado sobre o

quão perto estávamos de encontrar Seoc. E ontem, demos-lhe tudo o que ele precisava para encontrar a porta. — Sua boca se torceu em desgosto. — Nós praticamente entregamos o local a ele.

Missy arrancou o último pedaço de fita e apertou-a contra a sua pele antes de recuar e entregou-lhe uma camiseta limpa. — É verdade, mas ele não sabe mais do que nós. Nós vamos chegar a ele antes de acontecer alguma coisa.

Graham concordou com a cabeça e entregou a Luc a mochila que tinha deixado em Vircolac. Eles devem ter carregado quando foram procurá-lo. — Ela está certa. Nós sabemos exatamente onde ele foi, e sabemos o que ele está planejando. Ele é um idiota se acha que não vamos encontrá-lo e detê-lo.

— É verdade. — Luc rosnou. — Ele é um idiota, mas é o idiota que tem a minha Companheira.

Corinne amaldiçoou quando tropeçou em uma outra raiz. O sol tinha se posto e a luz estava desaparecendo, tornando o longo terreno rochoso uma subida lenta e traiçoeira. Ela já tinha esfolado ambos os joelhos e perdido o resto de sua aspirina em uma grande pilha alguns tropeços atrás. Só esperava que houvesse o suficiente para uma trilha para Luc encontrá-la.

Ela nunca duvidou que ele iria por ela. Ela só esperava que ele conseguisse chegar antes de Fergus conseguir abrir a porta de Faerie. Ela

ainda estava lutando para se acostumar ao fato de que ela estava dormindo com um Fae, definitivamente não queria ver o que viria perambulando em Ithir se Fergus fizesse o seu caminho.

— Você sabe, eu não quero fazer você virar o vilão clichê. — Ela disse, assim que passou por cima de um tronco de árvore caído. — Porque, principalmente, eu só quero que você morra, mas estou tendo problemas com o porquê de todo esse cenário. Por que diabos você quer abrir a porta? Tem tanto a perder como qualquer Fae se os seres humanos começarem a cair em Faerie, certo?

— Os seres humanos são tão simples de mente. — Ele zombou. — Eu não poderia me importar menos se Faerie vibrasse com suas detestáveis espécies pequenas, contanto que a cadela seja destronada e eu me levante em seu lugar.

Corinne fez uma pausa para olhar para ele.

— Oh, merda. — Ela respirou. — Você não é apenas um idiota, você é um louco megalomaniaco, também. Oh, homem, isso é uma merda.

Ele retirou a mão e bateu nela de forma tão casual que ela nem viu acontecer. Em um minuto ele estava olhando para ela com seu sarcasmo característico, no outro ela estava escolhendo-se na terra e limpando o filete de sangue de sua boca. — Cuidado com o que você diz humana. Eu ainda tenho a opção de matá-la lentamente se você me irritar.

— Existe realmente alguma maneira que eu possa não irritar você?

Ele parou por um momento.

— Não, eu acho que não.

Ela enxugou os dedos sangrentos em seu short e observou-o consultar sua pedra brilhante. — Falta muito?

Ele a ignorou.

— Eu posso mudar isso para, “nós já estamos lá?”, Mas eu estava tentando ser legal.

— Estamos quase em cima dela. — Ele não se preocupou em olhar para ela. — Agora cale-se e mantenha-se em movimento.

Ela se moveu, mas também maquinava. Eles estavam fazendo muito barulho para ela saber se alguém os estava seguindo. Bem, para ser honesta, ela estava fazendo muito barulho. Fergus parecia mover-se silenciosamente, embora, como qualquer um poderia caminhar sobre folhas secas e galhos e pedras soltas, sem fazer um som estava além do seu entendimento, mesmo que ele não fosse humano. Desde que ela não podia dizer se Luc tinha pego a trilha deles, ela tentou atrasá-lo.

— Bem, bem. — Ela bufou. — Entendo o objetivo do poder. Isso é compreensível, mas se você é o único que vem causando todo este problema, onde Seoc realmente está? Foi ele quem enviou Hibbish e aquele barman para o limbo, ou foi você?

Ele riu friamente.

— O único no limbo é Seoc. Os seres humanos estão mortos. Eu não os queria contando a história de dois Fae vagando por sua cidade. Ter exposto Seoc foi uma cobertura conveniente, mas expor a mim seria demais para deixar passar.

Corinne sentiu o estômago revirar pelo modo insensato que ele relatou a notícia, como se a morte não significasse nada para ele. É claro que eles significavam “nada”.

— Seu maldito pequeno, — Ela resmungou.

— Eles eram humanos e, portanto, dispensáveis.

Ele a empurrou para a frente, ignorando seus silvos de dor. Quando ela tropeçou mais uma vez, ele a puxou para seus pés e a empurrou mais rápido. Ele a teve quase correndo até o topo da colina, lutando desesperadamente para manter seu equilíbrio. Sua respiração veio em arfadas rasas pelo tempo que ele a arrastou para uma parada e a empurrou contra a base de um tronco de árvore.

— Fique aí.

Ele não era estúpido o suficiente para virar as costas para ela, infelizmente, mas ele tinha claramente a segurado antes de atingir o chão. Corinne apoiou-se contra a árvore e olhou-o com cautela. Sua pedra brilhante estava da cor azul-esverdeada, o mesmo tom de todos os anúncios das águas do Caribe. Esse parecia ser o sinal que ele estava procurando, porque a embolsou e começou a examinar as formações rochosas e quase-cavernas que cobriam o morro rochoso.

Ele estava murmurando algo baixinho, e ela realmente esperava que não fosse o feitiço que iria abrir a porta.

— Agora seria um bom momento para a cavalaria. — Ela murmurou.

— Cale-se! — Ele rosnou. — Fique quieta, ou eu vou acabar com você.

Ela não duvidou e desde que ela realmente precisava estar consciente, ela se calou e o observou procurar. Ela pensou em tentar distraí-lo falando ou correndo, mas desde que ela precisava estar consciente, no caso da cavalaria não chegar, ela se absteve. Melhor recolher a sua energia e esperar por uma oportunidade para enfrentá-lo e mantê-lo a partir de "magia-ção" da porta aberta. Se ele cumprisse suas ameaças em deixá-la inconsciente, ela nunca teria uma chance.

Ela observou como Fergus corria as mãos ao longo de uma fenda na rocha e endureceu quando ele cantou em triunfo.

— Finalmente! — Ele deu um passo para trás e virou a cabeça para enviar a Corinne um sorriso particularmente desagradável. — Só mais alguns minutos, e então eu posso cuidar de você também.

Ele encarou a pedra, abriu os braços e começou a cantar na mesma língua que ela tinha ouvido Luc praguejar depois que ela o irritou muito. Ela amaldiçoou. Era isso. Não havia nenhum sinal de Luc ou dos outros, ainda, e seu tempo tinha acabado. Mesmo enquanto lutava com seus pés, ela viu alguma coisa começar a acontecer.

A fenda que Fergus tinha explorado começou a brilhar, no mesmo tipo de cor turquesa que a rocha que o Fae tinha usado para levá-los lá. Começou como uma linha fina de luz e lentamente foi se expandindo até que ficou tão alto quanto o Fae e quase da mesma largura. Corinne sabia que a qualquer momento seria grande o suficiente para alguém ou alguma coisa passar.

— Oh, bem. — Ela murmurou para si mesma, reunindo-se para um salto. — Se você quer algo bem feito...

Ela empurrou, mas nunca o atingiu. Pelo menos, não Fergus.

Ela ouviu um grunhido e quase simultaneamente viu uma figura borrada lançar-se das árvores e a empurrou bruscamente com o ombro para o lado antes de bater de corpo inteiro em Fergus. Ambas as figuras caíram na terra e rolaram por vários segundos antes de um grito rouco chamar sua atenção para a floresta. Luc e Dmitri surgiram correndo completamente inclinados em direção a Fergus, com Reggie e Missy apressadas atrás, com as mãos de Rafe em cada um de seus ombros. De um lado, Luc segurava uma espada enorme que brilhava devidamente sob a luz fraca que sangrava para o parque da cidade abaixo.

Os olhos de Corinne voaram sobre seu Companheiro de Coração, mas ela não podia ver nenhuma lesão. Apesar da faca de Fergus ter estado coberta de sangue, ele não deve ter feito nenhum dano permanente. Alívio ameaçou levá-la de joelhos. Só que ela já estava lá, onde ela pousou após o impacto do peso de Graham contra seu ombro, tinha-a enviado para baixo. Ela estava tão perto que teve que lutar para sair do caminho antes que eles rolassem direto nela.

A figura lutando com Fergus se afastou, e agora Corinne podia ver que aquele que inicialmente tinha atacado Fergus tinha pele escura com pontas de prata ao longo da coluna vertebral, e definitivamente não era humano. Era um lobo.

Graham.

O homem lobo se afastou de Fergus deixando a Luc a chance com ele. Mesmo Dmitri parecia saber que devia se afastar, a batalha pertencia ao guerreiro Fae e não a seus amigos, não importando o quão bem-intencionados. Em vez disso, Graham colocou-se entre Fergus e Corinne e rosnou para ela quando ela tentou ir para Luc.

— Fergus. — A voz de Luc era um rosnado baixo, feral que soava quase como se viesse da garganta de Graham. Ele parou a alguns metros do outro Fae e viu como Fergus levantou-se lentamente. — Você deveria ter se esquecido da porta e continuado a correr, porque no momento em que tocou a minha Companheira, você selou seu próprio destino.

— Tão dramático. — Fergus zombou. — Mas diga-me, Capitão, como está se sentindo? Eu espero que você não tenha se importado com a sensação da minha faca deslizando entre as suas costelas, porque eu tenho o desejo de repetir a experiência.

— Pena que você não vai conseguir realizá-la. Eu vou dar-lhe uma escolha, Fergus de Eithdne. Você pode se render a mim e consentir ser levado em ferros de volta à nossa Rainha, ou você pode morrer, aqui e agora, por crimes contra a Rainha Mab e todos de Faerie. Você escolhe.

Corinne estava tão perto que ela pode ouvir o som do assobio da espada de Fergus quando ele a puxou da bainha. Mesmo se ela estivesse mais longe, porém, ela duvidava que teria sido capaz de evitar o que aconteceu em seguida. Como estava, ele se moveu tão rápido que ela quase não o viu fazê-lo, em direção a Luc e depois girando ao redor de Graham, de forma insuspeita, para pegar Corinne pelos cabelos e puxá-la

pelo chão até que ela se ajoelhou na frente dele. Ele segurava seu cabelo com força, apoiando-a contra sua coxa, enquanto ele segurava a espada na outra mão.

— Eu acho que você deve escolher. — Fergus levantou sua espada e colocou a ponta em sua garganta. — Ou você termina de abrir a porta e me deixa passar ou eu vou cortar a garganta de sua Companheira e ver se ela sangra mais rápido do que você.

Luc soltou um rugido de raiva e atirou-se para frente, apenas para pegar a si mesmo a meio passo quando a espada de Fergus cortou a pele de Corinne, enviando uma gota pequena de sangue a deslizar para baixo em sua garganta.

— Tenha muito cuidado, meu amigo. — Fergus zombou. — Eu não estou me sentindo caridoso com a humana, para começar, por isso não seria nenhuma dificuldade vê-la morrer. Na verdade, eu só poderia apreciar.

Luc rosnou impotente, mas ele se acalmou e encontrou o olhar de Fergus com raiva queimando em seu próprio.

— Muito bom. Agora abra a porta.

Corinne encontrou o olhar de Luc e viu frustração. Sua preocupação a tocou, mas também a chateou, porque ela tinha certeza que ele iria ceder às exigências de Fergus e abriria a porta de Faerie ele mesmo. Para salvá-la. Ela queria gritar de frustração. Entre Graham, Dmitri e Luc havia poder suficiente para esmagar Fergus em pequenos pedaços, mas porque ele tinha uma espada em sua garganta, todos os três ali estavam

completamente paralisados. Mesmo Reggie e Missy pareciam muito intimidadas para se mover. Droga, eles tinham que superar esta pequena fobia de vê-la morrer.

— Não faça isso, Luc. — Ela disse, sua voz tremendo. Não com medo, mas de raiva.

Seu Companheiro de Coração falou em uma voz trêmula.

— Eu não posso deixar ele te machucar.

— Isso é tocante. — Fergus interrompeu. — Repulsivo, mas tocante. No entanto, é também bastante inútil. Eu não sei como posso simplificar isso mais para você. Ou abre a porta, ou a humana morre. Escolha.

Luc praguejou e virou-se para a parte da entrada que brilhava. Corinne gritou.

— Não se atreva! — Ela não se importava com o punho em seu cabelo ou a lâmina na garganta ou qualquer outra coisa. O que importava era que Luc não podia jogar fora tudo o que ele representava, porque algum lunático com um complexo de superioridade estava segurando uma faca nela.

— Cale a boca! — Fergus gritou, soltando o aperto em seu cabelo para que ele pudesse prendê-la contra o lado da cabeça.

Idiota. Isso era tudo o que ela precisava.

Ela se jogou para trás, gritando como se sentisse um aglomerado enorme de seu cabelo ficar para trás na mão de Fergus. A força de seu movimento a fez bater no chão de forma mais dura do que quando ela

caiu anteriormente, expulsando ar. Sua cabeça caiu num rude golpe contra uma pedra, fazendo sua visão lampejar e borrar.

Ela não pode ver o que aconteceu depois, mas com certeza ouviu. Rugido ecoou em seus ouvidos, e ela não poderia dizer se veio de Luc ou de Fergus, ou dos outros, ou mesmo todos eles de uma vez. Ela sabia que a torcida vinha definitivamente de Reggie e Missy. Ela ouviu o som de uma briga, mas seus olhos tinham se fechado contra a dor cegante em sua cabeça, e ela não podia deixá-los abertos. Náuseas enervantes em seu estômago e ela se enrolou instintivamente em posição fetal, engasgando, impotente. Ela não tinha forças nem para protestar quando sentiu duas mãos pequenas enganchando em seus braços e a arrastando para fora do caminho da luta.

Eles não precisavam ter se incomodado. Com a vantagem de quatro contra um, Fergus não durou muito tempo. Antes mesmo de terem parado de se mover, o silêncio desceu sobre a colina.

Bem, o silêncio pontuado pelo som doentio de um punho batendo violentamente contra carne e osso.

— Luc. Luc, pare! — Ela ouviu. — Ele está inconsciente. Pare antes de matá-lo.

Rafe. A voz da razão.

— Por que deveria? Ele tocou a minha companheira.

— Mas ela está segura agora. E você quer ter de explicar sua morte para a Rainha?

Um breve silêncio. Corinne lutava para respirar pela boca e enfrentar a dor. Pelo menos, a náusea parecia estar amenizando.

Ela ouviu vagamente um resmungo, então mais silêncio até que ela foi levantada e colocada em um colo duro, aconchegada em braços musculosos.

— Sinto muito, querida. — Sentiu seus lábios se movendo contra a sua testa quando ele pressionou sua bochecha em seu cabelo. — Eu te amo tanto. Eu sinto muito que ele te tocou. Deveria ter sido mais rápido.

— Tudo bem. — Sua voz falhou e guinchou, mas percebeu que era o suficiente para mostrar seu ponto de vista. Ela estava bem. Ou estaria. Eventualmente. Embora precisasse dizer algo mais. Ela abriu os lábios e reuniu força. — Amo, também. — Não era muito claro, mas ele era um cara brilhante. Às vezes. Entenderia.

Seus braços se apertaram convulsivamente ao redor dela e ela soube que sim.

Ela apertou o rosto contra o peito e gemeu a extremamente importante palavra.

— Aspirina?

Então desmaiou, segura nos braços de seu Companheiro de Coração.

Epílogo

— Precisa de Tylenol.

Depois dos médicos checarem para se certificar que ela não tinha uma concussão, prescreveram os medicamentos e a deixaram aos cuidados de Luc. Ele teve que brigar com Reggie e Missy pelo privilégio.

— Você está bem? Sua cabeça dói?

Ela suspirou. — Não mais do que da última vez que você perguntou. Cinco segundos atrás.

Ela abriu um olho para ver o rosto de Luc pairando sobre ela. Ele a tinha levado a Vircolac para um quarto que Graham providenciou ao invés de levá-la de volta a seu apartamento. Ela estaria mais confortável, ele disse a ela, com serviço de quarto 24 horas.

— Não é para isso que você está aqui? — Ela perguntou.

Ele estava sendo incrivelmente solícito, tanto que estava começando a deixá-la nervosa. Era para ser adorada, mas não quando ele parecia ter medo de lidar com ela como se tivesse girando vidro.

— Você quer um copo com água? Não pode tomar outro comprimido por uma hora, mas eu poderia fazer um encanto se sua cabeça doer demais para esperar.

— Eu estou bem. Pare de rondar. Quer ir embora, ou vir para a cama comigo, porque eu estou perto de um segundo de esquecer as ordens do médico e ir para casa sozinha.

Ele foi para a cama com ela. — Desculpe. — Ele disse, parecendo tímido e adorável. — Você só me assustou como o inferno quando desmaiou.

— Eu me assustei um pouco. — Ela murmurou, aconchegando-se contra seu peito e sentindo seus braços muito suavemente ao redor dela. — Mas eu estou bem agora. O médico ainda disse que não houve nenhum dano permanente. Eu vou estar como nova em um par de semanas.

— Eu ainda gostaria que Rafe me deixasse matá-lo.

Ela sorriu.

— Mas então eu teria ciúmes já que não dei uma lambida nele. — O sorriso desapareceu e ela olhou para ele. — Eu estou feliz que ele tenha te impedido, no entanto. Mab estava chateada o suficiente pelo que ele fez, mas acho que teria sido ainda pior para ela se você tivesse.

Ele suspirou contra seu cabelo.

— Ela estava chateada. Ela nunca imaginou que um de seus Guardas iria traí-la.

— Ninguém o fez. Mas pelo menos ela tem Seoc de volta em segurança.

Luc riu.

— Sim, e ele vai usar sua inocência para sair de problemas por séculos.

— Ei, eu faria isso também, se eu tivesse sido tão falsamente acusada.

Ele riu. E deu um beijo no topo de sua cabeça. — Ela pediu para ser convidada, você sabe.

Corinne franziu o cenho.

— Mab? Para o que ela quer ser convidada?

Ele sorriu um pouco.

— Nosso casamento.

Ela congelou.

— Nós vamos nos casar?

— Bem, desde que nós estaremos vivendo juntos aqui em Ithir e eu pretendo ficar com você até o fim de nossos dias, pensei que poderíamos.

Corinne tentou ignorar a agitação em seu estômago e a plenitude em seu coração dolorido.

— Mas você disse que Faes não se casam.

— Você não é Fae. — Ele disse simplesmente. — Eu pensei que a faria feliz.

Isto a deixaria em êxtase, ela percebeu, mas como ela não tinha a intenção de deixá-lo pular todas as etapas entre encontros e casamento. Ela queria todas essas coisas boas também.

— Vai. — Ela admitiu. — Mas nós não vamos fazer isso ainda.

Ela o sentiu endurecer-se.

— Por que não?

— Porque eu quero namorar primeiro. — Ela o puxou de volta e sorriu para ele. — Olhe isto deste modo. Você sabe que eu vou dizer sim, o que tira a pressão, mas você ainda tem a diversão de tentar me convencer.

Ele riu suavemente. — Ah, eu entendo. Nesse caso, descanse, querida. Você vai precisar de sua força para a minha persuasão.

— Eu não posso esperar.

Eles ficaram deitados em silêncio por alguns minutos, e Corinne sentiu que a sonolência causada pelas drogas e os eventos das últimas horas começaram a aparecer. Ela podia ouvir seu coração batendo constantemente sob seu ouvido, e sabia que não havia lugar que ela preferia estar do que em seus braços. Ela não podia esperar pelo futuro.

Não percebeu que ela caiu no sono, mas quando acordou de novo, Luc tinha ido embora e o relógio lhe disse que ela ficou apagada por quase três horas. Ela virou-se e fez uma careta de dor de cabeça.

— Aqui. Pegue um remédio.

Ela aceitou o comprimido que Missy empurrou em sua mão e engoliu com um gole de água do copo que foi pressionado contra seus lábios. Quando ela deixou cair a cabeça para trás e abriu os olhos devagar, ela viu Missy e Reggie sentadas em lados opostos de sua cama. — Onde está Luc?

Missy sorriu.

— Graham, Rafe e Dmitri o levaram para longe de você tempo suficiente para alimentá-lo. Ele estava começando a ficar um pouco cinza.

— Nós pensamos que eles planejam embebedá-lo, também. Só para comemorar.

Corinne fez uma careta e olhou ao redor, seu olhar deu uma parada brusca quando viu Ava observando-a ao pé da cama.

— O que? — Ela perguntou. — Sem Danice?

— Nós não conseguiríamos achá-la. — Disse Reggie. — Ela ainda não voltou do caso misterioso de fora da cidade que ela jogou sobre nós no mês passado. Mas deixou uma mensagem na secretária em casa.

Corinne revirou os olhos, então estremeceu com a dor que causou.

— Não é como se eu estivesse à beira da morte ou qualquer coisa assim.

— Oh, nós sabemos. — Ava demorou. — Mas pensamos que ela gostaria da chance de atormentar você sobre o Alto, Moreno e Faerie.

— Fae. — Ela corrigiu.

— Que seja. Então desembucha. Conte-nos tudo sobre ele.

— Compre um filme.

— Eu não gosto de filmes pornográficos, querida. Eu prefiro ler o livro, mas leva muito tempo, e você pode resumir para mim.

— Você não pode ter uma vida própria, em vez de se esgueirar na minha?

— Por que eu deveria?

Corinne olhou impotente para Reggie e depois para Missy pedindo ajuda. Elas apenas sorriram para ela.

— Não olhe para nós. — Disse Reggie. — Ela fez isso com a gente, também.

— É como um rito de passagem. — Missy acrescentou. — Todas nós temos que passar por isso, eventualmente.

Corinne fez uma careta.

— Isso é ridículo. Ela não tem o direito de se esgueirar assim.

Ava arqueou uma sobrancelha fina e escura.

— Por que você acha que eu esperei até que você estivesse exausta e vulnerável? Agora desembucha.

Corinne sabia o quanto foi espancada, mas isso não a impediu de olhar seria e furiosamente para o objeto de seu descontentamento.

— Tudo bem. — Ela resmungou. — Até que Luc escape e venha me resgatar, isto está se tornando um cenário dolorosamente familiar, eu vou satisfazer a sua curiosidade lasciva. Mas lembre-se disso. Um dia, em breve, vai ser a sua vez de responder a perguntas sobre sua vida amorosa.

Ava riu.

— Corinne, querida, o dia em que me apaixonar será o dia em que eu vou responder a qualquer pergunta que qualquer uma de vocês quiser me fazer.

Corinne sentiu a curva de sua boca em um sorriso malicioso, e viu a mesma expressão espelhada nos rostos de Reggie e de Missy.

— E eu ainda tenho testemunhas. — Ela ronronou. — Eu quero que você se lembre da promessa, Av, porque teremos um grande prazer em te lembrar dela. E o amor tem o mau hábito de ignorar o que você quer, dando-lhe exatamente o que você precisa.

FIM